

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Dissertação de Mestrado em Musicologia

Cândida Bela Parrochinha Paulo Lóios

Orientadora: Professora Doutora Vanda de Sá M. Silva



**“A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e
1910”**

Cândida Bela Parrochinha Paulo Lóios

Dissertação apresentada à Universidade de Évora para a obtenção do grau de Mestre em
Musicologia

Orientadora: Professora Doutora Vanda de Sá M. Silva

Évora, Outubro de 2010

«Não só pela inestimável contribuição que dão à cultura nacional, mas também pela inerente missão de embaixadores – os maiores – da mesma cultura junto de outros países, as Bandas Filarmónicas são grupos de gente viva, consciente e dedicada, a merecer todo o carinho e louvor públicos e o justo olhar dos responsáveis pela nossa identidade nacional [...]».

Portugal, L (2004: 11). *Ranchos Folclóricos e Bandas Filarmónicas, a voz e a alma de Portugal*. Lisboa.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

RESUMO

O trabalho de investigação que se pretende realizar centrar-se-á no estudo da Sociedade Filarmónica Luzitana no contexto sociocultural na cidade de Estremoz entre 1880 e 1910.

Num primeiro momento, apresenta-se uma abordagem relativa à sociedade em Portugal, nos últimos vinte anos do século XIX, em termos políticos, económicos e culturais, assim como a sua evolução ao longo de trinta anos para um enquadramento histórico do objecto de estudo.

Tendo por base documental os periódicos da cidade de Estremoz, desde o ano de 1886, «A Aurora d'Estremoz», que mais tarde viria a intitular-se «O Jornal d'Estremoz», assim como um livro de actas lavradas entre 1884 e 1902, será investigada toda a situação da Sociedade Filarmónica Luzitana, ou seja, a sua origem, constituição, estatuto socioprofissional dos músicos, festas onde a Banda Filarmónica actuava e a respectiva data e o tipo de repertório executado, tentando aferir o enquadramento das festas em função do calendário litúrgico e das festas públicas de alcance nacional ou local. Esta abordagem permitirá avaliar o papel da Sociedade Filarmónica no quadro da vida cultural da cidade de Estremoz, tendo em conta os contextos em que actuava ou participava.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

ABSTRACT

The Philharmonic Luzitana Society of Estremoz between 1880 and 1910

The research we want to achieve focus will be the study of the Luzitana Philharmonic Society and the socio-cultural aspects in the city of Estremoz in the period 1880 - 1910.

At first, we'll make an approach to society in Portugal over the past twenty years of the nineteenth century in political, economic and cultural as well as its evolution over thirty years for a historical background of the object of study.

Based on the documentary of the periods of the city of Estremoz, since the year 1886, "O Aurora d'Estremoz", which would later call itself "O Jornal d'Estremoz", as well as a minute of 1884 till 1902 and will be investigated all situation about the Luzitana Philharmonic Society, like origin, constitution, socio-professional status for musicians, parties where Philharmonic Band acted and the date and type of repertoire performed, trying to assess the framework for the parties in accordance the liturgical calendar and public festivals nationwide or local. This last point will evaluate the role of the Philharmonic Society as part of the cultural life of the city of Estremoz, taking into account the contexts in which the Luzitana Philharmonic Society acted or participated.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

AGRADECIMENTOS

A candidata ao grau de mestre, elaboradora desta monografia aproveita o ensejo para agradecer à Direcção da Sociedade Filarmónica Luzitana, especialmente ao Paulo Coelho, que desde o primeiro momento disponibilizou o arquivo e toda a documentação pertencente a esta entidade e sem a qual não teria sido possível a realização da dissertação, endereçando, igualmente, a sua gratidão à sua orientadora, Senhora Professora Doutora Vanda de Sá, pelo apoio que lhe tem prestado e por se ter disponibilizado a orientar esta monografia; à Sociedade Montemorense, devido a ter-lhe cedido os livros das actas desta instituição; aos seus pais, marido e filho, que sempre se mostraram pacientes, solidários e compreensivos, desde que se prestou a elaborar o trabalho, não podendo dedicar-lhes tanta atenção como eles merecem, ao seu irmão, pelo incentivo que sempre lhe deu, desde o primeiro momento em que soube da elaboração deste trabalho e pela preocupação que lhe tem demonstrado, assim como ao seu amigo Luís Filipe Carvalho, pelas ideias que sugeriu e troca de impressões sobre o tema.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

DEDICATÓRIA

Gostaria de dedicar este meu trabalho ao meu filho, a quem pretendo deixar, também, a «herança» que recebi dos meus pais, ou seja, a honestidade, a humildade e o prazer pela música. Naturalmente que ele seguirá o caminho que lhe convier e para o qual terá apetência, porém, pretendo dar-lhe a conhecer esta minha grande paixão que é a música e procurar fazer-lhe ver a grande beleza que há na relação entre as pessoas, principalmente quando estas agem em prol de um mesmo objectivo. Tenho-lhe mostrado a sã convivência que existe na Sociedade Filarmónica Luzitana e o entusiasmo sentido pelos mais novos na aprendizagem de diversos instrumentos. Fico satisfeita em verificar que já se apaixonou por um dos instrumentos, o violino, e tem conseguido progressos notáveis na sua execução. Infelizmente, muitos são aqueles que caminham sem perspectivas numa vida sem sabor. Penso, contudo, que a existência humana não se restringe somente a uma vida de trabalho e obrigações. Devemos procurar e encontrar as dezenas de coisas belas que nos circundam e aproveitar, ao máximo, todos os dias da nossa existência, sendo a arte algo imprescindível, seja que forma tenha.

Incluo, também, a minha mãe nesta dedicatória, pois ela possui a capacidade mágica de me fazer renascer quando me sinto mais fragilizada, sem forças para enfrentar o dia-a-dia, tendo sido sempre uma referência fantástica em toda a minha vida.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

ÍNDICE

	Pág.
Resumo.....	1
Abstract.....	2
Agradecimentos.....	3
Dedicatória.....	4
Índice.....	5
INTRODUÇÃO.....	8
Apresentação de fontes, questões e metodologia.....	10
Objectivos.....	12
CAPÍTULO I – Enquadramento Histórico de Portugal entre 1880 e 1910.....	14
Nota introdutória.....	15
1. Contexto histórico-social, cultural e político em Portugal.....	16
1.1. A evolução demográfica.....	17
1.2. Industrialização.....	17
1.3. Comunicação e vias de transportes.....	18
1.4. A sociedade.....	18
1.5. Ideologia e política.....	22
1.6. Aspectos culturais.....	23
Nota conclusiva.....	25
CAPÍTULO II – A Música Erudita no Século XIX na Europa e o Panorama Musical Português neste Período.....	27
Nota Introdutória.....	28
A música no século XIX.....	29
1.1. Bandas Militares e Bandas Cívicas.....	30
Nota conclusiva.....	35

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

CAPÍTULO III – Bandas de Música em Portugal.....	36
Nota introdutória.....	37
1. Definição de banda de música.....	38
2. Festas predominantes em que as bandas filarmónicas participavam de 1880 a 1910.....	40
3. Algumas bandas do sul de Portugal. Bandas do Alentejo.....	41
3.1. Montemor-o-Novo.....	41
3.2. Moura.....	44
3.3. Évora.....	45
3.4. Estremoz.....	46
4. Zona da Grande Lisboa.....	48
Duas bandas da zona de Lisboa: GNR e a Banda da Parede.....	48
4.1. A Banda de Música da GNR.....	48
4.2. Parede (Cascais).....	51
Nota conclusiva.....	53
 Capítulo IV – A Sociedade Filarmónica Luzitana.....	 56
Nota introdutória.....	58
1. O tema da dissertação: A Sociedade Filarmónica Luzitana.....	60
1.1. A Constituição da Banda.....	64
1.2. O estatuto socioprofissional dos músicos.....	69
1.3. O repertório da Sociedade Filarmónica Luzitana.....	72
1.3.1. Música de Dança.....	73
Passo Doble.....	73
Valsas.....	75
Mazurca.....	77
Polca.....	78
Quadrilhas de contradanças.....	80
1.3.2. Música Instrumental e Vocal.....	81

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Arranjos de óperas.....	81
Sinfonia.....	82
Hino.....	84
1.3.3. Música Religiosa.....	84
Peças religiosas.....	84
Marcha fúnebre.....	85
1.4. Os instrumentos utilizados pela Sociedade Filarmónica Luzitana.....	88
1.5. Levantamento das festas.....	89
1.6. Inferências da mútua relação entre o contexto e a Sociedade Filarmónica.....	91
Nota conclusiva	94
Conclusão Geral	96
Bibliografia Geral	100
Anexos	107
Anexo 1 – Características dos Instrumentos Utilizados pela Sociedade Filarmónica Luzitana	108
Anexo 2 – Levantamento das Festas	117

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

INTRODUÇÃO

A finalidade deste trabalho é dar a conhecer a Sociedade Filarmónica Luzitana no período que medeia os anos de 1880 a 1910. Para se conseguir este objectivo, é necessário consultar bibliografia sobre bandas filarmónicas, o que não é muito fácil, pois ela escasseia. Há poucos estudos referentes às bandas de música civis. Geralmente, são citadas em trabalhos em que não são o tema central. Contudo, reveste-se de grande importância para se seleccionar toda a informação possível, retirando o que é crucial e pondo de parte o que é acessório, organizando e reorganizando numa atitude crítica de optimização da nossa dissertação.

O estudo do contexto da época revela-se essencial numa tentativa de enquadramento social e histórico, para melhor compreender as ocorrências e o seu desenvolvimento. Há uma multiplicidade de factores que concorreram para o crescimento da Banda, que interferiram na sua vida e que convém salientar, de forma a compreender a entidade em estudo. É importante fazer a ligação entre os aspectos sociais, políticos e económicos no final do século XIX, princípio do século XX, e os aspectos culturais e musicais na cidade de Estremoz, nesse mesmo período. Através deste estudo de caso, pode contribuir-se para a reconstituição de um quadro cultural da cidade.

Uma breve observação geral sobre o cenário musical na Europa Ocidental do século XIX ajudará a compreender a sua singularidade e o contexto que a circundava. A apresentação do paradigma musical romântico, as suas características genéricas e os seus representantes mais significativos contribuirão para perspectivar a ideia de como era o panorama musical daquela época. O enquadramento deste tema no contexto português reveste-se de grande importância, não só para se entender as particularidades da produção e desenvolvimento musical em Portugal, como também para se alcançar o momento e as circunstâncias em que se deu o germinar das bandas filarmónicas no nosso país.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Considera-se relevante levantar e analisar o repertório disponível, com o intuito de avaliar o alcance da sua circulação e a sua eventual associação a contextos específicos, nomeadamente as diversas festas locais e regionais. É, também, importante falar-se do instrumental utilizado, parte integrante do agrupamento, e compará-lo com o de outras bandas.

As motivações que levaram a candidata ao grau de mestre a realizar esta dissertação de mestrado foram de ordem pessoal e emocional. Tendo nascido no Alentejo, viveu, de forma intensa, as manifestações culturais, os usos e costumes das gentes desta zona. A personalidade do alentejano é peculiar e para conseguir percepcioná-la de forma particular, assim como à sua idiossincrasia e humor. Pode fazer-se o levantamento de certos traços gerais de personalidade colectiva de indivíduos que vivem na mesma região e na mesma comunidade. É uma actividade interessante e inevitável, realizada pelas pessoas mais comuns e o resultado é sempre inesperado, fruto de especulação e discussão. Naturalmente que não tem rigor científico, até porque é praticamente impossível delimitar o horizonte geográfico da personalidade colectiva que se pretende citar. Se se procurar apresentar as características gerais da população, verificar-se-á que poderão existir várias personalidades colectivas que se inserirão numa outra mais alargada. Não há uma personalidade colectiva alentejana, mas várias. E onde uma começa e termina é impossível delimitar. Portanto, entra-se no campo da subjectividade e, daí, ser incorrecto, do ponto de vista científico, falar-se das características gerais atribuídas a uma população, mas tão-somente deve ser considerada como uma atitude prática, intuitiva e de valor limitado. Seja como for, regista-se a presença de certos estereótipos comportamentais e culturais que contribuem para a formação da chamada unidade de semelhanças entre os residentes da região.

Enquanto residente ou habitante no Alentejo e estando atenta às ocorrências do dia-a-dia, participando nos acontecimentos naturais nesta região, estando imbuída do espírito da comunidade, a candidata tem a sensação de pertença a este lugar. A sua inclinação para a música fez com que investisse os seus estudos nesta área, tornando-se professora de Educação Musical, e levou-a a participar, desde há alguns anos, em

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

grupos de música tradicional portuguesa. Esta sua apetência estimulou-a para elaborar uma monografia com esta temática.

A Sociedade Filarmónica Luzitana deve ser considerada como património de Estremoz, uma vez que está localizada nesta região, os músicos são desta localidade, exercem, essencialmente, a sua actividade nesta cidade e sentem influência do contexto que a rodeia. Susana Russo defende a ideia de que, apesar de se inspirar na música militar e erudita, a banda civil regista as características das gentes da localidade e da tradição musical que é, bastas vezes, adaptada para a música instrumental (Russo, 2004).

Apresentação de fontes, questões de partida e metodologia

As bandas filarmónicas assumem, na sociedade portuguesa, um papel importante na sua cultura e música. Há trabalhos de investigação que abordam temas sobre elas, aparecendo esta realidade, muitas vezes, integrada em trabalhos mais vastos. De salientar que os ensaios sobre as bandas civis são escassos e foram, principalmente, pessoas ligadas directamente a elas que se dispuseram a realizar trabalhos tendo-as como objecto de investigação.

Além das obras sobre o estudo da sociedade portuguesa entre 1880 e 1910, é de destacar o recurso abundante de material de arquivo, tais como, partituras, livros de actas e todos os periódicos de Estremoz de finais do século XIX e início do século XX e, ainda, o fundo musical da Banda, constituído por partituras e arranjos.

Também na internet se pode encontrar material interessante sobre a temática. Em sintonia com o tema previamente definido, poder-se-ão colocar algumas questões fundamentais, que servirão de base norteadora para o desenvolvimento da minha dissertação. A primeira prender-se-á com a origem da Filarmónica Luzitana, por considerar que é o ponto de partida lógico para dar início ao trabalho. Após o esclarecimento deste assunto, formular-se-ão perguntas sobre as características intrínsecas da Banda, partindo das seguintes interrogações: qual o número de músicos que a integravam, qual o seu estatuto socioprofissional (o conhecimento

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

socioprofissional dos seus elementos é bastante importante, uma vez que dá indícios que poderão ajudar para melhor a compreender e para entender o contexto em que estava inserida), quais os instrumentos musicais que eram utilizados na Filarmónica (poderão ser elementos importantes e condicionantes do tipo de música desenvolvido e das influências que sofreu), quais os acontecimentos históricos que influenciaram a sua actividade (ocorrências históricas que interferiram na sua evolução e na sua estagnação), o tipo de repertório apresentado (indicações importantes sobre o género de música apreciado naquela época ou naquela região), em que contextos é que actuavam (que meios sociais ou populares), em que festas (regionais, populares, comemorativas), e, por fim, que acontecimentos políticos levaram à sua quase dissolução, em 1910 (a implantação da República).

De forma a alcançar os objectivos da investigação, serão adoptados instrumentos metodológicos, adequados às diferentes dimensões e características dos fenómenos analisados.

Com o objectivo de compreender a Sociedade Filarmónica Luzitana no contexto sociocultural, na cidade de Estremoz, entre 1880 e 1910, proceder-se-á a uma análise diacrónica, descritiva e interpretativa do quadro normativo, cruzada com os indicadores presentes na bibliografia sobre os acontecimentos sociais, políticos, económicos e culturais em Portugal, naquele local e naquela época.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Objectivos

Motivos de ordem profissional e pessoal interferiram para a realização da dissertação. O objectivo é contribuir na investigação sobre a temática escolhida e este é um trabalho que dá uma pequena ajuda para levantar o vasto véu que tapa uma realidade já com quase dois séculos de existência, que tem acompanhado a vida das populações e o desenvolvimento local, mas que, estranhamente, não tem sido investigado. Sobre as filarmónicas e a vida em sociedade, afirma Freitas: «De características acentuadamente portuguesas, impõem-se elas como agradáveis e úteis colectividades onde a Assistência Social encontra amparo, a Educação fértil campo de acção, e o patriotismo e a solidariedade ambiente propício para uma grandiosa e consubstanciada construção de civilização e progresso. [...] E é esta a mais importante e útil acção – Humana e Educativa – prestada pelas Sociedades de Música Popular» (1946: 521).

O tema da monografia é bastante interessante, actual e pertinente, tendo em conta que as bandas de música têm tido uma actividade notável no panorama musical português, mas também a outros níveis, como salientou Pedro Freitas, o que torna indispensável expressar reconhecimento pelo seu contributo inestimável e alertar para a posição que deve granjear na hierarquia artística e social. A linha de pensamento orientadora, aquando da realização da dissertação, é que o resultado seja um trabalho que contextualize o papel das bandas de música civis, promovendo a consciencialização da sua importância para as comunidades e o percurso já trilhado, desde o seu nascimento até à sua concretização definitiva. Pretende-se apresentar a Sociedade Filarmónica Luzitana, algumas das suas características, episódios, o seu instrumental e repertório e fazer a conexão da sua actividade com o contexto de Estremoz.

Os **objectivos gerais** do trabalho são os seguintes:

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

- Analisar, de forma crítica, os documentos inerentes à constituição das bandas de música civis em Portugal, e o caso da Sociedade Filarmónica Luzitana, em particular;
 - Apresentar a definição de banda de música;
 - Apresentar algumas bandas de música e suas características gerais;
 - Dar a conhecer a Sociedade Filarmónica Luzitana.
-

CAPÍTULO I

Enquadramento Histórico de Portugal entre 1880 e 1910

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Nota Introdutória:

Para o enquadramento do período de actividade da Sociedade Filarmónica entre 1880 e 1910, considerou-se relevante referir os aspectos ambientais que a circundavam, a condicionavam e a influenciavam. Considerando que qualquer prática musical é património da sociedade onde está inserida, «transporta as formas, as técnicas e as ideias do tempo e do lugar aos quais está confinada. A sua própria história e desenvolvimento estão associados a um determinado contexto que, por sua vez, se reflecte nas práticas que reproduz, fazendo delas referências da sua própria identidade.» (Russo, 2004: 11), o estudo desta entidade musical em parte é o estudo do contexto em que está inserida e, por outro lado, a sua actividade reflecte-se nele. Por esse motivo, considera-se pertinente abarcar no estudo sobre aspectos sociais, políticos, culturais, económicos relativos àquela época. Foi uma altura em que as alterações fervilhavam e não deixavam de reflectir na vida da Luzitana.

O contexto ao qual pertencem as bandas de música é responsável pela sua vitalidade, tornando-as património, dando-lhes um estatuto de entidade social e musical. Elas têm funções importantes junto das populações e também na divulgação da música. «É dentro da sua comunidade que a filarmónica adquire um estatuto e assume uma identidade» (Russo, 2004: 27).

A Sociedade Filarmónica Lusitana de Estremoz entre 1880 e 1910

1. CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL, CULTURAL E POLÍTICO EM PORTUGAL

O presente capítulo procura abordar o enquadramento sociocultural de Portugal, nos finais do século XIX, princípios do século XX. Recorrendo à exploração bibliográfica, foi possível conhecer diferentes perspectivas, reflectir e aprofundar conhecimentos sobre a temática. Com esta finalidade, a abordagem da caracterização sociocultural de Portugal entre 1880 e 1910 esforça-se, em primeiro lugar, por definir, na perspectiva do presente trabalho, como se encontrava o País ao nível da evolução demográfica, da industrialização, das comunicações e vias de transporte, da sociedade, da ideologia, dos aspectos culturais, elementos fundamentais para se conseguir esboçar um quadro referencial que permitirá fazer um enquadramento histórico do objecto de estudo.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

1.1. A evolução demográfica

A partir da segunda metade do século XIX, até à primeira década do século XX, a população portuguesa aumentou consideravelmente¹. Teria sido no Centro e no Sul do país que se verificou um maior acréscimo da população, devido aos trabalhadores agrícolas sazonais terem migrado e acabado por se fixar nessas regiões (Marques, 1993).

1.2. A industrialização

Durante os últimos trinta anos do século XIX, e até sensivelmente à primeira década do século XX, verificou-se um crescimento ao nível da indústria, no qual resultou um alargamento dos mercados, um desenvolvimento nos transportes e uma subida do nível do emprego (Marques, 1993). Como salienta o mesmo autor, «em sectores como os dos têxteis, o do tabaco, o da moagem ou o dos adubos químicos foi reforçado o sistema de fábrica. Tudo isto foi possível com um grande investimento de capitais. Resultou, então que na indústria nacional se verificou uma taxa de crescimento como não tinha existido antes». No século XIX, a indústria portuguesa passou a usar máquinas, embora a primeira tenha sido introduzida apenas em 1835. Esta situação permitiu que se produzisse em maior quantidade e de forma mais célere. A produção em série tornou-se um facto e os produtos passaram a ser mais baratos. A cortiça converteu-se numa das principais indústrias, se bem que outras, como foi citado, desempenhassem um papel de relevo na economia do País.² O importante a assinalar é que a segunda vaga, a que se

¹ «Desde o segundo quartel do século XIX, o ritmo do crescimento demográfico ganhou regularidade em Portugal: as grandes oscilações do movimento da população características do Antigo Regime haviam-se atenuado. Entre 1835 e 1911, a população quase duplicou. Mas a desarmonia, a partir de 1870, entre o aumento populacional e o desenvolvimento económico impediu o país de beneficiar plenamente daquela expansão e ocasionou um amplo movimento emigratório, que acabou por determinar, entre 1911 e 1920, uma quase completa estagnação demográfica.», Pereira, Miriam Halpern, *Demografia e Desenvolvimento em Portugal na Segunda Metade do Século XIX*, p. 85, análise social.ics.ul.pt/documentos

² Sobre este assunto, ver, Pestana, Miguel e Tinoco, Isabel – (2009) *A Indústria e o Comércio da Cortiça em Portugal, durante o Século XIX*, Silva Luzitana 17(1): 1 - 26 © EFN, Lisboa. Portugal

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

refere Alvin Toffler³, se enraizou e que a industrialização ganhou contornos e implementou a nova era de produção com a construção de inúmeras indústrias.

1.3. Comunicações e vias de transporte

Verificou-se, ao longo de todo o século XIX, um grande progresso ao nível dos transportes e comunicações. O movimento «Fontismo», inspirado na acção política de António Maria Fontes Pereira de Melo, figura de renome, impulsionou a modernização das comunicações e vias de transporte em Portugal, fruto do ideário liberal que não via possibilidade de desenvolvimento sem existir uma forma rápida de deslocação de pessoas e bens (Macedo, 1990). Em 1882/1883, tinha-se já alcatroado cerca de 5.000 km de estradas. Este número aumentou para 15.000 Km, em 1909/1910. Outro investimento que se verificou foi com as vias-férreas dos comboios. Na primeira década do século XX, Portugal já se encontrava bem apetrechado, com uma grande extensão de vias-férreas, e as viagens de comboio tornaram-se frequentes. Em finais do século XIX, princípios do século XX, investiu-se também nos transportes fluviais. Desenvolveu-se o porto de Lisboa, aumentou-se o movimento de todos os portos, principalmente os situados na costa norte ocidental de Lisboa (na costa sul, processou-se à concentração de tráfico). Na década de 90 do século XIX, o porto de Leixões entrou em actividade e começou a fazer concorrência ao de Lisboa.

Outros meios de comunicação ganharam implemento, como foi o caso do telefone, tendo sido Portugal um dos primeiros países a introduzi-lo.⁴ Também o correio sofreu reformas e passou a transitar de comboio.

1.4. A Sociedade

No decorrer do século XIX, uma classe de burgueses ricos, capitalistas e banqueiros, foi ganhando preponderância. Vieram de diversas origens, desde a pequena

³ Toffler, A. (1999), *A Terceira Vaga*, Livros do Brasil.

⁴ Portugal foi dos primeiros países da Europa a introduzir o telefone. Em 1904 já tinham sido inauguradas as instalações telefónicas que permitiam o contacto entre Lisboa e Porto (Marques, 1993).

A Sociedade Filarmónica Lusitana de Estremoz entre 1880 e 1910

à média burguesia, mas também representantes da nobreza tradicional que passaram a concentrar-se no ramo do comércio e da banca. Era a classe que mais influência tinha no destino político, económico e cultural do país. Muitos afirmaram-se na sociedade pelo exercício das suas funções, nomeadamente, membros do Governo, professores, farmacêuticos, médicos, diplomatas, advogados, solicitadores, funcionários, etc. A monarquia era o sistema ideal para esta classe e a exploração dos territórios ultramarinos e o apoio de capitais estrangeiros eram de grande importância para o desenvolvimento do seu poder e riqueza.

Nas grandes cidades, a classe média, representada pela pequena burguesia, tinha a sua expressividade, sendo composta por comerciantes, pequenos industriais, membros das profissões liberais, o médio e o pequeno funcionalismo público, as baixas patentes do exército, a maioria dos estudantes universitários, alguns pequenos proprietários rurais e a quase totalidade da marinha de guerra. Os pequenos agricultores, os pequenos comerciantes e os artesãos constituíam as novas classes do trabalho.

Na pirâmide da hierarquia social, a classe que ocupava a base da mesma era o povo. No campo, existia um grande número de pessoas que viviam miseravelmente e sem ambição. Tratava-se dos camponeses, caracterizados por serem pessoas servis, que se dedicavam às actividades agrícolas e eram fortemente influenciadas pelo poder político e pela Igreja. Já em contexto urbano, a situação era diferente. Quando começaram a surgir as fábricas por toda a Europa, os artesãos foram dando lugar aos operários. Por terem muitos filhos, passaram a ser denominados de proletários (palavra que tem origem no termo «prole»). Em Lisboa e no Porto, assistimos, então, ao aparecimento de um pequeno núcleo de proletários, que gradualmente foi crescendo. A falta de apoios aos trabalhadores, fez surgir os socorros mútuos (que prestavam ajuda em casos de doença, desemprego, invalidez ou morte) e, mais tarde, os trabalhadores organizaram-se em sindicatos (Serrão & Marques, 1992).

Entretanto, os meios de transporte não conseguiam corresponder ao aumento demográfico e à dinâmica social que se verificava, o que levou os industriais a procurar construir fábricas junto dos bairros operários, de modo a facilitar a deslocação entre o local de residência e o local de trabalho.

A Sociedade Filarmónica Lusitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Por outro lado, o idealismo teve um maior implemento devido à circulação de mais livros e revistas, tendo-se espalhado o ideário da liberdade, da fraternidade e de iguais direitos para todos, preconizado pelo liberalismo.

A instrução era um bem precioso para os liberais e, por isso, edificaram-se escolas e protegeu-se o ensino. No início do século XIX, a percentagem de analfabetismo atingia os 90%. Criou-se o ensino obrigatório primário de três anos e aumentou-se o salário dos professores. Abriam-se escolas industriais, comerciais e agrícolas e foi criado, em Lisboa, o Curso Superior de Letras. Reformou-se o ensino secundário.

O Conde de Burnay foi uma figura da alta finança que se destacou, não só como grande industrial, mas também como político. Esteve ligado à grande indústria, nomeadamente, do tabaco, do vidro, do papel, química e transportes ferroviários.

Uma maior difusão de jornais e revistas permitiu o desenvolvimento da literatura, tendo surgido grandes vultos, tais como, Garrett, Herculano, Camilo ou Eça. Os gostos literários passaram a ser discutidos em conferências e locais de cultura e os autores perfilharam-se nos diversos movimentos literários, de que se destacam o Romantismo e o Realismo, manifestaram a sua veia literária em jornais, folhetins, novelas, romances... Os outros campos artísticos também tiveram dignos representantes, como, no teatro, novamente Garrett, na pintura, Columbano Bordalo Pinheiro, José Malhoa, Silva Porto e Aurélia de Sousa, na escultura, mestre Soares dos Reis.

A agricultura que vigorava era de subsistência, os camponeses que se dedicavam a ela procuravam subtrair da sua actividade os produtos que garantissem a sua sobrevivência. Era uma vida dura, cuja actividade dependia de factores externos, nomeadamente, o clima e o estado do tempo. Na sua maioria, as propriedades eram pequenas. A população rural era constituída por proprietários, na sua maior parte burgueses, mas havia também alguns nobres. Existiam ainda os rendeiros, que tinham de pagar uma renda pela terra que lhes era cedida com o intuito de a trabalharem e, por fim, os jornaleiros, que vendiam a sua força de trabalho e eram pagos à jorna (eram o grupo mais numeroso). Também existiam pastores, que tratavam do gado e junto ao litoral pescadores e salineiros. Com o enriquecimento da alta burguesia, alguns dos seus

A Sociedade Filarmónica Lusitana de Estremoz entre 1880 e 1910

elementos tornaram-se grandes proprietários, com o arrendamento de terrenos a nobres falidos e a alguns religiosos. Estima-se que, no final do século XIX, cerca de 70% da população vivia da agricultura. O facto de existirem tantos trabalhadores agrícolas e um maior investimento tecnológico no sector, fez com que a qualidade de vida melhorasse e a fome diminuísse.

No campo, a alimentação era frugal e falha em proteínas. Tinha como base os vegetais. Os trabalhadores alimentavam-se de broas de milho, algum bacalhau ou sardinha, por vezes, azeitona, vinho e sopa, feita de legumes frescos e batatas e regada com azeite. A carne era um luxo. Mais tarde, foram introduzidos na alimentação novos produtos alimentícios, tais como o café, o arroz, o pão branco e os enchidos.

O vestuário era pouco diversificado devido à falta de dinheiro da maioria das pessoas. Variava, conforme a estação do ano. As mulheres possuíam duas saias, um colete, dois aventais e dois lenços para a cabeça. Usavam esta roupa durante muito tempo, pois não havia grande disponibilidade financeira para a substituir. Por outro lado, os homens usavam geralmente uma andaima, que durava cerca de dez anos. Os sapatos eram um luxo, principalmente para os camponeses.

Os divertimentos dos homens eram os jogos de cartas nas tabernas, a conversa, aos Domingos e os jogos de perícia no adro da aldeia, como o jogo do pau. Também jogavam à malha, à bilha e subiam ao mastro. As mulheres fiavam e teciam em casa. As pessoas mais cultas reuniam-se em serões onde discutiam um pouco de tudo. A música era outro passatempo ou actividade artística. Os homens tocavam vários instrumentos e também cantavam. Havia romarias e o trabalho, muitas vezes, era acompanhado por cânticos, cantando-se ao desafio ou à desgarrada nas ceifas, nas desfolhadas e nas vindimas. Nos arraiais também estava presente.

As romarias eram momentos religiosos de um povo devoto. Nestas, a religião católica surgia caldeada com manifestações pagãs. Tinham integradas as procissões, a bênção do gado e o grande arraial. As cerimónias iniciavam-se no «Dia da Santa», primeiro Domingo depois do dia 22 de Maio. Cumpriam-se promessas e faziam-se oferendas.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

O espaço urbano recebeu muita gente vinda do campo, fruto do seu desenvolvimento rápido e dos meios de transporte modernos, e ainda do seu melhor nível de vida. Este era apelativo para as gentes do campo. O desenvolvimento da indústria era um chamariz para os que tentavam melhorar a vida e a modernização dos meios de transporte facilitou esse surto migratório. Lisboa e o Porto foram as cidades portuguesas que mais se desenvolveram. A capital modernizou-se, tendo-se aberto avenidas, como da Liberdade e as avenidas novas. Lisboa equiparava-se às grandes capitais europeias. Os filhos dos burgueses partiam para o estrangeiro para estudarem e a mulher continuava no seu papel de educadora nos primeiros tempos de vida dos seus filhos.

A actividade comercial era intensa e centrava-se nas feiras e nos mercados, nas lojas e na venda ambulante dos mais diversos produtos. Figuras típicas eram conhecidas pelos seus pregões, como as varinas. Mas lavadeiras e aguadeiros também percorriam as ruas de Lisboa. Entretanto, o fabrico artesanal empregava, igualmente, muita gente nas oficinas. Ganhavam destaque certos ofícios tradicionais, como o funileiro e o latoeiro (Serrão & Marques, 1992).

1.5. Ideologia e política (Marques, 1993)

No final do século XIX, Portugal tinha uma atitude pragmática e preocupava-se mais com negócios e questões de ordem prática do que com ideologias. Foi por esta altura, que os ideólogos da República ganharam voz, insurgiram-se contra a monarquia e defenderam o municipalismo e o federalismo⁵. Depois das iniciativas de Henrique Nogueira, surgiu um grupo de jovens iluminados, em 1865, influenciado por ideologias vindas do estrangeiro⁶, que defendia um republicanismo mais exacerbado e um anti-monarquismo mais vincado.⁷ A situação, em termos económicos, era delicada, fruto

⁵ « Forma de governo com uma autonomia interna, mas obedecendo a uma Constituição única.» <<http://dicionario.sensagent.com/federalismo/pt-pt/> (20/07/09)

⁶ «A República triunfara em França em 1870 e fora proclamada em Espanha em 1873-74» (Marques, 1970: 126).

⁷ Antero de Quental, José Fontana, Eça de Queiroz, Ramalho Urtigão, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro. A GERAÇÃO DE 1870.<http://portugues..profissional.11.googlepages.com/Geracaode1870.doc.html> (21/07/09)

A Sociedade Filarmónica Lusitana de Estremoz entre 1880 e 1910

das políticas do Fontismo e da Regeneração⁸ que contribuíram para que existisse desequilíbrio económico, mas também da mentalidade rural transportada para ambiente urbano, que também concorreu para o *status quo* da sociedade portuguesa. Os empréstimos estrangeiros, por sua vez, fizeram com que a crise que se instalou se agravasse grandemente, uma vez que havia necessidade de os pagar a juros altos e, para resolver essa situação, os impostos aumentaram. A indústria não se modernizou e a população viu-se na contingência de emigrar para o Brasil, pois Portugal foi minado pela instabilidade. O nascimento do Partido Socialista, em 1870, fez com que se acirrassem os ânimos contra a monarquia. A postura revolucionária dos republicanos, nomeadamente, a defesa do sufrágio universal, a luta contra o serviço militar obrigatório, a insurreição contra alguns impostos e o combate pelo cooperativismo⁹, elevou a agitação no contexto político e ao crescimento célere do partido que defendia estas ideias. No final do século XIX, princípio do século XX, ser republicano representava ser contra a corrupção, contra o conservadorismo, apoiar medidas de fundo e de justiça democrática, ser contra a Igreja e os jesuítas, pela liberdade, igualdade e pela descentralização. A implementação do sistema republicano, em 1910, veio desmistificar esta situação.

1.6. Aspectos Culturais

Durante parte do século XIX, a propaganda republicana chamou a atenção para o País se debruçar sobre a questão cultural, procurando fazer a comparação entre a situação portuguesa e o contexto cultural de alguns países europeus, muito mais desenvolvidos neste campo. É indiscutível que, quando os liberais tomaram o poder, houve uma preocupação crescente com a Cultura e com a Instrução, promovendo-se

⁸ A Regeneração foi caracterizada por ser um período em que os governantes se esforçaram para que houvesse desenvolvimento económico e para que Portugal se modernizasse. Com esse fito, adoptaram-se medidas fiscais rigorosas. A figura que teve maior destaque nesse tempo foi Fontes Pereira de Melo (Proença, 1990).

⁹ O cooperativismo é um sistema económico cujo objectivo é o desenvolvimento económico, sustentado por uma actividade suportada por cooperativas. Sobre este assunto consultem-se as obras Correia, J. M. R. S. (1970). *O sector cooperativo português : ensaio de uma análise de conjunto*. Lisboa. Petrony, ou Costa, F. F. (1983). *António Sérgio e a democracia cooperativa*. Lisboa. INSCOOP.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

conferências e debates, inaugurando-se escolas de vários níveis de ensino, legislando-se sobre a matéria. Contudo, nas últimas décadas do século XIX, os governos monárquicos preocupavam-se mais em implementar medidas do foro material, como a construção de infra-estruturas de apoio à indústria e aos serviços, do que questões de ordem espiritual. O novo método de ensinar, elaborado por João de Deus, em 1876, veio servir de bandeira, junto dos republicanos, como um exemplo a seguir. Apesar do atraso propagandeado pelos republicanos e do atraso efectivo em relação a muitos países europeus, é injusto considerar que a Regeneração não fez nada pela Educação; pelo contrário, criou condições sociais para o seu desenvolvimento, inaugurando escolas, reduzindo o analfabetismo. A actividade escolar tinha muito mais representatividade na cidade.

Segundo Catroga e Carvalho, embora houvesse crescimento da rede escolar, a oferta não respondia à procura¹⁰. A ideologia republicana estava imbuída de vanguardismo e progressismo, enaltecendo o papel da escola como uma instituição fundamental rumo à cidadania.

A reforma de Passos Manuel para o ensino secundário¹¹ visava a criação de liceus e estava dirigida à classe média. A política concernente ao Ensino Superior tinha como objectivo, essencialmente, a criação de novos cursos e foi no desenvolvimento desta ideia que se criou o Curso Superior de Letras, em Lisboa, em 1858, e o Instituto de Agronomia e Veterinária de Lisboa, em 1864. O ensino militar era ministrado na Escola do Exército e na Escola Naval. Na sua maioria, o Ensino Superior era fundamentalmente técnico. Porém, em Coimbra ministrava-se o ensino «clássico». Era em Lisboa e no Porto que se concentrava o ensino técnico, preocupado com a formação de engenheiros, industriais, comerciantes e médicos. A população universitária era muito pouco numerosa, oriunda de famílias de classe média alta, principalmente de Coimbra, Porto e Viseu.

¹⁰ «As causas que justificam a fraca alfabetização encontram-se mais no desenvolvimento económico e na organização social de Portugal do que nas indecisões do poder político no domínio do ensino ou da ausência de acções de propaganda a favor da necessidade de se acelerar uma revolução cultural modernizadora». (Catroga & Catroga, 1996: 138)

¹¹ Ministro do reino, começa a tratar da instrução pública. *Portugal Dicionário Histórico*. Passos (Manuel da Silva).
<http://www.arqnet.pt/dicionario/ms.html>. (26/07/09).

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Nota conclusiva

O contexto histórico-social, cultural e político foi favorável ao nascimento das bandas de música em Portugal.

Em meados do século XIX, foi implementado em Portugal o associativismo que permitiu a junção de indivíduos em grupos locais organizados com um objectivo comum.

Registou-se um aumento significativo da população, principalmente no centro e no litoral, devido à migração das populações rurais do campo para a cidade. A indústria cresceu tal como o número de operários. A Revolução Industrial e a necessidade de mão-de-obra para controlar a maquinaria foram a razão de ser desse incremento. O desenvolvimento industrial provocou a optimização dos transportes e das comunicações, o alargamento dos mercados e o emprego. A população cresceu vertiginosamente e os operários organizaram-se em sindicatos.

Fontes Pereira de Melo modernizou as comunicações e criou uma rede de transportes marítimos e ferroviários, assim como alargou as estradas alcatroadas para milhares de quilómetros e mandou construir novos portos. O desenvolvimento do telefone e dos correios tornou as comunicações mais céleres.

A burguesia enriqueceu e passou a dominar a sociedade nos mais diversos campos. Os bancos e novas profissões ganharam destaque. A exploração dos territórios ultramarinos e o apoio de capitais estrangeiros trouxeram desenvolvimento e prosperidade à burguesia.

O idealismo disseminou-se de forma significativa devido à circulação de livros e revistas e ao facto de os políticos apostarem na educação. A literatura, pintura e outras artes ganharam em criatividade e produção e muitos nomes emergiram na ribalta. As pessoas passaram a dedicar-se aos seus momentos de lazer e de entretenimento e os divertimentos diversificaram-se.

A sociedade modernizou-se e a actividade comercial tornou-se intensa. Em termos ideológicos, os republicanos começaram a ganhar força e acabaram por tomar o poder em 5 de Outubro de 1910.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Os liberais procuraram desenvolver a cultura e apresentaram como modelo outros países bem mais evoluídos neste capítulo. A importância que foi dada à cultura fez com que se inaugurassem escolas em todo o País. Passos Manuel destacou-se com a reforma do ensino secundário.

CAPÍTULO II

A MÚSICA ERUDITA NO SÉCULO XIX NA EUROPA E O PANORAMA MUSICAL PORTUGUÊS NESTE PERÍODO

A Sociedade Filarmónica Lusitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Nota introdutória

No século XIX, a música sofreu um desenvolvimento notável, não só na Europa, como em Portugal. Não cabe neste estudo apresentar qualquer tentativa de síntese da História da Música Ocidental, o que não significa que não se considere implícito esse mesmo quadro histórico e estilístico e a sua influência diferenciada em Portugal, muito especificamente no que se refere à circulação de reportórios.

Um dos aspectos que se pode considerar como influência directa da Revolução Industrial e sua acção nos principais centros musicais teve a ver com a criação de novos instrumentos e sua produção em maior número.

João Domingos Bomtempo (1771-1842), personagem bem informada do que se passava na Europa a nível musical, teve uma grande importância em termos da renovação do panorama musical português.

O contexto político-social no século XIX, período caracterizado por grandes alterações e instabilidade na Europa e, aliás, também em Portugal, teve óbvia influência nas mutações que se operaram nesta área. Destaque-se a importância crescente da burguesia e do associativismo, inspirado na Revolução Francesa, que deu origem a uma Revolução Liberal, em Portugal, que «introduziu na sociedade portuguesa novos critérios de avaliação social, valorizou a riqueza e o saber, matizou ou eliminou os estatutos de privilégio tradicionais e reduziu o peso dos proprietários institucionais.» (Fonseca, 1996: 186). O nascimento das bandas filarmónicas em Portugal é reflexo de condições externas e internas favoráveis ao seu surgimento.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

1. A música do século XIX

A Europa do século XIX ficou marcada culturalmente pelo Nacionalismo e musicalmente pela emergência do Romantismo que, por maioria de razão, conheceu expressões musicais diferenciadas de País para País. Reconhece-se contudo a magnitude da influência dos principais centros musicais europeus como Paris, Viena ou Londres para a circulação de reportórios, músicos e outros bens culturais. As novas práticas culturais passaram a circular com cada vez mais rapidez e alcance de disseminação, abarcando uma emergente classe média.

Neste sentido o universo da música deixou de ser dominado por uma elite e ganhou muito mais interesse para as classes médias. Os compositores e músicos passaram a poder ter uma vida profissional independente. Criaram-se entidades e associações autónomas que tinham como missão o ensino musical, mas também a sua execução. A tipologia de instrumentos aumentou em variedade, principalmente a nível dos metais e da percussão. O surgimento das válvulas rotativas permitiu que se pudessem alcançar novas tonalidades. As orquestras cresceram em número de músicos e instrumentos.

Em Portugal, o desenvolvimento e expansão da música instrumental desenvolveu-se consideravelmente no século XIX, com João Domingos Bomtempo, pianista e compositor. A sua formação teve lugar no estrangeiro. Esta personalidade introduziu a cultura sinfónica e de câmara no nosso país e essa ocorrência contribuiu para que as sociedades filarmónicas tivessem nascido. Foi o fundador da primeira academia de concertos e deu a conhecer os músicos do romantismo. Em 1835, foi criado o Conservatório de Música e ele foi convidado para o dirigir. Ensinou música através da elaboração de obras que tinham essa finalidade. A ópera teve bons compositores dramáticos e produtores, tendo existido grande influência italiana. Neste século, os instrumentos sofrem uma revolução na exigência de se criarem novos sons e

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

registos. A música integrou-se em novas práticas de sociabilidade e nasceram novas formas musicais, a que não foi alheia a cada vez maior influência da burguesia na sociedade portuguesa e a democratização das instituições. A proliferação de colectividades não deixa de ser influência e importação estrangeira, apesar da sua aculturação ao meio.

1.1. Bandas militares e bandas civis

As primeiras Sociedades Filarmónicas deram origem às primeiras bandas filarmónicas, que beneficiaram do apoio político da altura. Segundo Branco (1995: 289-290) as associações populares dessa época: «com seus empreendimentos musicais em geral confinados a conjuntos de instrumentos na maioria de cordas dedilhadas (tunas ou sol-e-dós), e a bandas semelhantes às militares. Também estas exerceram acção positiva na instrução musical do povo, durante a segunda metade do século passado e no actual» (Branco, 1995: 289-290).

As bandas de música divulgaram a música junto da elite, mas também no seio das classes populares. No entanto, não possuem um estatuto importante no panorama musical erudito.

O surgimento das bandas deveu-se a um quadro de circunstâncias que permitiram que elas nascessem. Dois aspectos devem ser ressaltados nesta nossa apreciação: o contexto histórico-social e o advento da afirmação das bandas militares no nosso país.

Relativamente ao primeiro, gostaríamos de salientar o papel da Revolução Industrial no emergir das Sociedades Filarmónicas na Europa. De facto, apesar de já, anteriormente, existirem instrumentos de sopro e percussão, principalmente utilizados em alturas de guerra e acontecimentos solenes, com a Revolução Industrial estes passaram a ser mais diversificados, mais aperfeiçoados e produzidos em maior número, facilitando o seu acesso a mais utilizadores. O surgimento de novas formas de produção industrial assim o permitiu. Do desenvolvimento da manufactura dos instrumentos musicais em maior escala se aproveitou a instituição militar (Sousa, 2008) que passou a

A Sociedade Filarmónica Lusitana de Estremoz entre 1880 e 1910

ver neles um precioso auxiliar, principalmente a dois níveis específicos: no campo psicológico-motivacional e em termos operacionais. No que concerne ao primeiro, os militares passaram a utilizá-los como incentivo guerreiro, através de sonoridades e melopeias apelativas ao confronto bélico, mas também como marcadores de ritmo em marchas marciais. Relativamente ao segundo, coube-lhe um papel simbólico e codificador de início das pelejas e de ordens militares e implementação de tácticas de combate pela expressão das suas sonoridades. De facto, na confusão de movimentos bruscos, na emissão de ruídos ferozes de alta tonalidade, motivados pelo *stress* da batalha e pela preocupação de sobrevivência, era praticamente impossível que os soldados beligerantes ouvissem as ordens dos seus chefes militares e as cumprissem. Por esse motivo, o toque das cornetas, das trompas e dos cornetins tinha uma função operacional e transmitia, de forma relativamente eficaz, as directrizes que os superiores davam no desenrolar da pugna (Sousa, 2008).

O uso dos instrumentos musicais de sopro e de percussão generalizou-se nas instituições militares europeias, mesmo em tempo de paz, não deixaram de acompanhar os batalhões e as companhias, marcando presença em quartéis sediados não só nas cidades mais representativas, mas também na província. A população civil passou a apreciar os trechos musicais marciais que fruía dos quartéis, mas que também estavam presentes nos cortejos e desfiles militares. Essa atracção das populações pela música tocada pelos militares, que entretanto formaram bandas que entretinham as chefias, os seus convidados e os próprios soldados, foi percebida pelos chefes supremos do exército, começando, nos finais do século XVIII, a tocar em festividades civis. Mais tarde, em meados do século XIX, as populações passaram a manifestar o seu agrado pela variedade e novidade em termos de reportório e decidiram não aguardar pelos militares para os ouvirem, tomando a iniciativa de constituírem, elas próprias, as suas bandas de música. No início da sua actividade, necessitaram, naturalmente, dos militares no que respeita à sua organização e experiência ímpar, muitas vezes, tomando-os como regentes. Depois, gradualmente, emanciparam-se e as bandas passaram a ser totalmente civis. Para se distinguirem, adoptaram a designação de bandas militares e bandas (as civis). Mais tarde, no final do século XX, mais propriamente nos anos 80, o

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

termo banda generalizou-se e deixou de englobar só aqueles grupos musicais, mas passou a integrar todos os grupos de música. Para fazer-se a distinção, apelidaram-nas de bandas de música.

As bandas militares eram reconhecidas e apreciadas junto das populações que solicitavam os seus serviços em cerimónias religiosas e profanas. Costumavam actuar em cerimónias militares ou quando visitavam as instituições militares personalidades portuguesas e estrangeiras. Os músicos são considerados superiores aos das filarmónicas civis, pois foram sujeitos a maior estudo e disciplina musical. As bandas civis têm grande inspiração nas bandas militares, por exemplo, a nível do fardamento, da apresentação de marchas militares em desfiles ou arruadas, pelo facto de existirem semelhanças entre os seus repertórios e pela forma como estão estruturadas. Apesar de existir um grande número de aspectos que revelam semelhança entre as duas bandas, houve um esforço, desde o início, por parte do contexto militar, em afastar-se das bandas civis. Os militares têm um orgulho muito particular das suas filarmónicas e gostam de marcar distância relativamente às bandas civis que consideram inferiores, mais populares e amadoras. As bandas civis eram «intituladas filarmónicas «de guerrilha» e depreciativamente consideradas nas esferas militares ligadas à música» (Ramos, 1991: 10).

As bandas de música portuguesas já existiam no princípio do século XIX. Por exemplo, a Banda de Música da Lixa¹², a Associação Filarmónica União Verridense¹³,

¹² «A Banda de Música da Lixa é das mais antigas do Norte do País e terá nascido no ano de 1807. Soubese que a 29 de Setembro de 1807 terá aparecido em público pela primeira vez, abrilhantando as festividades de S. Miguel, padroeiro de Borba de Godim, uma das freguesias da Lixa. Os seus executantes eram oriundos da orquestra Privativa da Casa do Paço - conjunto que terá existido entre os anos de 1803 e 1805. Foi no ano de 1803 que Francisco Diogo de Moura Coutinho, Senhor e Fidalgo da Casa do Paço, assumiu contratar alguns músicos de Barcelos, executantes que a partir daí actuaram não apenas nas festas da casa senhorial, mas também nas celebrações religiosas que aconteciam na capela privativa da mesma.». Verificar em: <http://www.bmlixa.pt.vu/>

¹³ «Fundada a 13 de Junho do ano de 1808, é muito provavelmente a Filarmónica mais antiga de Portugal, que sempre se manteve em funcionamento, sem interrupções de actividade. Numa época em que o país atravessava um período bastante crítico, em termos de dificuldades socio-económicas, «um punhado» de Verridenses juntavam-se para fundar esta Associação que para além do ensino da música, assegurava também, sobre a forma de montepio, alguma protecção a pessoas mais carenciadas, nomeadamente a viúvas.

O seu primeiro acto oficial, teve lugar na praia do Cabedelo, na Figueira da Foz, recebendo as tropas inglesas que, comandadas pelo general Wellington, vinham em socorro das tropas portuguesas, e

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

a Associação Musical de Freamunde¹⁴, a Banda da Sociedade Antiga Filarmónica Montemorense (Carlita)¹⁵, a Banda Musical Leverense¹⁶, a Banda de Música de Cête¹⁷, etc. A necessidade de as manter levou os seus elementos a constituírem sociedades, associações ou agremiações. Os associados cediam uma quota estipulada pela direcção e, com isso, estas entidades ficavam com um fundo de maneio que era utilizado com diversos fins que permitiam a actividade das bandas de música, nomeadamente, a compra de instrumentos e fardamentos e as deslocações que tinham de fazer. Além disso, as sociedades tinham mais capacidade de diálogo com o poder municipal, pois estavam mais organizadas e tinham representantes mais influentes do que uma simples banda de música. Essas instituições, por vezes, não viviam só da música e juntavam outras componentes lúdicas, oferecendo um conjunto mais abrangente de actividades. Estas eram recreativas ou desportivas. Além disso, por vezes, outras componentes não lúdicas interferiam e marcavam as entidades, como sejam, por exemplo, o ideário e a militância política.

O século XIX revelou-se de uma importância crucial para a constituição de sociedades filarmónicas e de bandas, pelo acréscimo do prazer das pessoas em ouvir música, pela capacidade de se associarem e formarem grupos musicais, pelo gosto de

combater as tropas francesas que, nessa época nos invadiam.». Ver <http://dererummundi.blogspot.com/2008/07/o-batalho-acadmico-de-1808.html>.

¹⁴ «A Banda de Freamunde foi fundada em 1822, tendo sempre até hoje uma actividade ininterrupta. Tem como actividade principal o ensino e promoção da cultura musical. Da sua Escola têm saído grandes músicos que actualmente integram os quadros das Bandas da G.N.R., P.S.P., R.I.P, Força Aérea, Marinha, ex-Orquestra do Teatro Nacional de S. Carlos, Orquestra Sinfónica Portuguesa, professores nas Escolas Profissionais e Artísticas de Viana de Castelo e das Caldas da Saúde, etc.». Verificar <http://www.bandasfilarmonicas.com/bandas.php?id=11>.

¹⁵ «A Sociedade Antiga Filarmónica Montemorense «Carlita» é oriunda de um grupo de filarmónicos que teria sido organizado na primeira metade do séc. XIX em 1830 sob a regência de Carlos Simões. A falta de estradas e transportes, o isolamento da vila e as muitas festas nela realizadas, foram os factores preponderantes para que o referido grupo se organizasse.». Verificar <http://www.bandasfilarmonicas.com/bandas.php?id=604>.

¹⁶ «Fundada dia 8 de Dezembro de 1832, era então Pároco o Reverendo José Pinto Aleixo. A sua fundação resultou da influência na chamada sociedade civil da época, das forças militares instaladas na «Fábrica de Arcos de Ferro de Verguinha» sita nesta freguesia, na Quinta do Engenho, durante as lutas liberais, onde se fabricava material bélico. Aliás a sua primeira designação foi «Banda Marcial de Lever». <http://www.bandasfilarmonicas.com/bandas.php?id=136>.

¹⁷ «Associação Musical Cetense foi fundada em 1835, embora com outra denominação e, até 1842, não há elementos que indiquem o nome dos maestros. A partir desta data, e até 1854, foi regida por um tal Senhor Bandeira, até 1870 foi a vez do Senhor Pedro Romualdo, a que se seguiu, até 1879, Gabriel da Bouça.», <http://www.bandasfilarmonicas.com/bandas.php?id=403>

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

executarem grandes trechos melódicos com instrumentos capazes de emitir sonoridades fascinantes, pela necessidade de levar esta actividade a todos os cantos do País.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Nota conclusiva

João Domingos Bomtempo foi uma personagem que introduziu e promoveu a cultura sinfónica e de câmara em Portugal. Esta situação veio potenciar a criação de sociedades filarmónicas no nosso país, pois deu a conhecer um estilo que iria ser cultivado pelas bandas de música. O instrumental diversificou-se e a sua produção aumentou tornando o seu acesso mais fácil. A burguesia aumentou a sua influência e a classe média ganhou gosto pela música. Nasceram colectividades musicais inspiradas no associativismo e as bandas proliferaram por todo o País, levando a música ao povo. As bandas militares foram as primeiras a organizarem-se e a utilizar o novo instrumental e repertório, executando, ao mesmo tempo, marchas militares. Mais tarde, surgiram as bandas filarmónicas civis que vieram substituir outros agrupamentos musicais menos estruturados e organizados, que possuíam um conjunto de instrumentos diferente, à base de cordas, e não estavam dotados de um regulamento rígido. Uma das primeiras bandas que temos notícia é a de Lixa que terá nascido em 1807. As bandas de música civis tocavam em festividades religiosas, populares e recreativas, tornando-se património cultural das regiões onde estavam sediadas e contribuindo para o ensino e evolução musical em Portugal.

CAPÍTULO III

BANDAS DE MÚSICA EM PORTUGAL

A Sociedade Filarmónica Lusitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Nota introdutória

As bandas de música civis em Portugal iniciaram a sua actividade no princípio do século XIX, mas só começaram a enraizar-se em meados deste século, com o advento da guerra entre absolutistas e liberais. Este acontecimento contribuiu para a sua proliferação, uma vez que foi uma época favorável para a constituição de grupos que se juntavam em redor de um ideal político-social, pela implementação do associativismo, devido à necessidade de uma afirmação de força, em que a ideia de bélico, guerreiro, militar, disciplina e organização era desejada (as bandas usavam um fardamento semelhante ao militar e possuíam estatutos e regras), por necessidade de atitudes patrióticas e dar a conhecer a personalidade local e as suas características. Pensa-se que, hoje em dia, existam cerca de 700 bandas de música espalhadas pelo País, prova irrefutável do apreço que as populações têm pela actividade destas entidades: «a banda filarmónica é uma das instituições musicais com maior vitalidade em Portugal. [...] Segundo as últimas estatísticas compiladas pelo INATEL, existem presentemente 700 bandas e fanfarras activas em Portugal (INATEL 1988)» (Russo, 2004: 39).

As bandas de música são instituições civis, cuja prática musical está associada ao entretenimento público.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

1. Definição de banda de música

Ao se debruçar sobre o estudo da banda de música de Estremoz, é importante que se tente explicar o que são estas entidades. Poder-se-á afirmar, sem se correr o risco de errar, que se trata de uma associação de músicos cujo objectivo é executar um repertório variado que abarca vários géneros e estilos, muitos com carácter erudito, outros oriundos do universo da música ligeira, popular ou tradicional, com o intuito de entreter as populações. As bandas estão sediadas numa determinada localidade e podem ser identificadas algumas características da região nos seus elementos, nas escolhas que fazem, no seu repertório, etc. Os instrumentos utilizados, na generalidade, são os de sopro, mas também os de percussão. Utilizam uma farda semelhante à militar. Estes são alguns traços comuns a todas as bandas.

As filarmónicas são entidades populares que, desde meados do século XIX, têm transmitido conhecimentos musicais. Com esta finalidade, é necessário que os músicos saibam executar, de forma conveniente, os instrumentos e actualizar os repertórios, dominar o solfejo e conheçam a estrutura musical. Elas fizeram nascer novas formas de sociabilidade e práticas sociais. O associativismo urbano ajudou a promovê-las.

As bandas de música possuem uma dinâmica marcada por uma dupla característica, social e cultural. A cultura popular ou tradicional e erudita estão presentes simultaneamente, assim como características do que é rural e urbano. O seu estatuto demonstra «o *continuum* híbrido entre o campo e a cidade» (Cabral, 1998: 124). Nasceram no século XIX, em sequência das guerras liberais. Primeiro, estiveram ligadas à vida na cidade, mas depois vieram a integrar as pequenas localidades de província. Foi um processo gradual em que, graças à sua dinâmica, adaptaram-se às novas realidades locais, afirmando a sua identidade. Elas «contagiavam vida, reabilitavam e despertavam forças perdidas ou adormecidas» (Catroga & Carvalho, 1995: 32).

Deve fazer-se a contextualização histórica para melhor compreender a evolução das bandas. Elas estão ligadas a movimentos associativos, vivem de dinâmicas e de processos socioculturais, têm um espaço indefinido e um estatuto impreciso. Os

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

instrumentos não têm origem tradicional e a sua música está mais relacionada com uma aprendizagem erudita (na música erudita os trechos musicais não passam de geração a geração, devido a serem mais elaborados e de difícil retenção). Porém elas demonstram uma dinâmica social que tem mais a ver com a cultura popular e identificam-se com diferentes áreas de referência. A maior parte dos músicos que as constituía tinha uma origem humilde. As suas características permitem-nos considerá-las como património cultural, uma vez que possuem uma prática cultural de revitalização local. O contexto reintegra-as e recupera-as, pois fazem parte do seu património e tradição.

As bandas têm uma função popular, uma vez que: “quem lhes empresta mais solidariedade? Quer no campo artístico quer no campo económico, são, em geral, as classes menos abastadas. Nas outras, infelizmente, e em relação à generalidade, poucas dedicações se encontram. É no pedreiro, no trabalhador, no sapateiro, no carpinteiro, no empregado humilde enfim, que se encontra a verdadeira e desinteressada dedicação [...]. São estes os obreiros anónimos que sustentam no país, e sem remuneração, a música do povo» (Freitas, 1946: 29-30). Elas são «[...] grupos musicais locais que se integram no campo da música tradicional e por outro lado, observadas e analisadas enquanto grupos formalmente estruturados que pretendem representar através dos seus desempenhos a sua área geográfica e /ou cultural, ou mesmo Portugal na sua totalidade, e que participam regularmente em eventos locais» (Castelo- Branco e Lima, 1998: 11).

Nos anos oitenta do século XX, fruto da abertura do regime político, as filarmónicas revitalizaram-se e reforçaram o seu papel de transmissores de identidade cultural.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

2. Festas predominantes em que as bandas filarmónicas participavam, entre 1880 e 1910.

Nesta época, eram inúmeras as festas em que as filarmónicas existentes no País participavam. Tratava-se de festividades de variado cariz e tipologia, nomeadamente, festas religiosas de homenagem aos santos padroeiros das suas regiões, manifestações religiosas, como sejam, procissões e romarias; também estavam presentes em festas regionais, comemorativas de ocorrências célebres para a região, ou mesmo para a História de Portugal, recepções a políticos monárquicos de diferentes hierarquias, desde ministros até, inclusivamente, ao rei; as filarmónicas também eram convidadas para actuar em arraiais e bailaricos, sendo a delícia dos populares; actuavam, igualmente, em momentos de lazer para espectadores amantes de música que as escutavam atentamente; geralmente, seleccionavam um dia e uma hora habitual para se fazerem ouvir, sendo o dia mais escolhido o Domingo. Havia festas em que as Filarmónicas eram pagas para actuar pelos organizadores de eventos, mas noutras ocasiões era voluntário o seu desempenho.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

3. Algumas bandas do sul de Portugal

Bandas do Alentejo

No sentido de contextualizar o objecto de estudo, «A Sociedade Filarmónica Luzitana», apresentam-se alguns dados históricos de enquadramento relativos a bandas com características próprias. Para se ter uma ideia mais abrangente, optou-se por elaborar o historial de duas bandas da região de Lisboa, com o intuito de se aperceber as diferenças entre as bandas das localidades pequenas e as da região da grande Lisboa.

3.1. Montemor- o-Novo

Em 1830, um indivíduo chamado Carlos Simões organizou o grupo do Mestre Carlos, que mais tarde foi conhecido por Antiga Sociedade Filarmónica – Carlista.¹⁸ Vários terão sido os motivos para que o grupo se organizasse: a falta de estradas e transportes, o isolamento da vila e as muitas festas realizadas nesta zona. A 30 de Julho de 1861, vários elementos de posição social elevada decidiram transformá-lo numa sociedade, dando-lhe a designação acima referida. A inclusão do termo «Antiga» deveu-se ao facto de o agrupamento existir há mais de trinta anos. Os seus fundadores foram, entre outros, João Manuel Malta, Dr. António Agostinho e Joaquim Lopes Tavares. O seu primeiro estatuto data, então, de 21 de Abril de 1862. Praticamente, elementos de quase todas as classes sociais participavam activamente nas festas de beneficência e recreio público realizadas. Poderemos citar algumas: as deslumbrantes Batalhas de Flores, as sumptuosas festas religiosas, as feéricas iluminações, e, sobretudo, a generosa beneficência que uma plêiade de rapazes de talento e graça natural então promoviam com bastante grandiosidade e brilho. O regresso de antigos habitantes, principalmente os filhos dos fundadores que voltavam imbuídos de novas ideias, desejosos que a sua terra se desenvolvesse consideravelmente, era motivo de festa grande, organizada pela Sociedade. Porém, em 1862, os Regeneradores passaram a dominar a «Carlista» e os apoiantes progressistas decidem sair e criar uma nova banda, a que dão o nome de «Círculo Montemorense». Esta situação crispa os ânimos e as duas bandas passam a

¹⁸ Esta denominação deriva do seu primeiro mestre se chamar Carlos (Freitas, 1946: 232)

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

guerrear-se, tentando extinguir-se uma à outra. O conflito agudiza-se e a inveja ganha proporção, principalmente quando a nova banda decide sediar-se num edifício luxuoso, contrastando com a modesta casa que a Carlista tinha arrendado. Esta situação motivou a reacção do responsável político do Partido Regenerador, Visconde de Amoreira Torre, que não se conformou, recolhendo apoios, influências e dinheiro e convocando uma assembleia-geral de accionistas, que determinou que o edifício dos progressistas deveria ser pretensa legítima da Antiga Sociedade Carlista. Esta decisão não os demoveu e a situação passou a ser discutida pela via judicial.¹⁹ A pequena vila alentejana viu as suas filarmónicas desviarem-se do seu objectivo inicial, a música, para se digladiarem em questiúnculas de ordem política.

Em 1885, a Carlista continuava na senda do progresso. Foi um ano em que se destacou nas festas que se organizaram, principalmente na que foi realizada em honra do Rei D. Luís I. Em 1888, mudou para as instalações da sede rival.²⁰ Porém, os Pedristas não se deixaram abater e passaram à construção de uma nova sede, vizinha da rival, ainda mais luxuosa. Por volta de 1890, ambas as sociedades estavam no seu auge.

Com a intenção de pesquisar as actividades realizadas pela Banda Filarmónica Montemorense, debruçámo-nos a nossa atenção para o estudo do livro das actas da Sociedade Antiga da Filarmónica Montemorense (Carlista)²¹. O período dessas actividades vai desde 1888 a 1892. São poucas as informações relevantes sobre a temática, no entanto conseguiu-se fazer o levantamento de algumas.

Há referências a uma reunião que se efectuou em 24 de Novembro de 1888, com o intuito de preparar as festividades para o dia 1 de Dezembro desse ano, comemorando

¹⁹ «A razão defendida pelos *Carlistas* era que o edifício da *Pedrista* lhes pertencia, pois possuíam a maioria das acções. O resultado da assembleia é-lhes favorável. E quando notificam à Direcção da *Pedrista* que tem que sair da sua sede, esta intimativa não é aceite. O caso é entregue ao poder judicial, que faz respeitar a resolução da assembleia dos accionistas.» (Freitas, 1946: 235).

²⁰ Em 1888, o poder judicial cumpriu as suas determinações, e esta sociedade abandona as suas modestas instalações, mudando-se para a sede da sociedade rival. Como refere o autor, «...com o coração trespassado pelo desgosto e nos olhos o rancor, a *Pedrista* abandona a sua sede.».

²¹ «Sociedade Antiga Filarmónica Montemorense. (1888). *Encontra-se arquivado neste livro, os Estatutos da Sociedade Antiga Filarmónica Montemorense, aprovados pelo Exc.mo. Senhor Governador Civil do Distrito de Évora. Montemor – o – Novo, 11 de Fevereiro de 1938*». Actas lavradas na Sociedade Antiga Filarmónica Montemorense entre 1888 e 1926.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

a independência de Portugal²², a alusão a Abril de 1889, para que a Banda Filarmónica de Montemor participasse nos festejos em honra da visita do Rei de Portugal, D. Luís I, àquela localidade²³; estes festejos terão decorrido nos dias 19, 20, 21 e 22 de Maio e a Filarmónica terá recebido os maiores elogios pela sua prestação.²⁴ No estudo das actas também está referida a decisão da Direcção, tomada em 4 de Agosto de 1889, no sentido da Filarmónica actuar às Quintas-feiras e Domingos, no coreto do Rossio.²⁵ Em 9 de Novembro de 1889, numa reunião da Direcção, foi estipulado que apenas haveria como comemoração do 1º de Dezembro daquele ano uma reunião familiar, devido a luto nacional (falecimento de D. Luís I).²⁶ A 31 de Julho de 1892, foi decidido, em reunião da Direcção, a participação da Banda Filarmónica Montemorense na festividade de Nossa Senhora do Castelo da Vila de Coruche.²⁷

²² «Sociedade Antiga Philharmonica Montemorense» regista que no dia 24 de Novembro de 1888 a Direcção reuniu para «determinar quais os festejos a fazer no dia 1º de Dezembro para [solennezar] o [aniversario] da independência [Portuguesa].».

²³ «Aos dezanove dias do mês de Abril de mil oitocentos e oitenta e nove, reunidos em maioria, a Direcção da Sociedade Antiga Philharmonica Montemorense, abaixo assignados, foi-lhe presente um officio da Exma. Câmara Municipal d'Évora, convidando a banda de Musica a abrilhantar os festejos em Honra de Sua Magestade que a mesma Municipalidade projectou fazer, por ocasião da vezita áquela cidade. A Direcção deliberou aceitando tão honroso convite e que desta deliberação se deve immediato conhecimento à Câmara da capital do distrito.».

²⁴ «Aos dez dias do mês de Julho de mil oitocentos e oitenta e nove reunida em maioria, a Direcção da Sociedade Antiga Philharmonica Montemorense, abaixo assignada, foi pelo sr. Presidente apresentado um officio da Exm. Câmara Municipal do Distrito d'Évora com que a mesma Câmara se confessa muito reconhecida pelo magnifico serviço que lhe fez a Philharmonica durante os dias 19-20-21 e 22 de Maio, dias dos festejos em honra de Suas magestades, que se realizaram n'aquella cidade. A Direcção também aqui consagra um voto de louvor á Philharmonica pelo acceio, boa ordem e Disciplina em que se apresentou e ao Mestre, pelo magnifico repertório apresentado que tornou a philharmonica Distinta entre todas as outras.».

²⁵ «Aos quatro dias do mês de Agosto do ano de mil oitocentos e oitenta e nove reunida em maioria [...] officiar à banda que se preste a ir tocar para o coreto do Rocio às Quintas feiras e Domingos em que não tenham festas d'onde possam vir fatigados [...]».

²⁶ «Reunida em nove de Novembro de mil oitocentos e oitenta e nove a Direcção da Sociedade Antiga Philharmonica Montemorense deliberou promover por todos os meios [...] que os festejos no próximo dia primeiro de Dezembro se resumam apenas a uma reunião familiar a nenhuma manifestações exteriores e isto em consequência do luto Nacional que infelizmente fez [...]».

²⁷ «Aos trinta e um dia do mês de Julho de mil oitocentos e noventa e dois, nesta villa de Montemor o Novo e sala das sessões da Direcção da Sociedade Antiga Philharmonica Montemorense [...] o regente da Philharmonica Amaro Romão, disse que, tendo aceitado a festividade de Nossa Senhora do Castello da villa de Coruche, pediu á Direcção licença para uma comparência da philharmonica na mencionada festividade; da parte da Direcção foi concedida a licença pedida [...]».

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

3.2. Moura²⁸

Em 1898, foi fundada a *Filarmónica Independente 1º de Maio*. A Câmara Municipal de Moura cedeu o dinheiro necessário para que a Filarmónica pudesse comprar os seus instrumentos. Como fiador ficou o Reverendo Cónego, que também era vereador, José Augusto Jordão de Almeida. O que ficou acordado entre a Câmara e a Filarmónica foi que o pagamento da dívida seria saldado através da cedência de cinquenta por cento das receitas das festas, amortizando o dinheiro em dívida até perfazer o seu valor total. O modo de pagamento não agradava aos responsáveis, pois este era moroso e problemático. Para facilitar a situação, o Cónego ofereceu a sua casa para que os músicos aí ensaiassem, mas os músicos não se sentiam bem em estar sob a tutela do Cónego e acabaram por se desentenderem com ele, tendo assumido a dívida o regente dos primitivos grupos musicais, Luís Augusto Pimenta. Seguidamente, passou a ser regente o ex-casapiano Florêncio José Cenáculo Vilas Boas que se dedicou à causa da Filarmónica, ofertando-lhe a casa, água, luz e músicas. A Filarmónica não tinha sócios e, por esse motivo, vivia exclusivamente das festas que realizava. A situação dos músicos não era boa, pois cinquenta por cento dos lucros serviam para pagar a dívida à Câmara e os outros cinquenta por cento para pagar ao mestre. Eram, portanto, uns verdadeiros escravos do cumprimento do dever e da paixão que consistia em manter a Filarmónica em funcionamento.

Em 1908, a dívida com a Câmara foi saldada. Tinham-se passado dez anos após a fundação da Filarmónica. Um abundante piquenique foi promovido para festejar este acontecimento onde não se deixou de salientar a honradez e o empenho dos músicos. Porém, em 1908, o regente Vilas Boas abandona Moura. A Filarmónica, sem sócios, sente a falta do mestre e desorganiza-se.²⁹

²⁸ «Diz a sua tradição que a primeira Banda popular fundada na vila deve ser de uma data anterior a 1880, e que os amadores Santana e Costa, Manuel Oliveira [...], Luís Augusto Pimenta, Francisco José Vaz e Joaquim Pereira, teriam tomado a direcção de vários grupos musicais; e que estes, sem carácter associativo, teriam sido a origem das bandas que lhes sucederam.»

²⁹ Estes dados foram recolhidos de (Freitas, 1946: 176 – 177).

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

3.3. Évora

Nalgumas terras do País, embora muito poucas, as filarmónicas principiaram com elementos denominados pela população: «os ricos», talvez por possuírem fortuna pessoal. Évora foi uma dessas cidades.³⁰ Assim, em 1860, este grupo social e ecognómico funda, então, a sua Banda, denominada *Os Formigões*. O entusiasmo dos ricos esfriou, pois «as exigências de uma corporação musical são sempre complexas e, precisamente por se tratar de uma classe pouco disposta a tais exigências e sacrifícios...» (Freitas, 1946: 195). Esta Banda acabou por ser dissolvida.

Em 1870, foi a vez das classes mais desfavorecidas fundarem a sua Banda. Ela veio a suceder a *Os Formigões* e foi denominada *Alunos de Minerva*, tendo tido a alcunha de *A Música dos Chouriços*. Devido a divergências políticas, uma nova Banda surge denominada *Primeiro de Dezembro*. Uma e outra estavam comprometidas com a política: a *Alunos de Minerva* apoiava a política Regeneradora³¹ e a *Primeiro de Dezembro* satisfazia as exigências da política Progressista.³² Ambas as bandas acabam por se desintegrar pouco tempo depois.³³ Desta forma, a cidade de Évora fica nesta altura, sem música popular.

Em 1887, um barbeiro funda a *Escola do Grupo de Amadores de Música Eborense*. O seu nome era Joaquim Gregório de Sousa. Segundo consta, era «habilidoso flauta por devoção [...]» (Freitas, 1946: 195).

³⁰ «...ser-se músico num agrupamento de bom passa-tempo espiritual e artístico era apanágio de bom tom, e os ricos – porque nesse tempo não existia o foot-ball, a telefonia, os luxuosos cafés, [...] – agregavam-se e constituíam as filarmónicas porque era a fruta apetecida do tempo. Não destoaram os ricos de Évora dessa evolução e também fundaram a sua Banda.»

³¹ Política que apresenta como ponto fulcral a renovação do sistema político e a criação de infra-estruturas básicas necessárias ao desenvolvimento do país. Adoptava os princípios estabelecidos na Carta Constitucional de 1826, em que a soberania passava a residir no Rei e na Nação.

³² Política que propõe mudanças sócio-económicas radicais, para o desenvolvimento e para o progresso do país.

³³ Segundo Freitas (1946: 195), «As lutas do partidarismo musical e político eram constantes. Profundos ódios até, faziam velhos amigos e conhecidos olharem-se com ar de desconfiança e de soslaio. Foram seus regentes os bons amadores João da Costa e o conhecido mestre Teia. Porém as pugnas políticas atingiram o escândalo, e por 1886 ambas terminaram seus dias.»

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Como benfeitor desta banda, surge o nome do Dr. Francisco Eduardo Barahona Fragoso,³⁴ se bem que o primeiro regente tenha sido Barreto da Cruz. A política foi erradicada de vez. Esta situação gerou entusiasmo, e os alicerces da Sociedade foram lançados e cimentados. Foi cedido o salão do Teatro Garcia de Resende para os ensaios, por influência do Dr. Francisco Barahona. No entanto, a Câmara e a Sociedade decidiram procurar uma casa que se adaptasse melhor aos propósitos da Sociedade. Essa escolha recaiu sobre o Convento de Santa Mónica e, durante muitos anos, foi aí que os *Amadores* ensaiaram. Durante muitos anos, a Sociedade viveu em prosperidade, sem encargos com a sede, com ajudas de vária ordem e com o apoio dos associados, tendo participado em inúmeros eventos artísticos e actos de beneficência.

Porém, em 1905, com a morte do benemérito, os amadores perderam o entusiasmo pela sua sociedade, apesar da Banda Popular ter resistido mais um tempo.³⁵

3.4. Estremoz

Em Estremoz, a mais antiga filarmónica data de 1840 e a mais moderna de 1871 (Freitas, 1946: 219). Quanto à primeira, faremos uma ou outra referência aqui neste capítulo, pois diz respeito, exactamente, ao nosso objecto de estudo. À medida que formos avançando na investigação, iremos, também, referenciando o seu historial e comparando em simultâneo com o que o autor acima indicado cita sobre a mesma:

«Na vida das duas Sociedades Filarmónicas tudo indica não ter havido a intromissão da velha política dos partidos. Parece só ter existido a política musical, interesses da Sociedade; Arte e Progresso de cada uma.»

«Da segunda filarmónica diz-se que foi a iniciativa de um grupo de músicos, cujos nomes se ignoraram por nada terem deixado escrito, que a constitui sob o nome de Filarmónica União de Estremoz, também alcunhada pelos seus adversários de Mondongos, pela razão que durante anos, só possuíram, como uniformes, uns bonés. E

³⁴ Pessoa que oferecia os fardamentos e os instrumentos (Freitas, 1946: 196).

³⁵ Segundo Freitas (1946: 196), «Amparada, foi suportando as vicissitudes da sua vida. Mas em determinada época abandonou a sede que lhe fora cedida pelo Município...».

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

que só em 1885, com a nomeação da sua primeira Direcção, é que parece ter sido constituída em Sociedade de direito e de facto.».

Poderemos acrescentar que os primeiros protectores da Filarmónica União de Estremoz foram Augusto Maria Vaz e Manuel Joaquim Palha, sendo o primeiro o director da Sociedade e o segundo o secretário. Em 1885, deu-se o desenvolvimento e projecção da Filarmónica, devido às suas iniciativas de cunho musical, que lhe trouxe receitas e simpatias. Esta situação revestiu-se de benefícios à comunidade em que estava inserida.³⁶

A relação entre os elementos constitutivos da Filarmónica era excelente, não havendo lugar a disputas políticas ou partidárias. Havia, nesta Sociedade, um «espírito de união» e «laços de uma compreensiva camaradagem». Em 1889, a União dispunha de dezanove executantes. É por essa altura que um proprietário abastado, Júlio Teles de Matos, lhes oferece instrumentos. A Filarmónica começa a ganhar algum dinheiro, fruto de vários serviços realizados pela Banda e, em 1891, estreia o seu fardamento. Neste mesmo ano, altera o nome e passa a denominar-se Filarmónica Artística Estremocense.³⁷

³⁶ «Os constantes concertos públicos ainda em coreto improvisado; as festas destinadas a adquirir ambiente associativo, receitas e simpatias; a acção beneficente dos seus Bandos precatórios a favor dos pobres e dos doentes do Hospital Civil...».

³⁷ Segundo Freitas (1946: 223), a «Filarmónica Artística Estremocense» surgiu aquando uma desavença entre os membros da «Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz». Desta saíram alguns deles e formaram a primeira.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

4. Zona da Grande Lisboa

Duas bandas da zona de Lisboa: GNR e a Banda da Parede

4.1. A Banda de Música da GNR

Na abordagem às bandas de música da região da Grande Lisboa, é importante focar uma que já tem um longo e rico trajecto e que marcou a história das bandas de música em Portugal, como é a Banda da Guarda Nacional Republicana. É interessante salientar alguns aspectos deste agrupamento musical, uma vez que, sendo a GNR uma instituição militarizada, reúne um conjunto de características inerentes às bandas militares, mas também a bandas urbanas desenvolvidas, o que a torna um caso particular no contexto das filarmónicas. Assim, parece pertinente fazer-lhe uma referência no nosso trabalho, pois o seu objectivo, para além de sublinhar as características da Filarmónica Luzitana é dar uma perspectiva geral das bandas em Portugal.

Esta banda foi criada no ano de 1834, quando se deu a extinção da Guarda Real da Polícia. O seu comandante-geral, D. Carlos de Mascarenhas, impôs um conjunto de regras muito rígidas a todos os elementos que dela fizessem parte. Baseando-nos em Freitas (1946: 398–399), passamos a apresentar alguns dos artigos mais elucidativos:

«Artigo 1º - Haverá um oficial incumbido da música que lhe passará revista, quando forem a alguma formatura, que assistirá aos ensaios, quando lhe parecer, para ver se falta alguém, e se são feitos com regularidade, mas não para os reger, pois isso pertence ao mestre, que lhe fará distribuir o fardamento e entregar, pois que este deve existir em uma arrecadação para isso destinada e só servirá ao que for respectivo ao Corpo»;

«Art. 5º- Ser-lhe-á concedida licença para irem tocar a qualquer festa, tanto em Lisboa como fora [...] contando porém que a quarta parte do ganho entrará no cofre, o que deve entender-se, quando a música for toda ou a maior parte, e isto até final amortização da despesa feita com o fardamento que ultimamente receberam, e logo que a despesa esteja satisfeita haverá nova condição.»

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

«Art.8º- O mestre da música será obrigado em cada mês a apresentar de novo não só Sinfonias e um Walthz, como todas as peças que estão em uso, tanto antigas como modernas, assim como um passo dobrado, fazendo a despesa do papel à sua custa.».

«Art.10º- O mestre da música terá todo o cuidado no asseio e conservação dos instrumentos, dando parte ao oficial encarregado da música (como único canal por onde me deve chegar tudo o que for respectivo à música) de todas as novidades que encontrar, não só relativo aos instrumentos, como de tudo o mais.».

«Art. 12º- Se o Corpo marchar [...] não serão obrigados a levar às costas mochilas nem outra coisa qualquer, que os impossibilitem de tocar.».

«Art. 13º- Se eu sair do Corpo por qualquer motivo ficarão de nenhum efeito estas condições e dever-se-á proceder a outras.».

Todos os membros da Banda tiveram de assinar o documento de aceitação das regras instituídas. A vida da Banda teve um interregno em 1846, uma vez que o comandante Mascarenhas foi substituído e o comandante que o sucedeu ordenou a sua extinção.³⁸ Porém, a Banda esteve inactiva só por poucos meses, uma vez que D. Carlos Mascarenhas retornou ao comando da Força Policial e ordenou a sua reorganização. A partir deste momento, esteve sempre activa até aos nossos dias. Alguns dos mestres mais representativos do agrupamento, desde 1838, foram: António Gonçalves da Cunha Tabora, Jacques Murat, Jerónimo Soler, Manuel Augusto Gaspar, Joaquim Fernandes Fão.

As suas actividades são, principalmente, três: representação a nível de protocolo do Estado, cerimónias militares e concertos. Quando entidades estrangeiras visitam Portugal, a Banda da GNR integra as formaturas de Guarda de Honra, tocando os hinos dos respectivos países. Também participa, através da execução de música de câmara, em recepções oficiais oferecidas a entidades que podem ser nacionais ou estrangeiras. É presença activa em festivais e *tatoos* militares nacionais e estrangeiros³⁹ e em várias

³⁸ «O pedido de extinção foi feito por ofício de 31 de Maio e assinado pelo 1º comandante interino, o tenente – coronel João Firmino de Lemos Corte Real».

³⁹ «Contribui ainda com grupos de música de câmara que actuam durante as recepções oficiais oferecidas a altas entidades nacionais e estrangeiras.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

cerimónias militares. Actua em concertos, sendo considerada uma das melhores bandas de música, pois possui instrumentos diversos de grande qualidade e um arquivo enorme e valioso, para além da mestria dos seus músicos (é um grupo constituído por 125 instrumentalistas).

No historial da sua actividade contam-se grandes êxitos, dentro dos quais se destacam os festivais de Bandas Militares de Mons (1980), Modena (1995) e Basileia (1996). Também as digressões ao Brasil, Holanda e Luxemburgo (1997 e 1998) foram coroadas de êxito. A Banda fez, igualmente, gravações para uma rádio parisiense.

Em Portugal, gostaríamos de fazer referência às actuações no Teatro Nacional de São Carlos, no São Luís, na Trindade, no Convento de Mafra, na Torre de Belém, nas Regiões Autónomas da Madeira e Açores, nas ruínas do Convento do Carmo, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa e no Coliseu dos Recreios.⁴⁰

Todos os anos realiza dezenas de concertos nas mais diversas localidades do País. As diferenças relativamente às bandas de província dizem respeito ao número de músicos, à sua formação específica, mestria e qualidade na execução dos instrumentos e nas músicas, à diversidade e quantidade de instrumentos, participação em concertos e ao repertório mais variado. É, de facto, uma das bandas mais bem apetrechadas em termos materiais e recursos humanos do País.

Na segunda, participa em todas as cerimónias militares de âmbito interno, colabora em iniciativas de outras forças militares, com principal destaque para a participação em festivais militares do Estado Maior General das Forças Armadas e Tattoos Militares nacionais e estrangeiros.». Verificar em <http://www.bandasfilarmonicas.com/noticias.php?id=345>.

⁴⁰ Informação colhida em <http://www.bandasfilarmonicas.com/noticias.php?id=34>.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

4.2. Parede (Cascais)

Outra Banda que gostaríamos de referir, relativamente à região da Grande Lisboa, é a da Parede. Em Fevereiro de 1889, foi formado um grupo musical com o objectivo de constituir «uma Banda Popular de Música» e de «praticar a instrução musical, o recreio dos espíritos e prestar a solidariedade com o misericordioso manto – «A Beneficência.». A comissão organizadora era composta por: Domingos Moreira, Agostinho Martins, António Máximo Ribeiro; José António Martins do Ó, António Pereira Duarte, Júlio Pereira Bonito, João Maria Rosa, Octaviano Augusto da Rocha Pereira, José Maria Duarte, António José Duarte, etc. O nome que eles deram à colectividade foi «Sociedade Musical União Paredense». Houve, desde o início, uma preocupação em afastar situações externas que viessem a perturbar os objectivos genuínos da Sociedade.

A atitude de António Maximino, um dos fundadores da entidade, é bem reflexo disso.⁴¹ A Sociedade não tinha dinheiro para comprar o material necessário para a concretização dos seus objectivos e, por esse facto, «foram emitidas acções ou obrigações no valor de 500 reis cada e resgatadas quando a Colectividade tivesse a sua vida regularizada. Os adeptos, amigos e simpatizantes ficam com essas acções; e realizado o capital compram-se os instrumentos.». Depois de tudo combinado e tratado, a Sociedade foi fundada a 4 de Março de 1899. A sede teve várias instalações e, em 1909, comprometeu-se em actividades lúdicas de beneficência, angariando fundos de apoio às vítimas do terramoto de Benavente. A Banda desenvolveu as suas actividades musicais em cerimónias religiosas, populares, recreativas e de homenagem a personalidades. É uma banda típica, onde os seus músicos actuam com farda e com os instrumentos tradicionais das bandas portuguesas. O seu repertório, na sua tipologia, e o

⁴¹ António Maximino afirmou: «A Sociedade não poderá nunca ser utilizada por partidos políticos ou religiosos e são abolidas e vedadas conversas ou conferências que visem os mesmos assuntos, e, que, a sede da Sociedade nunca esteja situada para além do Largo de Poço, a fim de evitar os partidos políticos em demanda.».

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

seu instrumental não diferem das bandas de província, nomeadamente da Sociedade Filarmónica Luzitana.

A Sociedade Filarmónica Lusitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Nota conclusiva:

O estudo sobre o nascimento das bandas filarmónicas em Portugal deve ter em linha de conta o contexto histórico e socioeconómico que vigorava no século XIX. Este século foi o mais importante, no que concerne à implementação das bandas no nosso país. O advento da Revolução Industrial teve grande influência na mudança comportamental e de vida em sociedade, nas relações de produção e de socialização, mas também na perspectiva e no desenvolvimento humano. Foi o século das grandes descobertas, que permitiu que a vida no mundo dos homens sofresse uma grande metamorfose. A mente humana, apoiada pela sua capacidade inventiva e poder de produzir em massa os mais diversos objectos de utilidade pública, proporcionou o surgimento de um modo de vida que valorizava a comodidade. No campo da música, o surgimento de novos instrumentos foi um facto, assim como um acesso mais fácil a eles. O exemplo do nascimento de bandas militares, as sonoridades produzidas por elas, estimulou à criação de bandas por parte de civis. No século XIX, quando surgiram, na sequência das guerras liberais, as primeiras organizações de bandas civis, elas eram «intituladas filarmónicas «de guerrilha» e depreciativamente consideradas nas esferas militares ligadas à música» (Ramos, 1991:10). Em traços gerais, poderemos apontar em três direcções, relativamente ao emergir das bandas filarmónicas: o contexto histórico, social e económico, em que pontificou a Revolução Industrial (segundo Toffler, a denominada segunda vaga), a capacidade inventiva humana e o desejo de experimentar novos elementos em novos contextos, e, em terceiro e último lugar, a vontade de aplicar e adaptar uma realidade (as bandas militares) noutra situação (o ambiente social humano, extra militar). No caso concreto de Portugal, há também uma situação de importação em relação ao que se passa no estrangeiro; ou seja, Portugal não foi pioneiro no respeitante à criação de bandas filarmónicas, esta situação já acontecia noutros países e o nosso país seguiu o exemplo dos outros, adaptando-o ao contexto nacional.

As bandas de música que nasceram em Portugal, no período já citado, tinham características regionais. O que pretendemos dizer com isto é que foram resultado das necessidades musicais e artísticas de um dado local. Não é um fenómeno só urbanístico,

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

fruto do poder económico de uma cidade, mas resultou de um esforço de pequenas localidades que pretendiam erguer um grupo musical empenhado no entretenimento do pequeno lugarejo. Evidentemente que não se tratou só de um fenómeno de aldeias e vilas, mas igualmente das grandes cidades. Os locais recônditos e pobres do País não se inibiram a erguer a sua banda de música ou sociedade filarmónica por falta de verba, mas num esforço notável e colectivo conseguiram angariar o capital necessário para corporizar o seu grupo musical. As gentes da terra empenharam-se a executar com arte os instrumentos musicais e, naturalmente, não deixaram de transmitir a personalidade colectiva de uma região ao repertório e à forma de viver e sentir a música. As bandas «através da sua dinâmica social, se vão readaptando às novas realidades e vão reafirmando a sua identidade ao nível da dimensão local» (Russo, 2007: 9). Assim, o estudo revela-se importante por ser um trajecto musical que percorre uma dada época e lugar, mas também não deixa de ser uma marca das características de um contexto local⁴², pelo que podemos observar particularidades sociais no estudo das filarmónicas, «as bandas podem tornar-se objectos de estudo de grande riqueza, na medida em que envolvem vários aspectos e múltiplos campos de abordagem e transportam consigo um conjunto de características que são reveladoras de um determinado contexto, ou seja, que adquirem, assumem e transmitem um determinado património sócio-cultural» (Russo, 2007: 11). A essência das bandas de regiões mais limitadas e das grandes superfícies urbanas é a mesma: o desejo de criar e actualizar um repertório musical por prazer, para enaltecer a região em situação de recepção a visitantes, com fins de recreio e entretenimento da população local. Não há grandes divergências entre as bandas de província e as citadinas, somente identificámos três situações: a maior adesão de músicos nos espaços mais alargados, maior capital dispendido, maior diversidade instrumental e de repertório. Esta situação prende-se um pouco com a sua essência e estatuto híbrido. Elas são ambíguas porque apresentam não só especificidades urbanas e rurais, simultaneamente, como eruditas e populares, o que fez com que os estudiosos musicais tivessem dificuldade em situá-las no panorama musical. De facto, as

⁴² «Partindo da premissa apresentada pelo Instituto Português do Património Cultural, concluímos ser possível considerar qualquer prática musical como testemunho e património cultural da sociedade onde está inserida.» (Russo, 2007: 11).

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

filarmónicas terão nascido em cidades médias e depois transitado para os meios rurais, começaram por estar associadas à vida na cidade passando, só mais tarde, a integrar as pequenas localidades ligadas aos contextos rurais. As bandas têm uma dupla dimensão, «apesar de serem claramente características da cultura popular denotam certas emulações que procuram fazer da cultura erudita» (Russo, 2007: 13). Desde o início contribuíram com novas formas de sociabilidade, talvez pelo seu carácter associativista e colectivo e promoveram práticas culturais. A sua dinâmica musical, social e cultural fez com que se tornasse um veículo de modernidade, relativamente aos locais onde se enraizava.

CAPÍTULO III

A Sociedade Filarmónica Luzitana



Imagem 1: A Sociedade Filarmónica Luzitana é instituída a 28 de Agosto de 1840, nascendo da extinta Banda Marcial do Batalhão de Voluntários de Estremoz da Senhora D. Maria II.

A Sociedade Filarmónica Lusitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Banda filarmónica é o «conjunto de instrumentistas de sopro e percussão, amadores, associados em colectividades a partir de meados do século passado no nosso país, que actuam com fardas mais ou menos próximas das militares, numa grande diversidade de acontecimentos públicos, profanos ou religiosos» (Lameiro, 1997: 2).

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Nota introdutória:

A Sociedade Filarmónica Luzitana é uma entidade musical sediada em Estremoz cuja actividade se tem revelado muito importante para a localidade. Desde há muito que a banda tem sido um meio de recreação para as gentes da região nas suas actividades, na maneira como actuam nos espectáculos, na escolha de repertório, conforme é referido nas passagens sobre os levantamentos das festas ⁴³. É uma associação particular, mas com muito da terra. Apesar das suas singularidades, principalmente as respeitantes às características particularidades do local, como sejam, as tendências e propensões das pessoas da terra, a sua maneira de pensar e agir, os seus gostos e costumes, reflectidos nas suas actividades, na maneira como actuam nos espectáculos, na escolha de repertório, na adesão a festividades que tenham determinadas peculiaridades, nomeadamente, de apoio a uma causa, de homenagem a um santo padroeiro, a uma entidade política, a Sociedade Filarmónica Luzitana não deixa de possuir os traços comuns inerentes à maioria das outras bandas espalhadas pelo País nas seguintes componentes: ambiguidade característica da sua essência (rural/urbana, classe popular/classe média, cultura popular/cultura erudita); estrutura característica do associativismo, com estatutos e regras; influência militar (no fardamento, em parte na disciplina, que obriga ao cumprimento de algumas regras fundamentais, nos estatutos, na postura, em algum repertório); na tipologia dos instrumentos, característicos de todas as bandas, sendo os de sopro e percussão os dominantes; no contributo que geralmente as sociedades filarmónicas dão às regiões, como escolas de música, como associações democráticas que integram elementos das mais variadas classes sociais numa política de inserção promotora do mais são convívio, como entidades que participam nos eventos locais com empenho e dinamismo, contribuindo, com as suas actuações, na valorização de festas religiosas, populares, de homenagem a figuras nacionais e queridas à região. Tudo isso a Sociedade Filarmónica Luzitana tem feito ao longo da sua existência. O período que vai de 1880 a 1910 foi uma época em que esta entidade cimentou as suas bases e cresceu enquanto organismo cultural pertencente à cidade de Estremoz.

⁴³ Estas passagens podem ser observadas no anexo 2 que completam este trabalho.

A Sociedade Filarmónica Lusitana de Estremoz entre 1880 e 1910

«De características acentuadamente portuguesas, impõem-se elas como agradáveis e úteis colectividades onde a Assistência Social encontra amparo, a Educação fértil campo de acção, e o patriotismo e a solidariedade ambiente propício para uma grandiosa e consubstanciada construção de civilização e progresso. [...] E é esta a mais importante e útil acção – Humana e Educativa – prestada pelas Sociedades de Música Popular» (Freitas, 1946: 521).

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

1. O Tema da dissertação: A Sociedade Filarmónica Luzitana

A Sociedade Filarmónica Luzitana foi criada em 25 de Agosto de 1840. «Segundo a tradição, parece que o primeiro instrumental desta Filarmónica foi adquirido após a extinção do Batalhão dos Caçadores da Rainha, com sede então nesta vila, pois, dissolvido este, foi constituída a Filarmónica com os elementos da respectiva banda e com a denominação que actualmente tem.» (Crespo, 1950: 95).

Na pesquisa sobre a sua origem, encontrou-se, na Biblioteca Municipal de Estremoz, entre outros documentos, um pequeno manual escolar, talvez dos primeiros editados em Portugal (faltam-lhe as primeiras páginas onde deveria constar a data da impressão). Este pequeno livro foi oferecido à Biblioteca, em 1979, por Arnaldo Silva, neto de um dos músicos Sociedade. Encontrou-o entre o espólio do seu avô e colou sobre a sua encadernação uma nota dactilografada que dizia: «Este livro contém vários serviços feitos pela Luzitana e os preços de trabalho vale a pena ver e confrontar com os preços de hoje».

A esta nota, juntou Arnaldo Silva uma carta, igualmente dactilografada, que colou na margem da primeira folha do compêndio e que cujo teor é o seguinte: «Este velho exemplar, é uma pequena História de Portugal escolar, que em 8 de Dezembro de 1903, data esta do falecimento do meu avô, encontrei junto de vários papéis velhos seus. Guardei este livrinho, e mais tarde, no fim de uns anos decorridos, despertou-me a atenção vários trechos existentes nas páginas manuscritas. Li e reli o referido assunto histórico, que se prendia com a Real Luzitana, como tal, isto tem-me servido de base para falar desta velha colectividade, e assim me tenho baseado em confirmar não só na imprensa como em descrição que ouvi a meus avós e muito me tem servido, baseando-me sempre com o fim de descobrir a data certa, que dorme nas cinzas dos tempos de longos anos, o que até hoje se não sabe a sua verdadeira data que lhe é atribuída, como o ano de 1840».⁴⁴

As referidas notas manuscritas apresentam-se em tinta de cor sépia, sumida pelos anos, em caligrafia miúda e na ortografia da época no citado compêndio de

⁴⁴ Esta mensagem data de 1979, de Matainço / Aveiro e está assinada por Arnaldo Silva.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

História, ocupando as margens brancas que envolvem a mancha do texto impresso ou nos espaços de fim de capítulo. Os registos denotam não só grande orgulho, paixão e entusiasmo pelo grupo musical a que o cronista pertenceu, como denunciam ardores patrióticos liberalistas que então se viviam e que, ao que parece, unia fortemente o grupo musical. Como se sabe, nas primeiras décadas do século XIX, Portugal experimentou uma dolorosa guerra fratricida que opôs liberais a absolutistas. Esta guerra marcou dramaticamente a sociedade portuguesa, dividindo os portugueses. É, pois, natural, que em todos os sectores da vida pública, mesmo aqueles que *a priori* não tivessem uma ligação directa com as questões de ordem política, mobilizassem apoios para as causas que julgavam justas. As sociedades filarmónicas não terão sido excepção, até porque eram um pouco o espelho do sentir das pequenas comunidades e, assim, é natural encontrarmos expressões em documentos que ilustrem este facto. Assim, pode-se considerar, sem qualquer lugar a dúvidas, que se trata, na verdade, do grupo de músicos que constituiu o embrião do que viria a chamar-se, na hora do aparecimento das colectividades populares, a Sociedade Filarmónica Luzitana. O movimento associativo só eclodiu em Portugal em meados da quarta década de oitocentos, tendo sido criada em 1838⁴⁵, a primeira associação popular, Sociedade dos Artistas Lisbonenses. Continuar-se-á a dar a conhecer mais algumas referências que parecem mais elucidativas ou significativas sobre a origem da Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz: de Janeiro de 1812, há uma nota muito circunstanciada sobre o serviço que o grupo de músicos prestou e o seu preço⁴⁶ durante o ano 1811, constituindo uma informação muito curiosa sobre as festas religiosas desta época, na zona de Estremoz.

⁴⁵ É interessante a informação fornecida por Costa Goodolphim, em 1876, sobre a Associação de Socorros Mútuos, salientando que os operários tiravam do seu ordenado semanal uma pequena parcela, para fazer face a um eventual problema que viesse a surgir (doença, ou outro) garantindo a sua sobrevivência. Era o início do associativismo e das políticas de protecção social. As sociedades erguidas nessa época não tinham só a função de protecção social, mas também de fornecer actividades lúdicas aos seus associados Goodolphim, C. (1876). *A Associação, Historia e Desenvolvimento das Associações Portuguezas*, Lisboa, Typographia Universal.

⁴⁶ «Festas pagas Janeiro 1812: Sto Amaro – 160 reis; Sra. Martyres - 170 reis; S. João de Deus – 120 reis; S. Bento – 160 reis; Sta. Margarida - 160 reis; S. Gens – 440 reis; S. Thiago – 330 reis; S. Marcos – 490 reis; S. Lourenço – 160 reis; S. Cipriano – 160 reis; Sto. Aleixo – 150 reis; Sto. Estevão – 130 reis; S. Domingos – 190 euros; S. Miguel – 120 reis; S. Veríssimo – 170 reis; S. Crespim - 130 reis; S. Romão - 160 reis ; Sta. Catarina – 250 reis; Sto. André – 140 reis; S.Lázaro – 220 reis; S. Thomé – 120 reis; Sta. Imaculada Conceição – 235 reis».

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Pela quantidade dos serviços prestados em Janeiro do referido ano, pode reflectir-se, que um grupo de músicos que era solicitado com tão regular assiduidade ao longo dum ano, tem, por força, que estar minimamente organizado e orientado, ou seja, possuir alguma qualidade que lhe garanta prestígio e implantação na região de Estremoz. Recuando dois anos antes do já referido registo, há um outro, datado de 1808, sobre as Invasões Napoleónicas e as suas consequências na então vila de Estremoz⁴⁷, registando também a distribuição do instrumental do grupo sobrevivente⁴⁸. Este apontamento dá, por um lado, a ideia de que haveria, nessa altura, um expressivo conjunto musical e, por outro, a noção da sua intervenção patriótica e o contributo em vidas humanas nas batalhas locais contra os franceses.

Parece importante abrir aqui um parêntesis para recordar os acontecimentos que tiveram por cenário a cidade de Estremoz e que originaram a perda da maioria dos elementos do grupo musical: Loison, conhecido na gíria popular por Maneta, foi um dos generais que Napoleão enviou para a Península Ibérica e que teve a missão de ocupar o sul do País. Estremoz era, então, uma importante praça de armas, com valor geoestratégico. Loison fez da cidade o seu quartel e congregou para lá todas as tropas do Alentejo e Algarve, ocupando o edifício do Castelo. A presença de Loison no Alentejo preocupou todo o País⁴⁹, perturbando a vida da população de Estremoz e das regiões limítrofes. Os residentes viviam em permanente sobressalto com as pilhagens desenfreadas, as violações, os assaltos e roubos ao património nacional e a particulares, as destruições e os incêndios, fruto da raiva dos militares franceses pela rejeição e resistência do povo. Alguns estremocenses acautelaram os seus bens e haveres escondendo-os. Por exemplo, os oratorianos recolheram na sua casa do Rossio objectos

⁴⁷ «Invasões napoleónicas: defendemos com bravura a nossa bandeira contra os franceses. Foi nesta pelleja que a nossa muzica mais sofreu .Contávamos 25 muzicos e ficou-se reduzido a 7».

⁴⁸ «2 cornetas/ 1 trombone/ 1 bombardino/ 1 pifano/ 2 tambores de rufar».

⁴⁹ «...um episódio dramático ocorrido em Estremoz nos alvares do sec. XIX, que se iniciara sob um clima de inquietação e sobressalto das populações. O recurso às armas parecia ser o que mais uma vez restava para lá do mau entendimento e compreensão das palavras no ajustar dos interesses e ambições de algumas nações da Europa. Entalados entre ingleses, franceses e espanhóis, procurámos manter uma posição cuja prática acabou por se apresentar insustentável. Na evolução da crise vimos as nossas fronteiras invadidas e o país jogado vergonhosamente para ser partilhado pelas forças invasoras, a família real transferindo-se para o Brasil arrastando consigo os quadros da governação, constituídos por milhares de pessoas e com elas a saída de bens irrecuperáveis.», (Vermelho, 2003: 95).

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

de culto valiosos, provenientes da capela da Rainha Santa. Durante esse período, viveu-se um clima de autêntico terror entre a população, mas também de raiva. A falta de esperança deu lugar a uma fervorosa religiosidade, única forma de levantar o moral. Aquando da retirada da povoação, os franceses pilharam peças de arte valiosíssimas, inutilizaram o arsenal de armas e tentaram destruir o castelo. Muitos dos músicos da «Lusa» morreram nessa altura, o que foi um rude golpe para o grupo.

Depois de uma breve reflexão sobre os incidentes ocorridos na cidade de Estremoz em 1808, retorne-se à análise dos registos efectuados pelo avô de Arnaldo Silva, os quais aclaram mais a situação do grupo; aliás, começa a aparecer, pela primeira vez, a designação de «Luza» ligada ao grupo.⁵⁰ Parece, assim, deduzir-se que se tratava de um grupo civil que, ao findar a guerra, se viu reforçado pelos Militares do Batalhão. Ao analisarmos todas as notas registadas no citado compêndio de História, pertencente ao avô de Arnaldo Silva, e se as enquadrarmos com os acontecimentos do século XIX, ocorridos na Península, bem como o movimento de bandas que em meados de oitocentos se começou a sentir e a afirmar, ganhando cada vez mais força, até ao nascimento das sociedades populares e reforma da instrução em Portugal, fica-se um tanto mais esclarecido sobre o papel que desempenharam agrupamentos musicais com este núcleo, que foi a origem da Sociedade Filarmónica Luzitana. Foi deste esforço que nasceu o associativismo e o primeiro grande movimento de cultura popular deste país, aproveitando a transformação da sociedade com as novas ideias assentes nos princípios da igualdade e fraternidade.

Em 1840, nasce a Filarmónica Luzitana, do patriótico e entusiástico núcleo musical que foi a «Lusa». Existem duas notas no citado compêndio de História que também levanta novas questões sobre a origem da Luzitana. Há referência a Nicolau

⁵⁰ «O Sr. Governador Coronel António Tavares Magessi mandou entregar duas cornetas destinadas ao serviço da nossa muzica, 1 de Dezembro de 1820. Estremoz.

Touda a guarmissão melhitar da Prassa de Estremoz teve grande simpathia pella nossa Luza Muzica dos Liberais. Muitos melhitares e graduados vierão allystarsse nas fileras da nossa muzica quando acabô a guerra Miguelista. Viva os Liberais 1820.

A nossa muzica Luza foi aumentada depois das pellejas com o Batalhão. Toudos os Domingos tocavam no jardim do lado do quartel de castelo. eramos já 21 muzicos rezestimos sempre contra os Francezes com os Miguelistas i uzurpadores de Olivença. Viva a Liberdade».

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Tolentino de Almeida e a um tal Sr. Faria.⁵¹ Presume-se que Nicolau Tolentino fosse o célebre poeta satírico, amigo e companheiro de tertúlias de Bocage, que, segundo se pôde apurar, era também um grande amigo da música. Quanto ao segundo, trata-se, certamente, de um elemento do grupo, pois numa das notas cita-se: «Filhos de Estremoz temos de nos dirgir para o Algarbe aclamando bem alto que o Alentejo he liberal e quer tirar a desforra contra o traidor Miguelista Souza Reis Remexido. As ostes contrárias há liberdade derijidas pelo tal remexido teem de ser ajustadas pela morte há traição do nosso companheiro Faria i os maus tratos cauzados...». As informações que pudemos recolher sobre Sousa Reis Remexido foram de que se tratava de um célebre combatente miguelista da época.⁵²

1.1. A Constituição da Banda

Com a finalidade de analisar a constituição da Banda Filarmónica Luzitana entre 1884 e 1923, consultámos dois livros de actas lavradas entre 1884 e 1923, que se encontram no arquivo da respectiva Sociedade Filarmónica.

O primeiro registo data de Maio de 1884, onde se faz referência a uma reunião entre a Direcção e os músicos da Banda Filarmónica Luzitana que apelam a Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo para tomar posse como Regente da Banda⁵³. Constam no registo desta acta 15 assinaturas que pensamos serem as dos músicos que compõem a Banda Filarmónica.

Ainda no mesmo mês de Maio, precisamente no dia 24, regista-se uma alteração à constituição da Banda Filarmónica Luzitana: foram dispensados dos seus serviços dois filarmónicos por faltarem aos ensaios sem terem apresentado qualquer justificação. É

⁵¹ «A letra dos versos que o Senhor Nycolau Tolentino de Almeida vos mandou esthá em poder do Senhor Faria. Janeiro 1781.».

⁵² Estas informações sobre Sousa Reis Remexido podem encontrar-se em [http://forumpatria.com/historia-de-portugal/o-remechido-\(ou-remexido\)-jose-joaquim-de-sousa-reis](http://forumpatria.com/historia-de-portugal/o-remechido-(ou-remexido)-jose-joaquim-de-sousa-reis).

⁵³ «Nos abaixo assignados, Phi.cos Lusitanos; e convictos, querendo a continuação da mesma philarmonica Luzitana, e nunca a decadência da mesma; vimos por este meio , em razão do Sr. Barreto ter nomiado na qualidade de seu supre regente, pedir ao Sr. Joaquim Lúcio de Carvalho, nos queira ensaiar ; em quanto o Sr. Barreto, de novo não queira thomar posse do seu logar, que tanto nos tem honrrado e honrrará . Por tal fim pedimos pois, ao Sr. Carvalho queira thomar posse deste logar, o que desde já lhe agradecemos muito. Estremoz 11 de Maio de 1884.».

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

de notar uma certa indignação por parte da Direcção da Sociedade, pois, estes músicos, numa acta anterior, tinham-se assumido como «músicos convictos»⁵⁴ e, afinal faltaram a vários ensaios, não cumprindo, desta forma, a responsabilidade que tinham assumido anteriormente.

Passados alguns dias, a Direcção da Sociedade Filarmónica Luzitana reuniu de novo para dar conhecimento da saída de mais um dos seus músicos⁵⁵.

De acordo com a análise da constituição da Banda Filarmónica Luzitana no ano de 1884, poder-se-á concluir que esta sofreu uma perda de três músicos, o que se deveu, sobretudo, à falta de cumprimento do regulamento interno que regia a Sociedade. Nos alvares do ano de 1885, talvez por falta de músicos, a Direcção da Sociedade pediu um músico a Évora, pois avizinhava-se um concerto e era necessário recorrer a um reforço.⁵⁶

No ano de 1886, há registo de uma reunião entre a Direcção da Sociedade Filarmónica Luzitana e os seus músicos, onde são estabelecidos novos estatutos.⁵⁷ Nesta contaram-se 21 assinaturas. Assim, analisando novamente a constituição da Banda, verifica-se que esta ganhou 8 músicos durante, sensivelmente, um ano. Em Dezembro do mesmo ano, realizou-se uma reunião da Direcção da Sociedade Filarmónica Luzitana onde foram aprovadas as categorias dos músicos. Como curiosidade, registre-se que o Regente ganhava «parte e meia»; oito músicos ganhavam a «primeira parte»; oito ganhavam a segunda e outros oito ganhavam a «terceira parte». A Banda já era, então, constituída por 24 elementos. Durante o ano de 1887, não existe qualquer registo da formação da Banda Filarmónica. Em Fevereiro do ano seguinte, um dos músicos tentou

⁵⁴ «Podem conciderar-se desligados da phi.ca Luzitana, os phi.cos Antonio Lopes, e Joaquim Lopes, o que foi deliberado por unanimidade na noite de 24 de Maio pela razão de no dia 11 do mesmo mez, se terem assignados como phi.cos convictos e não querendo nunca a decadência da mesma phi.ca como se vei na Acta nº2 deste Livro; e no dia 19,20,21 e 23, faltando aos ensaios d'esta phi.ca sem participarem cousa alguma...».

⁵⁵ «No dia 27 de Maio pelas 9h da noite recebeu o Presidente da Direcção um officio do phi.co Joaquim de Paula, em que este se despedia da phi.ca, e deixava de ser sócio da mesma, pelo motivo de estar aborrecido, e não querer continuar...».

⁵⁶ «Em secção de 23 de Julho, foi approvada pela Direcção , a proposta feita pelo Regente; a fim de se levantar do coffre a quantia de Mil reis, - 1:000 p.a pagamento de hida, e volta, do comboio p.a o Phil.co Ribeiro que está em Évora; e ser cá perciso assestir a tourada com a Phi.ca em 26 do corr.te...».

⁵⁷ «A Philarmonica Luzitana; querendo o bem regímen da mesma, e nunca a decadência da dita [...] hove por bem, approvar, e assignar, os seguintes artigos provisórios; para vigorarem durante as festas do Carmo...».

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

abandonar a Banda, mas a Direcção não o permitiu.⁵⁸ Em Abril desse mesmo ano, foi suspenso um dos músicos por ter adoptado algumas atitudes consideradas pouco correctas durante uma actuação.⁵⁹ Durante o ano de 1888, a Banda actuou com menos um filarmónico. Nesse tempo, os músicos que não cumpriam o regulamento interno da Sociedade eram suspensos da sua actividade, até porque eram remunerados. Até 1891, não há registos de que a constituição da Banda Filarmónica Luzitana tenha sofrido qualquer alteração. Em Abril desse ano, a Banda perde outro dos seus músicos, por motivos relacionados com a sua saúde.⁶⁰ A Direcção não considerou o facto de ele ter estado doente e não lhe pagou a parte a que tinha direito como filarmónico, alegando que ele não cumprira com o regulamento interno, ao faltar a uma das actuações num dos festejos locais. Um mês depois, no dia 31 de Maio do mesmo ano, a Banda Filarmónica perde mais quatro dos seus músicos. Dois deles, Theodozio Nunes Mantas e seu filho, alegaram «motivos justos». A Direcção deliberou «por unanimidade que se aceitasse o despedimento destes dois filarmónicos», pois, segundo o que consta em acta, Theodozio Mantas era uma pessoa com uma personalidade difícil, chegando mesmo a criar conflitos entre os seus colegas. Os outros dois músicos saíram na mesma altura: um

⁵⁸ «Tendo riunido a Direcção em 18 do corrente para resolver acerca do officio que o filarmónico Alfredo Lopes deregii à mesma despendindose temporariamente; a Direcção deliberou o pedir-selhe para retirar o despedimento e continuar da mesma maneira como dantes, visto não lhe ser ademeçivel o despedir-se temporariamente; nem a elle, nem a nenhum philarmonico; em vista da deliberação da Direcção; o senhor Alfredo retirou o seo officio...».

⁵⁹ «Tendo riunido a Direcção no dia 3 de Abril às 8horas da noite para deliberar acerca do procedimento do phlirarmonico Domingos Pereira por se apresentar embriagado no arraial da Senhora dos Martyres, que teve logar no dia 2 do corrente; e também ausentando-se sem licença da formatura ; e no regresso para a villa, entregou o bombo novo aos rapazes, ao que deu motivo, a que os outros rapazes lhe atirassem com pedras ao dito bombo, ficando uma das pelles picada. E chegando á casa de ensaio o zelledor da phi.ca, dizendo-lhe que não devia ter entregado o bombo aos rapazes, porque era o bombo novo, respondeu-lhe rasões inconvinientes. A Direcção em vista do que está escripto, diliberou applicar-lhe o Artigo nº26 ficando o Sr. Domingos Pereira suspenço defonciunar na phi.ca até que a Assembleia geral resolva o que achar appreposito para o bem estar, conservação e dignidade desta Philarmonica...».

⁶⁰ «Aos oito dias do mez de Abril, pellas 8e1/2 horas da noite estando presente todos os membros que compõe a Comossão organizadora, o Sr. Vice Prezidente abriu a Sessão, a fim de se discutir, se se haviade fazer parte dos interesses da Festa da Sra. Dos Prazeres, ao Philarmonico Joaquim Lucio da Silva Germano. Foi delliberado, pela mesma comissão que puzesse à discussão de todos os Phicos. O que se fez rezolvendo esta por 26 votos contra 6 que não se fizesse parte alguma ao mesmo Phi.co não se achando ele em conformidade com um artigo publicado em 20 de Agosto de 1890. Foi mais deliberação perante a mesma reunião ao Phi.co que atendendo, ao seu mau estado de saúde, e por tal motivo não puder cuprir, com o regulamento interno que rege esta associação, aconselhar-se que se despedisse sendo aprovado por 23 votos contra 9. O mesmo Sr. Germano, entregou nessa mesma noite o Instrumento em que tocava, e 2 dias depois, entregando também o fardamento completo e despedindo- se em seguida...».

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

deles, por ter sido convencido a não participar neste dito concerto pelo Theodozio Mantas, o outro despediu-se porque Theodozio «embirrava» com ele, ou seja, mantinham uma relação conflituosa.⁶¹ Em reunião de 15 de Maio de 1891, fica registado que o próprio Regente da Banda Filarmónica, Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo fica como responsável pelo instrumental e pelo uniforme da respectiva Banda.⁶² Além das assinaturas dos membros da Direcção, constam mais 33, provavelmente as dos músicos. A Banda Filarmónica Luzitana volta a perder outro

⁶¹ «Aos trinta e um dias do mês de Maio do corrente pellas quatro horas da tarde reuniu a Comissão e estando presente todos os membros, foi lido pelo Sr. Presidente um officio do Ex Philarmonico Theodozio Nunes mantas, e deu Filho Gabriel Nunes mantas, e de seu Filho em que diz se despedirem po motivos justos aos quais não alegam. Foi discutido este officio se se avhiade aceitar ou não. Foi deliberado por unanimidade que se aceitasse o despedimento de ambos os Socios e que se lavrouse na prezente acta a biografia doEx Philarmonico Theodozio Nunes Mantas. Foi mais deliberado que se houvisse o Philarmonico Elias Valentim sobre um officio que se lhe enviou perguntando e pedindo que se apresentasse na caza do ensaio afim de sizer os motivos porque tinha faltado ao concerto de 24 de Maio. O que o mesmo senhor se apresentou dizendo francamente que se tinha faltado ao conserto foi por ter sido indozido pello Philarmonico Theodozio Nunes Mantas [...]. O Sr. Theodozio Nunes Mantas embirrou com o Sr. Francisco Valentim Nunes a ponto de este ultimo se ver obrigado a despedir e depois desaphiando ainda em cima para brigar sem que para isso tivesse motivo ao que ele mesmo chegou a dizer. Também embirrou com o Sr. Vianna por este ganhar uma 1ª parte e ter sahido por duas ou trez vezes dando o motivo por falta de saúde e indigitando os muzicos para que o Sr. Vianna ficasse em 2ª parte. Também embirrou com o Sr. Penella e dizendo que tinha o diabo na barriga cada vez que via este Sr por este ter sido como muzico um dos melhores e como Presidente Secretário e Thezoureiro (cargos que este Sr dezempenhou como exemplar) [...]. Também embirrou com o Sr Palmella por motivos estranhos à Phi.ca e não gostar ou simphatizar com umas pessoas da família deste Ser chegou mesmo a fazer com que este Sr se depedisse da Phi.ca. Também embirrou com o Sr. Francisco Estevam por varias vezes por este tocar Trombone e julgar que lhe tirava o direito na qualidade de músico e assim como uma vez [...] nas festas da Gloria estando o Sr Mantas embriagado (como quazi sempre) dezafiu mesmo em corporação ao Sr Estevam para brigar e o Sr Regente numa ocazião teve que o mandar sahir da phorma para evitar graves conflitos [...]. Tambem embirrou com o Sr Barrinha por este estar doente e seu Pae não vir vezes a miúdo dar conhecimento do estado de seu filho e receber a parte que de direito lhe pertensia. Tambem embirrou com o Sr Rozado a ponto de uma vez na caza do ensaio dezaphiar brigar e insultar de palavras obsennas assim como outra vez nas festas do Carmo (estando também embriagado) tornou a desaphiar o mesmo Sr Rozado por este não armar as estantes e sendo isto em Publico. Tambem embirrou com o Sr Alfredo por este receber a sua parte por inteiro quando esteve doente e provar com o próprio medico. Tambem embirrou com o Sr Germano por este ganhar uma 1ª parte e queria que a comissão o despedisse [...]. Também foi cabeça de motim e chegou a revolucionar sete muzicos para não hirem ás festas do Carmo sem que as partes fossem iguais julgando por isto que ganhava mais dinheiro que é o seu Deus verdadeiro. Também embirrou com o Sr Barreto e com o Sr Claudino [...] o Sr Mantas tocou sempre as notas trocadas para dezacreditar o Sr Claudino e bem assim a praça toda. Também embirrou várias vezes com o Sr Carvalho sendo este Regente da Banda e uma vez e uma vez numa Tourada Nouturna em Estremoz só porque o Regente lhe disse que durante a Tourada a nossa obrigação era tocar beme que nada tínhamos com os Bandarilheiros se eram bons ou maus este Sr mesmo em corporação teve o descaramento de dezafiar o próprio Regente para Brigar!!!...».

⁶² «Em vista da responsabilidade que o Sr Joaquim L. de C. Ledo tomou para com o Ex. S D. Raphael Reynolds em 1 de Maio do corrente anno de ser responsável pelo Instrumental e fardamento completo, nos abaixo assignados também declaramos que somos responsaveis cada um por si para com o Sr Carvalho pelo Instrumental e fardamento que este mesmo Sr nos distribuiu ...».

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

músico, em Outubro de 1891, por este ter ido tocar com outra filarmónica, o que levou a Direcção a dispensar os seus serviços.⁶³ O mesmo acontece a 26 de Outubro do mesmo ano com outro músico.⁶⁴ Uma reunião datada de 1822 junta 26 filarmónicos.⁶⁵

Entre 1892 e 1906, não há registos de que a composição da Banda tenha sido alterada. Só em 1906 são dispensados dois músicos. A falta de cumprimento do regulamento Interno, bem como a falta de respeito pelo próprio regente da Banda são o motivo.⁶⁶

À guiza de conclusão, e em relação à constituição da Banda Filarmónica Luzitana, posso salientar que houve várias oscilações entre o número de músicos que a Banda possuiu ao longo de vinte e seis anos. As alterações deveram-se, sobretudo, à falta de cumprimento do regulamento interno que regia os princípios da Sociedade, bem como à falta de respeito entre os músicos e o seu próprio regente. É de notar que o álcool era um factor que contribuía para que houvesse tantas discórdias entre os músicos e, conseqüentemente, oscilações no número de músicos.

⁶³ «Em sessão do dia 18 d'Outubro d'1891 as 4 horas da tarde. Foi deliberado por monoria que fica d'hoje dia 18 do correte a té segunda ordem, suspensso dos Servissos desta Philarmonica em harmonia com o artigo n°26 o Philarmonico Sr Diogo Francisco d'Almeida, por ter indo fazer uma festa com a philarmonica União Estremocense...».

⁶⁴ «Em sessão no dia 26 de Outubro do corrente anno, o Sr Przidente abriu a Sessão eram 8/2 da noite. Apresentou-se o Sr Regente queichando-se do abuzo que cometeu o Phi.co Joaquim Lopes, de prestar um Instrumento, por nome Bombardino, ao Irmão Alfredo, sem Autorização, d'elle Regente, sendo elle o responsável, como todos assignaram na acta n° 8 datada de 15 de Maio do corrente [...]. Foi mais deliberado, que em vistas d'elle Socio Phi.co Joaquim Lopes ter ido fazer uma festa à Caza Branca com Philarmonica União Estremocense, ficar suspenso de todos os serviços desta Phi.ca por se achar incursro, no artigo N°26 dos nossos Estatutos...».

⁶⁵ «Aos trez dias do Mez de Maio do correntepelas 8/2 horas da noite, estando presentes 26 Phi.cos, faltando apenas o Muzico Joaquim Lopes ...».

⁶⁶ ««Em riunião de Direcção, aos 6 dias de Maio de 1906, estando presente o regente e o philarmonico Frederico Salsinha, depois de algumas perguntas que a Direcção fez aos philarmonicos Nisa e Salsinha, relativas ao pouco respeito que estes dois philarmonicos teem tido ao nosso regente e ao regulamento interno, o Sr Presidente mostrou o regulamento aos philarmonicos Nisa e salsinha, pedindo-lhe a fineza de diserem se queriam cumprir o mesmo assim como os seus companheiros, e sendo-lhe respondido pelos mesmos que não podiam cumprir, então o Sr presidente, disse-lhes que não podiam ser nossos collegas, ao que o Nisa, em acto contino se despediu e o outro depois d'uma piquena Discussão, pouco agradável ao nosso regente, fez o mesmo que o 1º, despedia-se...».

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

1.2. O estatuto socioprofissional dos músicos

Os livros de actas supra-citados permitiram estudar o estatuto socioprofissional dos músicos que constituíam a Banda da Sociedade Filarmónica Luzitana, entre 1880 e 1910.

Numa reunião datada de 10 de Maio de 1884, foram aprovados alguns artigos do regulamento interno, entre eles a divisão dos músicos, ou seja, quem ganhava uma primeira, uma segunda e uma terceira partes.⁶⁷ Os músicos tinham que obedecer a determinadas regras, caso contrário eram dispensados da Banda.⁶⁸ Quando estavam aborrecidos e queriam abandonar o cargo que ocupavam, tinham que pedir autorização à Direcção e esta aprovaria, ou não, a sua saída da Banda.⁶⁹ Se fossem necessários reforços, ou se os músicos estivessem deslocados e se fosse impreterível a sua prestação num determinado concerto, as deslocações seriam pagas pela Direcção.⁷⁰ Sempre que um filarmónico faltasse a qualquer serviço teria de pagar uma multa.⁷¹

⁶⁷ «No dia 10 de Maio, na sala de ensaio da Phi.ca Luzitana, estando presentes todos os membros que constituem a mesma phi.ca foram approvados pella maioria, os seguintes artigos. 1º haver uma Direcção de cinco membros. 2º haver, um conserto por Mez. 3º Haver dois ensaios por semana. 4º Haver 1ºas 2ºas e 3ºas partes...».

⁶⁸ «Podem conciderar-se desligados da phi.ca Luzitana, os phi.cos Antonio Lopes e Joaquim Lopes, o que foi deliberado por unanimidade na noite de 24 de Maio pela rasão de no dia 11 do mesmo mez, se terem assignados como phi.cos convictos e não querendo nunca a decadência da mesma phi.ca como se vei na Acta no.2 deste Livro; e no dia 19,20,21 e 23, faltando aos ensaios d'esta phi.ca sem participarem cousa alguma. Constou terem hido para outra phi.ca o que se justificou por própria bouca do Sr. Antº. Lopes...».

⁶⁹ «No dia 27 de Maio pelas 9 horas da noite recebeu o Presidente da Direcção um officio do phi.co Joaquim de Paula, em que este se despedia da phi.ca, e deixava de ser sócio da mesma pelo motivo de estar aborrecido, e não querer continuar. Em vista disto o Presidente da Direcção convocando a mesma, foi lido o officio; e a Direcção decedio em que se não asseita-se o despedimento...».

⁷⁰ «Em secção de 23 de Julho; foi approvada pela Direcção, a proposta feita pelo regente; a fim de se levantar do coffre a quantia de Mil reis, -1:000rs p.a pagamento de hida, e volta, do comboio p.a o Phil.co Ribeiro que está em Evora; e ser cá perciso assestir a tourada com a Phi.ca em 26 do corrente.».

⁷¹ «Tendo riunido a assembleia geral, presedida pelo Ex.mo Sr. João da Silva Tavares, e o Exmo. Sr. D.or Antonio Jacintto Mendes, em sessão de 15 de Dezembro de 1885 (...) que seja posto em esicução, o Artigo nº4 do Regulamento interno, em que trata das multas, aos que faltarem à hora marcada para qualquer serviço, começando a vigorar no 1º de Janeiro de 1886».

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

O regente da Banda, em 1884, Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo, tinha como missão ensaiar e escrever os arranjos das peças musicais que faziam parte do repertório, com a remuneração de três mil reis mensais.⁷²

Se os músicos estivessem de luto, seriam dispensados por três dias de qualquer serviço da Banda⁷³.

No dia 31 de Agosto de 1886, a Direcção reuniu com os músicos com a finalidade de aprovarem alguns estatutos.⁷⁴

No dia 16 de Dezembro de 1886, realiza-se uma reunião onde fica registado o valor do pagamento aos músicos, desta o regente ganhava parte e meia. Oito músicos que se destacavam na execução dos seus instrumentos e, por isso, tinham mais prestígio, recebiam a primeira parte. Outros oito, que não se destacavam tanto, recebiam a segunda parte; na cauda das remunerações pontuavam outros oito, cujo desempenho tinha um menor peso para a Banda.

Numa reunião de 8 de Abril de 1891, decidiu-se, por maioria, que não se pagasse nenhuma remuneração a um dos filarmónicos, embora ele tivesse alegado doença pela sua falta de comparência numa das actuações da Banda⁷⁵.

⁷² «Em sessão de 14 do corrente, e pela proposta do Sr. Joaq.m L. De Carvalho, p. que lhe fosse conedido poder leccionar um disciplo (particular) na casa do ensaio; a mesma Direcção lhe diferio o seu pedido. Outro sim deliberou a Direcção, que se estabeleçêçe ao regente a gratificação mensal de três mil reis...».

⁷³ «Em sessão de 26 do corrente, e em presensa de todos os Phi.cos, foi aprovado que fosse estensivo o artigo nº6 do rigullam.to interno da Phi.ca, aos que estiverem para irem a qualquer função, tendo a infelicidade de não poder acompanhar a Phi.ca por se achar de luto rigoroso; neça ocasião; o que foi approvedo por unanimidade. Não havendo mais nada a tratar passo a presente que assigno”. (Este luto refere-se aos três dias.)».

⁷⁴ «A Philarmonica Luzitana; querendo o bom regímen da mesma e nunca a decadência da dita [...] hove por bem, aprovar , e assignar, os seguintes artigos provisórios; para vigorarem durante as festas do Carmo. Artigo 1º Haverá a maior obdiencia possível, ao seu Regente. Art.º 2º - Todo o Phi.co que faltar à hora marcada para qualquer serviço, ser-lhe-há applicado sem replicas, a multa de 120 reis. Art.º3º - O Phi.co que se reconhecer em qualquer serviçoda phi.ca, ser-lhe-há applicado a multa, pela 1ª vez, de 160 reis pela 2ª vez de 300 reis – e pela 3ª 500 reis. Art.º4º - Haver uma comissão de 3 phi.cos para vigiarem durante as festas, os phi.cosque por acaso andem mal; e pedirem-lhes com maneiras, para se corregirem.».

⁷⁵ «Aos oito dias do mez de Abril, pellas 8 e ½ horas da noute estando presentes todos os membros que compõe a Comissão Organizadora, o Sr. Vice Prezidente abriu a Sessão afim de se discutir, se se haviade fazer parte dos interesses da Festa da Sra. Dos Prazeres, ao Philarmonico Joaquim Lucio da Silva Germano. Foi deliberado, pella mesma comissão que se puzesse à discussão de todos os Phi.cos o que se fez rezolvendo esta por 26 votos contra 6 que não se fizesse parte alguma ao mesmo Phi.co não se achando elle em conformidade com um artigo publicado em 20 de Agosto de 1890 pella Direcção atual. Foi mais deliberado perante a mesma reunião ao Phi.co que atendendo, ao seu mau estado de saúde, e por

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

No dia 15 de Abril de 1891, ficou registado que o Regente da Banda começaria a ganhar doze mil reis mensais, ou seja, um aumento no vencimento.⁷⁶ Qualquer músico pertencente à Sociedade Filarmónica Luzitana, se fosse prestar algum serviço à outra Filarmónica (União Estremocense), seria expulso.⁷⁷ No dia 17 de Dezembro de 1891, são traçados novos estatutos pela Direcção da Sociedade Filarmónica Luzitana.⁷⁸

Deste modo, conclui-se que a Direcção da Sociedade Filarmónica Luzitana tinha o seu regulamento próprio, exigindo que os seus músicos o cumprissem com rigor. A situação ganhava grandes contornos como se se tratasse da própria profissão dos músicos. Para pertencerem à Banda, os músicos tinham de se empenhar, dando azo às suas capacidades de executantes, em plena harmonia uns com os outros, contribuindo para o resultado final, ou seja, estimulando os espectadores dos concertos que faziam, dignificando o agrupamento e a região.

tal motivo não puder cuprir, com o regulamento Interno que rege esta associação, aconselhar-se que se despedisse, sendo aprovado por 13 votos contra 9».

⁷⁶ «Aos 15 dias do mez de Abril de 1891, pelas 8 e ½ horas da noute estando presentes todos os membros que compõem a Comissão Organizadora o Sr. Vice Presidente abriu a Sessão. Foi [...] deliberado que fique o regente ganhando 12000 rs mensaes, doze mel reis; mensaes e uma segunda parte nos interesses que houver...».

⁷⁷ «Em secção do dia 18 d´Outubro d´1891às 4 horas da tarde. Foi deliberado por monoria que fica d´hoje dia 18 do correte até segunda ordem, suspensso dos Servissos desta Philarmonica [...] o Philarmonico Sr. Diogo Francisco d´Almeida, por ter indo fazer uma festa com a filarmónica União Estremoçense ...».

⁷⁸ «Aos trez dias do mez de Maio do corrente pellas 8 e ½ horas da noute estando presentes 26 Phi.cos faltando apenas o Muzico Joaquim Lopes, foi aprovado por unanimidade o novo Regulamento Interno e que todos assignaram no final desta acta. [...]. Artigo 1º - Havera um conserto por mez. Pode-se dar tantos quantos o Regente entenda. Artigo 2º - Havera trez ensaios por semana. 3º - O Regente poderá dar mais ensaios alem dos trez já citados se a nessecidade assim o exigir. 4º - Nos interesses da Phi.ca haverá 1ª, 2ª, 3ª partes [...]. 5º - O Philarmonico que faltar à hora marcada para qualquer cervisso e não participar com antecedência ao regente [...] pagará uma multa de 40reis e sendo a falta completa não ganha nada e pagará uma multa de 80 rs. [...]. 6º - O Phi.co que faltar á hora marcada para o ensaio pagará 40 rs, de multa e sendo a falta completa 80 rs.7º - É considerado com direito a qualquer quantia que lhe possa pertenser qualquer Phi.co estando doente mas para tal deve dar parte por escripto ao regente 24 horas antes de marchar para qualquer função ou então provar com atestado do Medico. 8º - O Phi.co que em qualquer cervisso se prestar menos regular; o Regente o mandará retirar da corporassão e fica sujeito a perder a parte que lhe pertenser.9ª – Todo o Phi.co é obrigado a aceitar o cergo para que for nomeado. 10º - è expressamente prohibido a todo o Phi.co tocar m corporações constituídas que possam prejudicar esta corporação, salvo com determinação expressa do presidente da Comissão ou quem suas vezes fizer. 11º - A Phi.ca tem obrigação de acompanhar à sepultura o sócio protector se por qualquer motivo justificado e não poder fazer farse-ha representar por uma comissão que será nomiada por escala. 12º - A Phi.ca tem obrigação de acompanhar a sepultura o muzico falecido assim como a falimia de sua caza, se porq qualquer motivo o não puder fazer farse-há observar o artigo 11º. 13º- Qualquer infracção do prezente regulamento ficará o infractor sujeito ao castigo que a comissão julgar conveniente.».

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

1.3. O repertório da Sociedade Filarmónica Luzitana

Recorreu-se ao arquivo da Sociedade Filarmónica Luzitana para dar a conhecer o seu repertório, não obstante a pouca informação que se pôde colher uma vez que - segundo o Presidente desta entidade, aquando da implantação da República - muitos documentos foram destruídos. Relembre-se que o que nos interessa diz respeito ao período entre 1880 e 1910. Encontrou-se algum repertório. Muito do material existente até 1910 não foi entregue pelo regente da banda da época, Joaquim Lúcio Carvalho Ledo, após este terminar as suas funções na Filarmónica. Identificaram-se passagens nas actas que provam isso mesmo:

«No dia 8 de Junho de 1911 reuniram os philarmonicos que compõem a philarmonica Luzitana, para resolver a questão do regente, visto o Sr. Joaquim Lucio ter pedido 90 dias de licença e ao mesmo tempo declarar que nunca mais poderia tomar a regência da philarmonica [...]».

«No dia 13 entregou o Snr. Joaquim Lucio tudo que é da philarmonica que diz respeito a fardamentos e instrumentos, que são os seguintes, 30 fardamentos pretos, 30 bonets novos, 9 fardamentos amarellos, 13 bonets velhos, um flautim, uma requinta, um cornetim, um bombardino, um saxophone, uma trompa, um bombo, um par de pratos, uma caixa de guerra e um trombone. A commissão perguntou pelas muzicas que pertensem á philarmonica, respondendo o Sr. Joaquim Lucio que não nos avia de faltar muzicas porque elle as deixava todas porque não as queria; ficou das entregar quando entregase os instrumentos [...]. Estremoz, 13 de Junho de 1911.».

«No dia 16 sabendo a commissão que o Snr. Joaquim Lucio tinha recebido ordens para se apresentar em Lisboa officiou-lhe para que n'essa noite fosse entregar as muzicas que pertensem á philarmonica, á noite apresentou-se o Snr. Joaquim Lucio para fazer entrega das ditas muzicas, mandando buscar as muzicas a sua casa disse serem aquellas que pertensiam á philarmonica, examinadas pela commissão verificou-se que não traziam partituras a quase nenhuma, enterrogado sobre a falta das partituras disse que víssemos quaes nos faziam falta e que lhas pedíssemos porque elle não iha para Xina, dizendo-lhe um membro da commissão que aquillo não era entrega que se fizesse porque as partituras

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

são da philharmonica e não d'elle, o Snr. Joaquim Lucio ouvindo aquelle membro respondeu-lhe, á os Snrs estão dispostos a zangarem se comigo, e voltando as costas á comissão disse boas noites meus Snrs., e marchou se, o que indignou um bocado a comissão. Estremoz 16 de Junho de 1911.».

O tipo de repertório actualizado pela Sociedade Filarmónica Luzitana era o seguinte:

1.3.1. Música de Dança

Passo-Doble⁷⁹

Na primeira página da partitura está escrito o seguinte: «Gracia Hespanhola. Basse Doble. Propriedade de Manoel Joaquim Cardoso. Musico de 3ª classe d'Inf.a 17. Beja 15 de Fevereiro 1905.».

Este músico era um elemento da Banda de Música da Infantaria 17 e terá facultado a sua composição à Sociedade Filarmónica Luzitana para a executar. Os músicos ter-se-ão deslocado para o exterior para actuar em vários concertos, nomeadamente em Beja e Évora. A peça está escrita para os seguintes instrumentos:

⁷⁹ A origem do *Pasodoble* é espanhola. Trata-se de um estilo musical e de uma dança. É uma marcha cujo compasso é de 2 para 4 ou 6 para 8. Muitas vezes, surge em espectáculos taurino ou em desfiles militares. Sobre o assunto consultar: *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*, Edited by Stanley Sadie Executive Editor John Tyrrel Volume 19 2001, 2002. «Paso doble – Hispanic – derived dance genre generally in 6/8 metre», (The New Grove, 2002: 185). «Além disso, as bandas militares passaram a sentir a necessidade de aumentar as composições, isso devido ao intuito de estender a duração da música militar para atender um maior percurso no deslocamento das tropas sem que tivesse que reiniciar a mesma marcha em um pequeno espaço percorrido. Assim sendo, a marcha militar (música) “foi alterada com uma dobra no numero de compassos de 16 para 32 compassos dentro de cada parte que compõem a forma tradicional deste tipo de composição» (Souza, 2009, <http://coretojs.blogspot.com/2009/11/dobrado-uma-marcha-genuinamente.html>).

«Com o passar dos anos o «passo ordinário» conhecido também por «passo dobrado» passou a designar, além da marcha (andamento) as marchas (composições) das paradas, continências e desfiles, surgindo daí os gêneros musicais «pás-redoublé» francês, «pasodoble» espanhol e a marcha militar de «passo dobrado» em Portugal, que é ancestral direta do dobrado brasileiro.» (Dantas, *apud* Souza, 2009, <http://coretojs.blogspot.com/2009/11/dobrado-uma-marcha-genuinamente.html>).

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

flautim; requinta; 3 clarinetes; saxofone alto; 2 cornetins; trompa; 3 trombones; percussão.

Nome	Autor	Instrumentos	Datas	
<i>Gracia Hespanhola.</i> <i>Basse Doble</i>	Manoel Joaquim Cardoso	flautim; requinta; 3 clarinetes; saxofone alto; 2 cornetins; trompa; 3 trombones; percussão.	Beja 15 de Fevereiro 1905	Com partitura
Saudação a Estremoz	João Costa Nunes	flautim, requinta; 3 clarinetes; saxofone alto; 2 cornetins; 3 trombones; percussão	6 de Setembro de 1896	Com partitura
“Paso-doble sobremotivos de la zarzuela española «Vénus Salon»”	“Instrumentado para banda por el maestro D. damian Lopez”	flautim; requinta; 3 clarinetes; saxofone alto; 2 cornetins; trompa; 3 trombones; percussão.	Badajoz 12 – Abril de 1907	Com partitura
Passo Dobrado		Instrumentos: bombo; caixa; requinta; 3 clarinetes; 3 cornetins; 3 trompas; 3 trombones; 2 bombardinos; fígle.	Setubal 14 de Janeiro de 1894	
Depois das festas, Passo Dobrado	Posse de J. L. C. L	Instrumentos: requinta; 3 clarinetes; 2 cornetins; 3 saxofones; 2 trompas; 2 bombardinos; fígle; bombo; caixa.		
O Buzio – Passo Dobrado	J. L. C. L.	Instrumentos: requinta; 3 clarinetes; 3 saxofones; 2 trompas; 2 bombardinos; fígle; bombo; caixa.		

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Valsas⁸⁰

Embora na pesquisa não se tenham encontrado as partituras de todas as valsas, sabe-se da sua existência, na medida em que há na Sociedade Filarmónica um livro com a relação de todas as partituras que foram tocadas. O livro tem um quadro manuscrito com o nome da peça, o seu estilo e o seu autor. Lembre-se que, por essa época, era regente da Banda o sr. J. L. C. Ledo. Remete-se para a apresentação das peças:

Nome	Autor	Instrumentos	Datas	
<i>Brilho Extremocense Valse</i>	J.L.C.Ledo	requinta; 2 clarinetes; 2 cornetins, trompa, bombardino; 3 trombones; bombo	Sem referências	Com partitura
<i>Adelaide, Valsa</i>	F.Ceia Posse Manoel Joaquim Cardoso	requinta, 2 clarinetes, 2 cornetins, trompa, bombardino, 3 trombones; bombo.	Évora 25 de Setembro de 1905	Com partitura
<i>Augusta – Valsa</i>	Estevez Graça Escola Académica – Fanfarra	Os instrumentos são os mesmos da anterior	19 de Janeiro de 1904	Com partitura
<i>“Valsa vaporosa. Ao seu amigo Julio Augusto de Oliveira oferece o auctor”</i>	Eduardo Picão	Os instrumentos continuam a ser os mesmos	Em Dezembro de 1897	Com partitura
<i>Valsa Eugenia</i>	J.L.C.Ledo	Os mesmos instrumentos	Sem referências	Com partitura
<i>“Souvenir de Portalegre – Valsa”</i>	Gabriel Maria Batalha	Os mesmos instrumentos	Évora 7 de Fevereiro de 1895	Com partitura

⁸⁰ «Dança a três tempos, muito em voga nos salões do sec. XIX e princípios do sec. XX.», (Borba & Graça, 1963: 660).

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

<i>Um Notriluz – valsa</i>	J. L. C. Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>As Damas – valsa</i>	J. L. C. Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Valsa Sympathica – valsa</i>	J. L. C. Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>S. Tiago – valsa</i>	J. L. C. Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Fragil – valsa</i>	J. L. C. Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Benvida – valsa</i>	J. L. C. Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Margem do Rio – valsa</i>	J. L. C. Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Alice – valsa</i>	J. L. C. Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Sonhos de um Martyre – valsa</i>	J. L. C. Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Recordações – valsa</i>	J. L. C. Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Estrela Académica – valsa</i>	J. L. C. Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Uma Noiva – valsa</i>	J. L. C. Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Mazurca⁸¹

Nome	Autor	Instrumentos	Data e local	Data e local
<i>Calvina</i>	J.L.C.L.	flautim; 2 clarinetes; 2 cornetins; trompa, bombardino; bombo; caixa; pratos	Sem referências	Com Partitura
<i>Thorel – “Mazurka Dedicada á Ex.ma Sr.a D. Christina Andrade Bastos Reynolds”</i>	J.L.C.L.	Não tem indicação dos instrumentos	Sem referências	Com Partitura
<i>Bemvinda – “Mazurka – Á Nova Direcção”</i>	J.L.C.L.	requinta; 3 clarinetes; 2 cornetins; saxofone; trompa; bombardino; caixa; bombo; pratos.	Estremoz 18 de Janeiro de 1901.	Com Partitura
<i>La Verhena de la Paloma</i>	F. Breton	Não tem indicação de instrumentos	Estremoz, 9 de Outubro de 1895	Com Partitura
<i>Andurinda; Mazurka de Salon, para banda</i>	João Vieira	flautim; requinta; 3 clarinetes; 2 cornetins; trompa; 2 bombardinos; bombo; caixa; pratos.	Évora, 16 de Abril de 1865	Com Partitura
<i>Sonhos dum Martyr - Mazurka</i>	J. L. C. Ledo	Flautim; 2 clarinetes; 2 cornetins; não tem indicação de mais instrumentos.	Sem referência	Com Partitura
<i>Recomposição – Mazurka</i>	J. L. C. L.	Instrumentos: flautim; 2 clarinetes, trompa; bombardino; caixa. Não tem indicação de mais instrumentos. (Provavelmente algumas partes perderam-se).	Sem referência	Com Partitura

⁸¹ «Uma das danças nacionais polacas, originalmente cantada e dançada. É a três tempos, com uma característica de acentuação no segundo.», (Borba & Graça, 1963: 201).

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

<i>Estrella Academica – Mazurka</i>	J. L. C. L.	requinta; 2 clarinetes; saxofone; 2 cornetins; trompa; bombardino; (Não tem indicação da percussão).	Sem referênc	Com Partitura
<i>Mazurka ao meu amigo Francisco Calhau</i>	J. L. C. L.	Existe apenas a parte do 2º cornetim	20 de Janeiro de 1898	Com partitura
<i>Crespense – Mazurka</i>	J. L. C. L.	requinta; saxofone; 3 clarinetes; cornetim; não tem indicação da percussão.	Sem referências	Com partitura
<i>Chitara – Mazurka</i>	J. L. C. L.	requinta; saxofone; 3 clarinetes; 2 cornetins; não tem indicação da percussão.	Sem referências	Com partitura
<i>Mazurka Para Saxophone e Suprano</i>	J. Antunes Machado	clarinete; 2 cornetins, 2 bombardinos; 2 trompas; 2 trombones; saxofone; requinta; bombo; caixa; pratos; ferrinhos.	Póvoa de Lanhoso, 18 de Setembro de 1910.	Com partitura
<i>Alice</i>	J. L. C. L.	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Recordações</i>	J. L. C. L.	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Por baixo da Janela</i>	J. L. C. L.	Sem referências	Sem referências	Sem partitura

Polca⁸²

Nome	Autor	Instrumentos	Data e local	
<i>Primavera. Polka dedicada a Estevam para banda marcial</i>	Sem referências	Instrumentos: 2 clarinetes; 2 cornetins; trompa	Sta. Iria 19 de Novembro de 1896.	Com partitura

⁸² «Dansa originaria da Bohemia que se vulgarizou extraordinariamente na Europa desde 1840. » (Vieira, 1899: 421). Sobre a polca pode, ainda, consultar-se, entre outros, <http://www.imeviolao.com.br/artecultura/musica/polca.html>.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

<i>Xim pum ran tím</i> (<i>Polka burlesca</i>)	Pertence a Américo Santos	Andamento: Andante – Adagio - Andante Instrumentos: bombo; pratos; triangulo; caixa; requinta; flautim; 2 clarinetes, 2 saxofones; 2 cornetins; 2 trompas; bombardino.	20 de Junho de 1909.	Com partitura
<i>Izaura. Polka po</i> <i>Aureliano J.</i> <i>Gonçalves</i>	Posse de J. L. C. L.	Instrumentos: requinta; 3 clarinetes, 2 cornetins; 2 trompas; 2 saxofones, bombardino; bombo; caixa; prato.	Sem referências	Com partitura
<i>Recordações d'Evora.</i> <i>Polka, por Victorino</i> <i>José Lopes Cordeiro</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho	Instrumentos: requinta, flautim; 1º clarinete e 1º cornetim (provavelmente faltarão as outras partes)	Sem referências	Com partitura
<i>Polka do Cuco</i>	J. L. C. L.	Instrumentos: 2 clarinetes; requinta; 2 cornetins; saxofone; 2 trompas; bombardino; 2 trombones; bombo.	Sem referências	Com partitura
<i>Polka Rolheirense</i>	J. L. C. L.	Instrumentos: requinta; 2 clarinetes; 2 cornetins; saxofone; 2 trompas; bombardino.(Não tem indicação de percussão).	Sem referências	Com partitura
<i>Caracoes. Polka</i>	<i>Fernando Izidro</i>	Instrumentos: tem apenas a parte do clarinete, as outras provavelmente perderam-se.	Tomar 11 de Junho de 1907	
<i>Polka. Recordações de</i> <i>S. Eulalia</i>	J. L. C. L.	Instrumentos: requinta; 3 clarinetes; saxofone, trompa (Não tem indicação de mais instrumentos).	Sem referências	Com partitura
<i>A Liberalista – Polka</i> <i>por Branco</i>	Posse de J. L. C. L.	Instrumentos: 3 clarinetes; 2 cornetins; 2 trompas 2 saxofones;	Sem referências	Com partitura

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

		bombardino.(Não tem indicação de percussão).		
<i>Polka – Obrigada – a Cornetim, por J. R. Cordeiro</i>	Posse de J. L. Carvalho Ledo	Instrumentos: requinta; 3 clarinetes; 2 cornetins; saxofone, 3 trompas bombardino; bombo; caixa.	Sem referências	Com partitura
<i>Petit Bouquet de Roses – Polka, Del maestro Adolpho F. para banda</i>	J. L. C. Ledo	Instrumentos: tem apenas a parte do flautim e da requinta.	Sem referências	Com partitura
<i>Convite – Polka, por E. Cyriaco.</i>	J. L. C. Ledo	Instrumentos: requinta; 2 clarinetes; 2 cornetins; saxofone; 2 trompas bombardino; bombo; caixa.		

Quadrilha de Contradanças⁸³

Nome	Autor	Instrumentos	Data e local	
<i>Quadrilha de Contradanças – á Exm^a Direcção de 1903</i>		Instrumentos: flauta; 2 clarinetes; 2 saxofones; 2 cornetins	Sem referência	Com partitura
<i>Quadrilha de Contradanças Populares.</i>	Posse de J.L.C. Ledo	Instrumentos: requinta; 2 clarinetes; 2 saxofones; 2 cornetins	Sem referência	Com partitura
<i>Le Prince Imperial. Quadrilha Francesa para Banda.</i>	Posse Joaquim Lúcio	Instrumentos: flautim; 2 cornetas; 2 clarinetes; Fígle; trombone	Sem referência	Com partitura

⁸³ «Quadrilha – Dança originalmente para quatro pessoas ou pares que depois se adaptou a um número limitado de participantes» , (Marques, 1986: 575).

A contradança é uma dança muito antiga de origem inglesa (*country dance*). É uma dança campestre. Havia dois tipos de contradanças: os *rounds*, danças circulares, e os *lonways*, danças de coluna. Sobre o assunto ver: <http://www.attambur.com/recolhas/Estremadura/Dancas/contradanca.htm>, consulta no dia 24-09-09.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

<i>Aos Valentes Boers – Quadrilha de Contrações Franceza</i>	J.L.C.L.	Instrumentos: Flautim; requinta; 2 clarinetes; 2 cornetins; trompa; 2 saxofones; trombone.	Sem referência	Com partitura
<i>Infantil – Quadrilha de Contrações Franceza</i>	J. L. C. L	Instrumentos: requinta; 2 clarinetes; saxofone; 2 cornetins; figle.	Sem referência	Com partitura
<i>Chulas – Quadrilha de Contrações</i>	J.L.C.L	Instrumentos: requinta; 2 clarinetes; saxofone; 2 cornetins; figle.	Sem referência	Com partitura
<i>Tunas – Quadrilha de Contrações</i>	J. L. C. L.	Instrumentos: apenas encontram-se as partes do flautim, da requinta e de um 1º clarinete.	Sem referência	Com partitura

1.3.2. Música Instrumental e Vocal

Arranjos de óperas para banda filarmónica

Nome	Autor	Instrumentos	Data e local	
<i>Ouverture de l'opera Martha de Flotow</i>	Posse de Joaquim L. C. Ledo	Instrumentos: flauta; 3 clarinetes; 2 cornetins; trombone; 2 trompas; bombardino.	Sem referências	Com partitura
<i>Cavatina Nell Opera Anna Bollena Dell Mº Donizetti para Banda</i>	Posse Joaquim Lucio	Instrumentos: 4 clarinetes; requinta; trompa; 2 cornetas; Figle; bombo.	Sem referências	Com partitura
<i>Pot – pourri da Opera Lucia de Lammermoor, Del Maestro Donizetti, para banda</i>	C. Ledo	Não tem a indicação dos instrumentos	Sem referências	Com partitura
<i>Norma, 2º acto</i>	Posse de J. L. C. Ledo	Instrumentos: 2 saxofones; requinta; 2 clarinetes; 3 trompas; trombone; bombardino; bombo	Sem referências	Com partitura

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

<i>Cavatina de Soprano da Opera Ildegonda - obrigada a Cornetim para Banda</i>	Oferecida ao Exm ^o . Sr. Joaquim Lúcio	Andamento: Andante; Adagio; Allegro Moderato; Adagio; Andante; Allegro Moderato; Adagio; Allegro Moderato; Adagio; Aleegro Moderato. Instrumentos: cornetim; requinta e flauta (ambas com a mesma parte); 2 cornetas; trompa; Fígle; 2 trombones (só temos a parte do 2º trombone); bombardino.	Sem referências	Com partitura
<i>Lucrezia Borgia</i>	Posse de J. L. C. Ledo	Instrumentos: flautim; requinta; 2 clarinetes; 2 cornetins; 2 saxofones; trompa; trombone; figle.	Sem referências	Com partitura

Sinfonia⁸⁴

Nome	Autor	Instrumentos	Data e local	
<i>Via Lactea, Symphonia</i>	J. Mattos Junior	Andamento: Allegro Instrumentos: flautim; requinta; 4 clarinetes; 2 saxofones; trompa; trombone; bombardino; pancadaria, ou seja, percussão.	25 de Janeiro de 1907	Sem referências
<i>Nicociãna</i>	J. M. Mattos Junior	Andamento: Andante Instrumentos: flautim; requinta, 4 clarinetes; 2 saxofones; 3 cornetins; trompa; trombone; bombardino; bateria	25 de Julho de 1908	Sem referências

⁸⁴ «peça instrumental, confiada, por sinal, à tuba e outros instrumentos.», (Borba & Graça, 1963: 555).

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

<i>Bella Visiva</i>	J. M. M. Junior	Andamento: Allegro Instrumentos: flautim; requinta; 3 clarinetes; 2 saxofones; 3 cornetins; 3 trombones; 3 trompas; 2 bombardinos; Fígle; Bateria	25 de Outubro de 1909	Sem referências
<i>Euterpe, Symphonia</i>	J. D. Oliveira	Andamento: Allegro Instrumentos: flautim; requinta; 4 clarinetes; 2 saxofones; 3 cornetins; 3 trompas; 3 trombones; 2 bombardinos; fígle; Pancadaria.	15 de Abril de 1902	Sem referências
<i>Flores D Inverno, Symphonia</i>	J. Martins	Andamento: Andante Instrumentos: flautim; requinta; 3 clarinetes; 2 saxofones; 3 cornetins; trompa; trombone; 2 bombardinos; fígle; bateria	25 de Janeiro de 1909	Sem referências
<i>Águia real, Symphonia</i>	J. D. Oliveira	Andamento: Andante Instrumentos: flautim; requinta, 4 clarinetes, 2 saxofones; 3 cornetins; 2 trompas; 2 bombardinos; fígle; pancadaria.	25 de Janeiro de 1908	
<i>Estrella Michaellense, Symphonia</i>	A. R. Couto	Andamento: Allegro Instrumentos: flautim; requinta; 4 clarinetes; 2 saxofones; 3 cornetins; 2 trompas; 3	25 de Abril de 1907	

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

		trombones; 2 bombardinos; fígle; bateria.		
--	--	---	--	--

Hino⁸⁵

Nome	Autor	Instrumentos	Data e local	
<i>Hymno do 4º Centenario da India</i>	Augusto Machado	Instrumentos: requinta; 3 clarinetes; 2 cornetins; 2 saxofones; 2 trompas; bombardino; fígle; percussão	1898	Sem referências
<i>Hymno de Magalhães Lima</i>	F. F. Brito		Alhandra, 26 de Outubro de 1892	Sem referências
<i>Hymno de S. M. a rainha D. Amelia</i>		Instrumentos: requinta; 2 clarinetes, 2 saxofones; 2 cornetins; 2 trompas; fígle; percussão		Sem referências

1.3.3. Música Religiosa

Peças Religiosas

Nome	Autor	Instrumentos	Data e local	
<i>Novena de S.ta Ricta de</i>	Joaq.m Lucio de Carvalho	Tem indicação do andamento: Largo. Instrumentos: flautim; 2 clarinetes; 2 trompas	Sem referências	Com partitura
<i>Depois da Missa, Deo</i>	por J.L. C. L.	requinta; 2 clarinetes; saxofone; 2 cornetins,	Sem referências	Com partitura

⁸⁵ «Cântico, poesia ou poema em honra da Divindade, heróis ou glórias nacionais.», (Borba & Graça, 1963: 656).

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

<i>Grattis, Fantasia</i>		trompa; bombardino		
<i>Stabat Mater. Del maestro Rossini</i>	Posse de Joaquim L. de Carvalho Ledo	Andamento: Andantino Instrumentos: requinta; 3 clarinetes, 2 cornetins, trompa; saxofone, bombardino; bombo.	Sem referências	Com partitura

Marcha Fúnebre⁸⁶

Nome	Autor	Instrumentos	Data	
<i>Triste Inspiração – Marcha fúnebre</i>	J. L. C. Ledo	requinta; flautim; saxofone; 2 cornetins; trompa; percussão.	Sem referências	Com partitura
<i>Adoração – Marcha fúnebre</i>	J. L. C. Ledo	flautim; 3 clarinetes; saxofone; 2 cornetins; Bombardino; percussão	Sem referências	Com partitura
<i>A Cruz – Marcha Funebre – “Á Memória de Francisco Manoel Cardoso”</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo	requinta; 2 clarinetes; 2 cornetins, trompa, bombardino; 3 trombones; bombo	Estremoz, 7 de Dezembro de 1902	Com partitura
<i>À Memória de Sua Majestade D. Luiz I. Ordinário fúnebre</i>		requinta; 2 clarinetes; saxofone; 2 cornetins; trompa; 2 trombones; caixa; bombo; pratos.	Sem referências	Com partitura
<i>Silêncio Sepulcral</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura

⁸⁶ «Música destinada a marcar ou a acentuar o ritmo de grupos humanos em movimento.», (Borba & Graça, 1963: 177). A Marcha fúnebre é para ser tocada em funerais ou outras ocasiões de homenagens aos mortos. A mais conhecida é a de Chopin.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

<i>Repouso</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Arcos</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>A Memória de Um Mestre</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Liberal</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Adoração</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Triste Inspiração</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>A Cruz</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Saudade</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Recordação</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Sepulcro</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Martírio</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Na Campa</i> <i>Gratidão</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

<i>Uma Lágrima</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura
<i>Folhas de Cipreste</i>	Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo	Sem referências	Sem referências	Sem partitura

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

1.4. Os instrumentos utilizados pela Sociedade Filarmónica Luzitana

«Uma forma musico-instrumental muito importante, são, [...] mais uma vez [nos Açores] como em Portugal continental, as bandas, compostas essencialmente de instrumentos de sopro, metálicos e outros, e membranofones, tambores e caixas de diversos tipos, e sem características locais particulares, e que se usam sempre em ocasiões públicas de natureza cerimonial, cortejos cívicos ou procissões, e sobretudo, actualmente, nas celebrações do Espírito Santo de muitas regiões, em substituição das velhas “Folias” tradicionais» (Oliveira, 2000: 448-449).

Os instrumentos utilizados pela Sociedade Filarmónica Luzitana já foram citados nos quadros apresentados. Para mais informações sobre os instrumentos consultar anexo.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

1.5. Levantamento das festas

«[...] na imagem da festa que reside na consciência popular, integrando dimensões religiosa e profana, a banda ocupava um lugar central e desempenhava um papel privilegiado de síntese» (Sanchis, 1983:105).

A Sociedade Filarmónica Luzitana participou em inúmeros acontecimentos e festas de diferentes tipologias. Procedeu-se ao levantamento de algumas, conforme se pode observar em anexo, divididas segundo o seguinte critério:

- 1 – Homenagem – a figuras de relevo, incluindo a família Real;
- 2 – Populares/Religiosas – Juntámos estas duas alíneas por considerarmos que a maioria das festas populares realizadas tinham a dupla componente: eram festas do povo, mas ao mesmo tempo comemoravam algum santo ou acontecimento ou personagem religiosa.
- 3 – Recreativas – que não têm nenhum intuito religioso, mas apenas de entretenimento.
- 4 – Tauromáquicas – ocorridas em corridas de toiros
- 5- Concerto Apelativo – um alerta à situação do País
- 6 – Festivas – comemorativas de um feriado ou acontecimento histórico
- 7 – Concertos fúnebres – em homenagem a uma personalidade que tenha falecido

Pode desde já referir-se que as festas Populares/Religiosas e as Recreativas estão em esmagadora maioria.

Paulo Lameiro defende que a vida e o contexto das bandas filarmónicas estão intimamente ligados ao ciclo anual das festas religiosas e profanas, tendo elas um importante papel. As bandas participam nas festas religiosas e contribuem para um maior conhecimento da sua prática associada às funções litúrgicas. Na maioria das vezes, elas estão associadas às funções profanas, tais como as marchas de rua ou os concertos nos coretos. No entanto, «o desempenho de funções litúrgicas [parece] ter sido uma das razões, se não a principal, para que ainda hoje exista no nosso país um número tão significativo de bandas filarmónicas» (Lameiro, 1997: 3).

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

O trabalho desempenhado pela Banda Filarmónica coadunava-se com a tipologia das festas religiosas, como as alvoradas, arruadas e peditórios, missas, procissões, etc, (Ibid.: 21). Elas eram importantes promotoras das bandas e associavam-se entre si, valorizando os espectáculos e as manifestações religiosas e musicais. A filarmónica foi, durante muito tempo, o seu suporte musical.

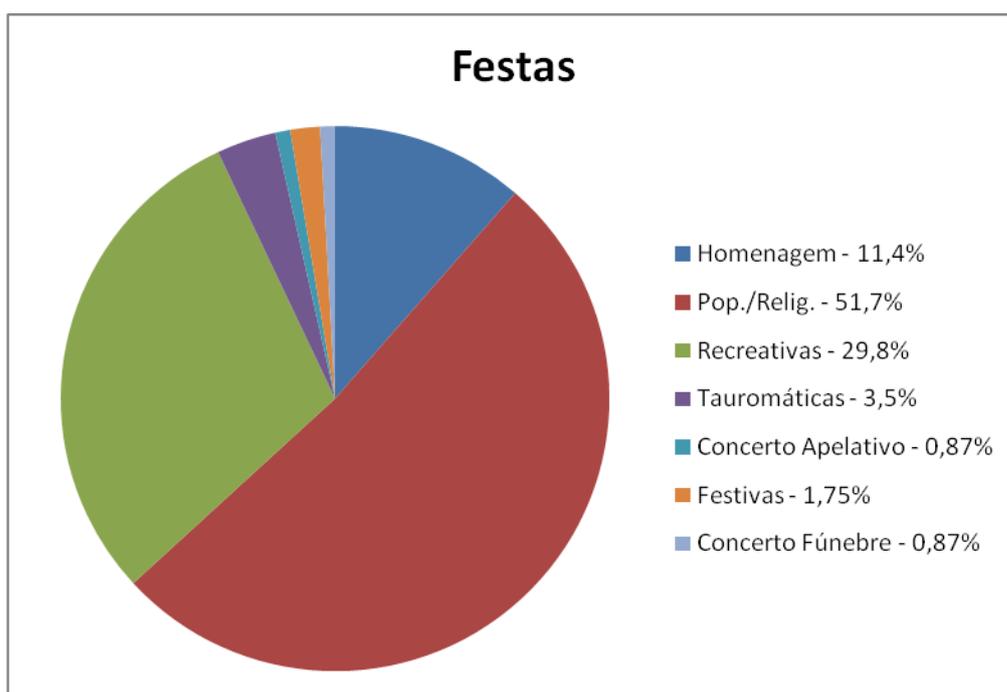


Imagem 16 (Gráfico 1): Festas em que a Sociedade Filarmónica Luzitana participou.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

1.6. Inferências da mútua relação entre o contexto e a Sociedade Filarmónica

Como já se referiu anteriormente, há uma relação próxima entre as bandas e as festas religiosas. Relativamente à Filarmónica Luzitana, a situação é semelhante. No período que é objecto do estudo, a Banda participou em baptizados, nas festas de S. João, de S. Pedro, de Nossa Senhora da Conceição, em missas, em procissões, na festa do Santo Cristo, na festividade de Santa Rita, na de Nossa Senhora do Rosário, nas festas de St. António, de S. Marcos, da Imaculada Conceição, na Procissão dos Passos, na festividade de S. José, na festividade da Ressurreição, na Procissão do Triunfo, na festa da Trindade, na festividade da rainha Santa Isabel, na cerimónia à imagem ao Senhor Jesus dos Passos, providenciou acompanhamento musical em missas, executou peças religiosas durante a missa, actuou no concerto de Natal, na festividade de St^a Margarida, na festividade do Senhor da Piedade, no dia da Ascensão, na festividade do Divino Espírito Santo, na festividade do Carmo, nas festas à exaltação de Santa Cruz, na Procissão da Visitação, na Procissão dos Ramos, na Procissão da Semana Santa, na festa de Nossa Senhora da Saúde.

Frequentemente a sua actividade coincidia com os locais de culto, como Igrejas, capelas e templos, nomeadamente, as capelas de Nossa Senhora da Conceição, a Igreja de St. Agostinho, a Igreja da Misericórdia, a Capela de Nossa Senhora dos Olivais, a Igreja de Santo André, a Igreja de S. Francisco, a Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, o Convento dos Agostinhos, o Templo de S. Francisco, a Igreja de Santo António, a Igreja de S. João de Deus, a Capela do Castelo, a «.....capelinha que encima o passeio d´Avenida», em S. Lázaro, no Antigo Convento de St. Agostinho.

Poderemos, por este motivo, dizer que a Sociedade Filarmónica Luzitana participava em festas e cerimónias religiosas com o seu contributo musical e que os seus elementos deveriam ter educação católica ou professar esta religião. Numa época tão conturbada para a Igreja Católica Portuguesa, em que esta instituição sofreu perseguições de elementos mais radicais do liberalismo, em que lhe foram confiscados bens, em que existia uma certa hostilidade por parte de alguns elementos mais exaltados e fanáticos, apesar de os elementos pertencentes à Sociedade Filarmónica Luzitana

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

terem tendências políticas afectas ao liberalismo, não deixaram de participar activamente em cerimónias religiosas e serem convidados pelos eclesiásticos para porem em prática a sua arte, embrenhando-se activamente na vida religiosa da localidade. De salientar que os conterrâneos dos seus antepassados da Lusa, perante a opressão francesa, desenvolveram um grande fervor religioso para minorar a sua dor, conforme já tinha sido em cima referido.

Da mesma forma, a Filarmónica envolveu-se com energia na vida dos cidadãos, principalmente nos seus momentos de lazer. Concertos ao ar livre, actuações no coreto aos fins-de-semana, foram uma constante, por esta altura. A sociedade saía para dar os seus passeios e ia ouvir a Luzitana a actuar no coreto de Estremoz, na Praça ou no Jardim Público. A Filarmónica executava o seu repertório e o público escutava e aplaudia. Por vezes, era a única diversão numa vida sem grandes alternativas em termos de divertimento e o público reconhecia o talento e a capacidade de animação do agrupamento musical. A Sociedade Filarmónica Luzitana fazia parte da vida de lazer, espectáculo e entretenimento da sociedade de Estremoz aos fins-de-semana.

Outro contributo da Sociedade Filarmónica foi a nível da educação musical. Os seus músicos tinham de ter aulas de solfejo e fazer um investimento em ensaios para dominarem a execução de instrumentos e actualizar o repertório clássico. As músicas eruditas mais elaboradas exigiam, da parte dos elementos da Banda, maiores conhecimentos musicais, maior capacidade de domínio instrumental e esta situação é uma mais-valia para a entidade. Muitos jovens músicos tiveram formação na Filarmónica que, assim, tornou-se uma importante transmissora de conhecimento e de inserção social.

Os elementos que compunham a Banda desde cedo optaram por uma linha ideológica em termos políticos, como foi o liberalismo e as ideias que lhes eram próximas. Após o final da guerra, na altura da reconstrução, reorganização e coesão nacional, a consolidação da monarquia constitucional parece ter estado sempre no espírito da Banda. Por isso, não é de estranhar o grande entusiasmo e a participação da Filarmónica em eventos que tiveram a ver com visitas de elementos da Família Real a Estremoz, aquando do baptizado do príncipe, ou num jantar com que a Família Real foi

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

brindada. Interessantes, também, são alguns indícios que apontam para uma certa instabilidade, aquando da proclamação da República. O livro de actas sublinha esse facto informando da perda ou destruição de muitos documentos durante esse período, o que deixa perceber que se viveu uma certa tensão, não se percebendo se foi por razões de ordem de oposição ao novo regime implantado.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Nota conclusiva

Uma das fontes em que nos baseámos foi um pequeno manual escolar que pertenceu a um senhor que era avô do senhor Arnaldo Silva, tendo o neto o doado à Biblioteca de Estremoz. As notas manuscritas apresentam os ardores patrióticos liberalistas do seu autor e dão a entender que esta ideologia unia fortemente os elementos que compunham a Sociedade Filarmónica Luzitana.

A bibliografia que foi consultada salienta que o movimento associativo eclode em Portugal na década de 40, no século XIX, o que terá contribuído para o nascimento das filarmónicas. Em 1808, já existia um grupo musical organizado em Estremoz e, em 1811, era apelidado de «Lusa».

Em 1884, a Banda tinha 15 elementos, mas em 1886, já tinha ganhado 8 músicos. Eles eram divididos por categorias e recebiam conforme a sua posição na hierarquia.

Em 10 de Maio de 1884, foram aprovados alguns artigos do regulamento interno que diziam respeito a: salários, regras e despesas de deslocação. A 31 de Agosto de 1886, a Direcção reuniu com os músicos para aprovarem alguns estatutos. No dia 17 de Dezembro de 1891, são traçados novos estatutos pela Direcção.

A Direcção da Sociedade Filarmónica Luzitana tinha o seu regulamento próprio, exigindo que os seus músicos o cumprissem. Os músicos tinham de se empenhar e trabalhar em conjunto, procurando que os seus concertos fossem apreciados pelos espectadores.

O repertório presente nas actas resume-se em: passo-dobles, valsas, marchas-fúnebres, mazurcas, peças religiosas, polcas, arranjos de óperas, quadrilhas e contradanças, sinfonias, hinos.

O instrumental da Filarmónica era essencialmente composto por instrumentos de sopro e percussão, tradicionais nas bandas de música.

No levantamento de festas que fizemos, verificámos que as presentes nas actas foram: festas populares e religiosas, recreativas, tauromáquicas, fúnebres,

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

comemorativas, de homenagem. As populares e religiosas estavam em maioria, seguidas pelas recreativas.

Poderemos, também, dizer que, sendo a Filarmónica património local, sofreu a influência do contexto em termos políticos, sociais, religiosos, entre outros, tendo participado socialmente em manifestações religiosas, recreativas e no ensino musical.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

CONCLUSÃO GERAL

As sociedades filarmónicas também encerram uma história. No seu estudo, pode observar-se a sobreposição de épocas que se foram sucedendo ao longo dos tempos. Elaborar uma monografia sobre a Sociedade Filarmónica Luzitana implica um olhar sobre o passado, sobre o que se foi construindo, ano após ano, razão pela qual fizemos um apanhado sobre a música do século XIX, pensando, desta forma, que contribuímos para uma perspectiva geral relativamente aos passos que a Filarmónica deu no período do seu nascimento até ao ano de 1910. Convinha ressaltar as características da Banda, desde a sua constituição, em termos humanos, passando pelo campo instrumental, repertório e finalizando nas actuações. Alguns acontecimentos em seu torno são referidos, nomeadamente de ordem política, divergências entre os seus elementos, local onde ensaiavam, etc. Enfim, todos os elementos contributivos para se fazer o seu «retrato».

Procurou-se dar uma panorâmica das bandas de música em Portugal, salientando como nasceram, sublinhando a influência militar e apresentando as diferenças entre as bandas do meio rural e as do meio urbano e referir um pouco a interacção entre o contexto e a Filarmónica e alguns dos efeitos de um em relação ao outro e vice-versa.

Essencialmente, tentou-se demonstrar a sua importância no panorama musical português.

As fontes que foram utilizadas para a realização do trabalho resumem-se nos poucos trabalhos de investigação realizados, principalmente de autores que estavam directamente ligados às bandas, pois raro foram aqueles que tenham tratado directamente desta temática. Em muitos estudos, as filarmónicas surgem como um assunto mencionado num contexto em que o conteúdo principal é outro. No caso particular da Sociedade Filarmónica Luzitana, mostrou-se imprescindível a análise de material de arquivo sediado na própria Filarmónica, nomeadamente, actas e outros.

Como forma de estruturar o desenvolvimento da realização da monografia, construiu-se algumas questões como base de orientação a que era importante dar resposta e que iria consubstanciar a efectivação do trabalho, salientando o número de

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

músicos que constituíam a Banda, o seu estatuto socioprofissional, características do instrumental, o seu historial, o repertório utilizado, o ambiente e as festividades em que actuavam, os benefícios que obteve, as discussões à sua volta, os acontecimentos políticos que vieram a influenciar a sua vida.

A metodologia adoptada foi marcada por uma atitude de análise diacrónica, desde o nascimento da Filarmónica, acompanhando o seu desenvolvimento, até 1910. É, assim, um estudo por etapas, abrangendo os vários domínios incidentes da sua vida e actuação.

O período que vai desde a génese da Sociedade Filarmónica Luzitana até o ano de 1910, abrange uma grande riqueza de acontecimentos históricos, políticos, de transformações sociais e mudanças no estilo de vida dos cidadãos. A sociedade portuguesa estava a sofrer uma metamorfose profunda nas estruturas que a suportavam, razão pela qual o contexto exterior não terá deixado de influenciar o crescimento da Banda.

O início do séc. XIX e os seus meados foram um período frutífero no nascimento de bandas de música em Portugal. Estas tiveram grande influência das bandas militares, detectáveis em pequenos indícios, desde o fardamento, passando pelo repertório, pela atitude bélica, etc. De Norte a Sul, as filarmónicas foram nascendo, tendo-se iniciado em cidades de dimensão média, proliferando, depois, para pequenas localidades.

As festas em que as bandas de música participavam tinham diversas características: religiosas, de homenagem a uma qualquer personalidade, com fins recreativos, populares, concertos fúnebres, de comemoração de algum acontecimento histórico e de alguma data importante.

Algumas filarmónicas conseguiram mais destaque do que outras, fruto do contexto em que actuavam, mas também por diferentes condicionalismos e constrangimentos particulares.

Não parecem existir grandes diferenças entre as bandas de cidade e as de província, salvo em casos particulares como no número de músicos, instrumental mais variado, repertório maior, mais actuações (no fundo, fruto de maior capacidade financeira). Esta

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

situação dever-se-á ao facto de as bandas possuírem características híbridas, um meio-termo que as coloca entre a cidade e o campo, o erudito e o tradicional/popular.

A Sociedade Filarmónica Luzitana foi criada em 25 de Agosto de 1840. Pode sublinhar-se, neste caso, mais uma vez, o contacto estreito entre as bandas militares e civis, pois presume-se que o primeiro instrumental desta Filarmónica era do Batalhão dos Caçadores da Rainha. Os seus músicos terão transitado para a Banda. Há, contudo, registos que remetem para a pré-existência de grupos musicais organizados na região. Em 1808, parte dos músicos da «Luza», antepassados da Luzitana, foram mortos pelas invasões francesas. Ao findar a guerra, este grupo civil foi reforçado por músicos militares. Em meados deste século, nasce o associativismo. O contexto político influenciou o ânimo dos elementos da Filarmónica, tendo estes optado pela ideologia liberal.

Só é possível falar sobre a constituição da Banda, após a análise feita a dois livros de actas lavradas entre 1884 e 1923. Outras poderão existir, porém, não foram encontradas no arquivo da Sociedade Filarmónica Luzitana. Em 1884, Joaquim Lúcio de Carvalho Ledo torna-se regente da Banda constituída por quinze músicos. Esta era regida por um regulamento estreito que dispensou, no mesmo ano, três músicos por incumprimento. No ano seguinte, recruta-se um músico de Évora. Em 1886, são estabelecidos novos estatutos e a Banda conta com 24 músicos. Estes eram distribuídos hierarquicamente por categorias: a primeira, segunda e terceira e recebiam em percentagem, consoante os lucros. Quem não cumprisse o regulamento era afastado. Em 1891, a Banda perdeu 4 músicos por motivo de saúde. No mesmo ano, perde mais 4 por vários motivos. Neste ano, teria cerca de 33 elementos. Até 1906, há notícia de dispensas de alguns músicos, porém a composição da Banda praticamente não se alterou. Em vinte e seis anos, houve algumas alterações na sua constituição.

Os livros de actas supra-citados permitiram que estudássemos o estatuto socioprofissional dos músicos que constituíam a Banda da Sociedade Filarmónica Luzitana, entre 1884 e 1923. Os estatutos estabeleciam a categorização dos músicos e estipulava o quanto ganhariam. Apresentavam as regras a que os músicos teriam de obedecer e esclareciam sobre quem financiava as deslocações e sobre o valor da multa

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

que teriam de pagar os faltosos. Referiam-se, igualmente à função e salário do regente, assim como às dispensas dos músicos e à necessidade de se efectuarem reuniões.

A pesquisa do repertório da Banda, no período de 1886 a 1910, sofre de constrangimentos motivados por duas situações: a destruição de muitos documentos, aquando da implantação da República, e o facto do Regente Joaquim Lúcio Carvalho Ledo não ter entregado muitos documentos à Filarmónica. Da análise que foi feita pode-se inferir que executou sinfonias, passo-dobles, valsas, marchas fúnebres, mazurcas, peças religiosas, polcas, arranjos de óperas para banda filarmónica, quadrilhas de contradanças e hinos.

O instrumental era constituído por flauta, flautim, requinta, fígale, clarinete, cornetim, saxofone, trompa, trombone, bombardino e instrumentos de percussão, como o bombo e a caixa. Estes instrumentos musicais são característicos tanto das bandas de cidade como rurais.

A Sociedade Filarmónica Luzitana teve repercussões no contexto em que está sediada em vários domínios: entretenimento e lazer, cultural, prestígio regional, político, musical. Mas o meio-ambiente também a influenciou, pois os músicos eram oriundos de Estremoz e possuíam a personalidade da região, com certeza com gostos, usos e costumes da terra imbuídos no seu espírito, inseridos num panorama político, social e cultural, e essa forma particular de sentir e viver não deixou de se manifestar na escolha do repertório e na forma de tocar.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

BIBLIOGRAFIA GERAL

- Andrade, L.M.O. (2000). *História e memória – restauração de 1640: do liberalismo às comemorações centenárias de 1940*. Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro.
 - Andresen, G. M. B. (2002). *Diário de um Monárquico (1905 – 1907)*. Fundação Engenheiro António de Almeida. Porto.
 - *Aurora d'Estremoz*, 1886, Estremoz.
 - Borba, T., Graça, L. (1963). *Dicionário de Música Ilustrado*. Edições Cosmos. Lisboa.
 - Barreto, A., Mónica, M.F. (1982). *Retrato da Lisboa Popular 1900*. Editorial Presença. Lisboa.
 - Brandão, F.C. (1991). *A I república portuguesa – uma cronologia*. Livros Horizonte. Lisboa.
 - Cabral, A. (1974). *Documentos vivos da História de Portugal. Manifesto dos emigrados da revolução republicana de 31 de Janeiro de 1891*. Seara Nova. Lisboa.
 - Cabral, M.V. (1988). *Portugal na Alvorada do século XX. Forças sociais, poder político e crescimento económico de 1890 a 1914*. Editorial Presença. Lisboa.
 - Cardoso, E.C.E.L. (2004). *D. Amélia de Orléans e Bragança, Princesa de França, Rainha de Portugal*. Edição de Autor.
 - Carpeaux, O. (2001). *Livro de Ouro da História da música* (Edição revisada e ampliada de "Uma nova história da música"). Rio de Janeiro: Ediouro. [ISBN 8500008776](https://www.isbn.org/9788500008776)
-

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

- Castelo – Branco, S. e Lima, M. J.(1998). *Práticas Musicais Locais: Alguns Indicadores Preliminares*. Acedido em 6 de Novembro de 2008. www.oac.pt
 - Castro, A. *A Revolução Industrial no século XIX*. Limiar. Lisboa.
 - Catroga, F. (1991). *O republicanismo em Portugal, da Formação ao 5 de Outubro de 1910*. Faculdade de Letras, 2 vols. Coimbra.
 - Catroga, F. e Carvalho, P.A.M. (1996). *Sociedade e Cultura Portuguesas II*. Universidade Aberta. Lisboa.
 - Correia, J. M. R. S. (1970). *O sector cooperativo português : ensaio de uma análise de conjunto*. Lisboa. Petrony.
 - Costa, F. F. (1983). *António Sérgio e a democracia cooperativa*. Lisboa. INSCOOP.
 - Crespo, M. (1950). “Estremoz e o seu Termo Regional”, ed. fac. simulada do Centro Paroquial de Sto. André. Estremoz.
 - Fonseca, H. A. (1996), “Protagonismo, Prestígio Social e Coesão”, in *O Alentejo no século XIX. Economia e Atitudes Económicas*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 185 – 221.
 - Freitas, P. (1946). *História da Música Popular em Portugal*. Tipografia da liga dos Combatentes da Grande Guerra. Lisboa.
 - Goodolphim, C. (1876). *A Associação, Historia e Desenvolvimento das Associações Portuguezas*, Lisboa, Typographia Universal
-

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

- Henrique, L. (1994). *Instrumentos Musicais*. Fundação Calouste Gulbenkian. 2ª Edição. Lisboa.
 - Henriques, A. (1998). *A Incrível. 150 anos*. Câmara Municipal de Almada. Almada.
 - Homem, A.C. (2002). *Da Monarquia à República*. Palimage Editores. Viseu.
 - *Jornal d'Estremoz, 1887- 1910, Estremoz*.
 - Macedo, J. B. (1990). *Fontes Pereira de Melo*. Lisboa. Min. das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Lisboa
 - Marques, A.H.O. (1970). *A Primeira República Portuguesa. Para uma visão estrutural*. Livros Horizonte. Lisboa.
 - Marques, A.H.O. (1981) *Guia de História da 1ª República Portuguesa*. Editorial Estampa. Lisboa.
 - Marques, A.H.O. (1988). *Ensaio de História da I República Portuguesa*. Livros Horizonte. Lisboa.
 - Marques, A.H.O. (1993). *História de Portugal Contemporâneo. Economia e sociedade*. Universidade Aberta. Lisboa.
 - Medina, J. (1994). *História de Portugal Contemporâneo, político e institucional*. Universidade Aberta. Lisboa.
 - Monteiro, N.G. e Oliveira, C. (1996). *História dos Municípios e do Poder Local. Dos finais da Idade Média até à União Europeia*. Círculo de Leitores. Lisboa.
-

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

- Nettl, B. (1956). *Music in Primitive Culture*. Harvard University Press.
 - Oliveira, E. V. (2000), *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Museu Nacional de Etnologia, 3ª edição.
 - Pereira, M. *Demografia e Desenvolvimento em Portugal na Segunda Metade do Século XIX*, p. 85, [analise social.ics.ul.pt/documentos](http://social.ics.ul.pt/documentos).
 - Pestana, M. e Tinoco, I. (2009). *A Indústria e o Comércio da Cortiça em Portugal, durante o Século XIX*, *Silva Luzitana* **17**(1): 1 - 26 © EFN, Lisboa. Portugal.
 - Portugal, L. (2004). *Ranchos Folclóricos e Bandas Filarmónicas. A voz e a alma de Portugal*. Roma Editora. Lisboa.
 - Proença, M. C. *A Regeneração: conceito e a Experiência Nacional – 1820 – 1823*. Lisboa. Livros Horizonte.
 - Ramos, A. A. C. P. (1991), *As Colectividades de Almada (1890-1910). O Associativismo do tipo cultural e recreativo – Tentativa de abordagem ao seu estudo*. Almada: Junta de Freguesia de Almada com o apoio da Câmara Municipal de Almada.
 - Russo, S. B. (Novembro de 2007). *As Bandas Filarmónicas Enquanto Património: Um Estudo de Caso no Concelho de Évora*. Dissertação de Mestrado. Instituto do de Ciências do Trabalho e da Empresa.
 - Sanchis, P. (1983). *Arraial: Festa de um povo, as romarias portuguesas*. Lisboa. Dom Quixote.
-

A Sociedade Filarmónica Lusitana de Estremoz entre 1880 e 1910

- Serrão, J.; Marques, A. H. O. (dir. de) – (1992-03) *Nova História de Portugal*, vols IX, XI e XII, Lisboa, Ed. Presença.
- Toffler, A. (1999). *A Terceira Vaga*, Livros do Brasil.
- Vermelho, J. (2003) *Nas Lavras do Tempo...Sementes e Raízes*. Edições Colibri.
- Vieira, E. (1899). *Dicionário Musical*. 2ª Edição. Editor J. G. Pacini
- Wellesz, E. ed. (1957). *New Oxford History of Music, Vol. 1: Ancient and Oriental Music*.
- Wisnik, J. (1999). *O Som e o Sentido*. São Paulo: Cia das Letras. ISBN 8571640424

Pesquisas na internet:

- *A Geração de 1870*.
<http://portugues..profissional.11.googlepages.com/Geracaode1870.doc.html>, consulta no dia 24-07-09
 - Passos, M. S. *Portugal Dicionário Histórico*.
<http://www.arqnet.pt/dicionario/ms.html>, consulta no dia 26-07-09
 - Sociedade Filarmónica Lusitana. (1884). *Philharmonica Lusitana. Livro das Actas.1884*. Actas lavradas na Sociedade Filarmónica Lusitana entre 1884 até 1902.
-

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

- Sousa, P. A. M. M. (2008) *História da Música Militar Portuguesa*, Tribuna da História. Coleção História Militar.
- Sousa,R.(2009).<http://coretojs.blogspot.com/2009/11/dobrado-uma-marcha-genuinamente.html>, consulta no dia 02-08-09

<http://bandasfilarmonicas.com/bandas.php?id=136>, consulta no dia 04-08-09.

<http://bandasfilarmonicas.com/bandas.php?id=403>, consulta no dia 04-08-09

<http://bandasfilarmonicas.com/bandas.php?id=345>, consulta no dia 04-08-09

<http://bandasfilarmonicas.com/bandas.php?id=34>, consulta no dia 05-08-09

<http://dererummundi.blogspot.com/2008/07/batalho-acadmico-de-1808.html>, consulta no dia 07-08-09

[http://forumpatria.com/historia-deportugal/o-remechido-\(ouremexido\)-jose-joaquim-de-sousa-reis](http://forumpatria.com/historia-deportugal/o-remechido-(ouremexido)-jose-joaquim-de-sousa-reis), consulta no dia 07-08-09

<http://ineviolao.com/arte-cultura/musica/polca.html>, consulta no dia 08-08-09

www.academiamilitar.pt/proelium.../03-tc-marques-de-sousa.html, consulta no dia 09-08-09

<http://www.attambur.com/recolhas/estremadura/dancas/contradanca.htm>, consulta realizada no dia 20 -08-09

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

<http://www.bmlixa.pt.vu>, consulta no dia 20-08-09

ANEXOS

ANEXO 1**CARACTERÍSTICAS DOS INSTRUMENTOS
UTILIZADOS PELA SOCIEDADE FILARMÓNICA
LUZITANA**

A Sociedade Filarmónica Lusitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Requinta⁸⁷

A requinta é um instrumento de sopro. Assemelha-se ao clarinete, porém, diverge deste porque é mais pequeno e porque a sua sonoridade é mais aguda e mais estridente. É um instrumento transpositor em Mi Bemol. É um instrumento musical de sopro, de som grave, forte e de aproximadamente 3 oitavas de extensão sonora.



Imagem 2: imagem de uma requinta

Figle⁸⁸

O figle é um instrumento musical de sopro que possui um som grave e cuja extensão sonora é de três oitavas.



Imagem 3: gravura de um figle

⁸⁷ «De todos os clarinetes mais pequenos que o modelo soprano o mais usado é o clarinete em Mi b, entre nós designado por requinta.» (Henrique, 1994: 290).

⁸⁸ «Instrumento de metal, com grandes orifícios tapados por chaves. O tubo, cónico, é dobrado em dois [...].Chegou a ter lugar na orquestra na primeira metade do séc XIX, até ser substituído pela tuba.» (Henrique, 1994: 344).

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Clarinete⁸⁹

O clarinete é um instrumento musical de sopro. Possui um tubo cilíndrico de madeira que tem uma boquilha em forma de cone com uma palheta e chaves. As chaves são hastes metálicas conectadas com tampas; o objectivo é que estas alcancem os orifícios, pois os dedos não conseguem fazê-lo. Os registos do clarinete são 4: o grave, o agudo, o médio e o super-agudo. Ele foi inventado por Johann Christoph Denner em 1690. São feitos de ébano ou grenadilha. As boquilhas são constituídas por ebonite. É semelhante ao oboé, porém, o clarinete tem a maior extensão de notas dentre os sopros.



Imagem 4: imagem de um clarinete

Cornetim⁹⁰

⁸⁹ «É um aerofone de palheta simples batente que se constrói geralmente em cinco partes: a boquilha (onde se Mais informações sobre o clarinete podem ser encontradas em http://www.eccn.edu.pt/alunos/sofia_tiago/clarinete.htm

⁸⁹ Sobre este assunto pode consultar: <http://www.bandasfilarmonicas.com/instrumentos.php?id=15> ou (Borba & Graça, 1986: 360).

encontra a palheta), o barrilete, mais duas partes intermédias e finalmente o Pavilhão», (Henrique, 1994: 282). Mais informações sobre o clarinete podem ser encontradas em http://www.eccn.edu.pt/alunos/sofia_tiago/clarinete.htm

⁹⁰ Sobre este assunto pode consultar: <http://www.bandasfilarmonicas.com/instrumentos.php?id=15> ou (Borba & Graça, 1986: 360).

A Sociedade Filarmónica Lusitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Foi a invenção do trompete que permitiu o nascimento do cornetim. O seu tubo é mais pequeno e arredondado do que o trompete, transmite um som aveludado e afinado nos registos agudos. Essas suas características permitiram que este instrumento ganhasse destaque e substituísse o trompete em determinadas intervenções melódicas e a solo.

Jean Baptiste Arban (1825-1889) foi um dos maiores impulsionadores deste instrumento.



Imagem 5: imagem de um cornetim

Saxofone⁹¹

Trata-se de um instrumento de sopro que foi inventado em 1840 e patenteado pelo belga Adolphe Sax, em 1846. O som que produz tem características dos instrumentos de madeira, mas também dos de metal. Tem grandes capacidades de execução e potência sonora. O seu timbre, por vezes, assemelha-se à voz humana.



Imagem 6: gravura de um saxofone

⁹¹ Aerofone cujo corpo é de metal. Tem também a forma cónica, alargando para o pavilhão. Sobre este assunto, pode consultar, entre outros, (Henrique, 1994) ou <http://www.bandasfilarmonicas.com/saxofone.pdf>.

A Sociedade Filarmónica Lusitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Trompa⁹²

A trompa é um instrumento de sopro muito antigo e pertence à família do grupo dos instrumentos de metal. É um instrumento de sopro que os antigos egípcios, hebreus, gregos e romanos já conheciam. É enorme, uma vez o comprimento do seu tubo metálico é de 3,7 metros. As chaves são accionadas pelo trompista com a mão esquerda. Ele tem de ter um grande controlo da respiração e dos seus movimentos. O timbre é muito rico, conseguindo-se uma grande variedade.



Imagem 7: gravura de uma trompa

Trombone⁹³

Trata-se de um aerofone e pertence à família dos metais. É um instrumento de sopro que consegue produzir sons grave, mas também agudos, tendo o Romantismo consagrado este instrumento musical.



Imagem 8: gravura de um trombone

⁹² «Para a distinguir da trompa natural chama-se-lhe também por vezes trompa de pistões, trompa cromática ou trompa de harmonia. Uma característica essencial do tubo é ser estreito e muito longo.», (Henrique, 1994: 324). Sobre este assunto pode consultar-se, http://www.eccn.edu.pt/alunos/sofia_tiago/trompa.htm

⁹³ «É constituído por dois tubos em forma de U, um dos quais desliza dentro do outro. [...] O tubo é cilíndrico em dois terços do seu comprimento e na parte final torna-se cónico, transformando-se progressivamente num pavilhão», (Henrique, 1994: 331).

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Percussão⁹⁴

Instrumentos de percussão são aqueles cujo som resulta do impacto, raspagem de um objecto, ou mãos, sobre um outro objecto musical. Também pode ser fruto da agitação de um objecto. Estes objectos têm uma grande variedade, sendo a sua principal função a produção de ritmo. Tambores, triângulos, pratos, xilofones são alguns exemplos de instrumentos de percussão.



Imagem 10: Gravura de instrumentos de percussão

Bombardino⁹⁵

O bombardino é um aerofone que pertence à família dos metais. É um instrumento que pertence à classe das tubas, porque tem um tubo largo e um bocal profundo. O bombardino tem outro nome, eufónio, que deriva da palavra grega *Euphonium* que tem o significado de “som bonito”. O seu timbre é suave, escuro e delicado e tem entre 4 a 6 válvulas. Também é conhecido como tuba tenor. A sua extensão é de 4 oitavas.



Imagem 11: Gravura de um bombardino

⁹⁴ «Categoria dos instrumentos cujas vibrações são produzidas por choque», (Marques, 1986: 364).

⁹⁵ «tipo de saxofone baixo, em geral com quatro pistões, de timbre mais suave do que o do barítono devido a ter o tubo mais largo e cónico.» (Marques, 1986: 598)

A Sociedade Filarmónica Lusitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Flautim⁹⁶

O flautim é um instrumento musical de sopro da família da flauta. Em comparação com a flauta soprano, soa uma oitava acima dela. Não obstante, têm a mesma digitação.

O flautim é constituído por um tubo de 33 centímetros e um bocal. Não é fácil executar este instrumento, possuindo o som mais agudo numa orquestra. Desde o século XIX que tem sido utilizado em orquestras de música erudita.



Imagem 12: gravura de um flautim

Flauta⁹⁷

A flauta é também um instrumento de sopro que produz um som agudo. A sua morfologia é um tubo com orifícios, paletas e um bocal. Trata-se de um instrumento musical muito antigo e pode ter várias formas e ser de metal (comum nas orquestras), madeira ou plástico. Para se produzirem sons, o flautista terá de soprar pelo bucal e tapar os orifícios correspondentes às notas musicais que se pretendem.

⁹⁶ Sobre este instrumento, pode consultar-se: <http://www.covoes.com/aaccc/oficina-flauta.html>

⁹⁷ Sobre este instrumento, pode consultar-se: <http://agnazare.ccems.pt/eb23emus/instrumentos/flauta.htm>

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910



Imagem 13: gravura de uma flauta

Bombo⁹⁸

O bombo tem um som suave e seco. É um instrumento de percussão. O bombo ganha destaque na bateria. Ele é percutido por uma maçaneta que é accionada por um pedal. Na bateria ele é o principal instrumento que produz o ritmo. O seu som é grave. Nas orquestras o bombo sinfónico tem grande dimensão. O bombo também é utilizado em fanfarras. Dado ser um instrumento grande, é levado ao peito, suportado por forte fitas de couro. Os seus tocadores batem em ambas faces com maçanetas.



Imagem 14: gravura de um bombo

Caixa⁹⁹

⁹⁸ «Instrumento de percussão e membrana que é parte integrante da bateria das bandas militares», (Marques, 1986: 203).

⁹⁹ «Tradicionalmente considerada um instrumento de altura indefinida. É um tambor cilíndrico, baixo, de madeira ou metal [...]. Encostadas à membrana inferior estão várias cordas (os bordões) que podem ser metálicas, de nylon ou de tripa (as primeiras usam-se mais na orquestra, as últimas mais nas bandas).», (Henrique, 1994: 69).

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

A caixa é um tambor composto por um corpo de forma cilíndrica. As suas faces são peles que são esticadas e que estão em tensão. Elas estão seguras por aros de metal que estão ligados a uma esteira. O som deste instrumento é repicado e faz lembrar as marchas militares. Não obstante, consegue anular esses sons repicados e produzir sons rítmicos.



Imagem 15: gravura de uma caixa

ANEXO 2**LEVANTAMENTO DAS FESTAS**

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

FESTAS, FESTIVIDADES, COMEMORAÇÕES, HOMENAGENS E CERIMÓNIAS EM QUE A SOCIEDADE FILARMÓNICA LUZITANA DE ESTREMOZ PARTICIPOU

Ano de 1886

Fonte: “A Aurora d’Estremoz” de Domingo, 24 de Outubro de 1886

Data: 22 de Outubro de 1886

Local: Estremoz (porta do edifício onde o General estava alojado)

Tipo de Festa: Cerimonia Festiva

Ocasião: Chegada do General João Leandro Valladas a Estremoz

Ano de 1887

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 16 de Abril de 1887

Data: 14 de Abril de 1887

Local: Estremoz (Paços do Concelho)

Tipo de Festa: Cerimonia Real

Ocasião: Baptizado do Príncipe da Beira

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 14 de Maio de 1887

Data: 15 de Maio de 1887

Local: Estremoz (Praça Pública)

Tipo de Festa: Recreativa. Ao Domingo, as pessoas, no final do século XIX e inícios do séc. XX, iam passear para a Praça, ou para o jardim público. A banda actuava a maior parte dos fins-de-semana no coreto ou na praça.

Ocasião: Concerto habitual de fim-de-semana na Praça Pública ou no “Coreto d’ Avenida”, onde a Sociedade se juntava e aproveitava para passear e ver a Banda tocar.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 18 de Junho de 1887

Data: 23 de Junho de 1887

Local: Estremoz (Adro de S. Agostinho)

Tipo de Festa: Popular

Ocasião: Festas de S. João

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 18 de Junho de 1887

Data: 29 de Junho de 1887

Local: Estremoz (Adro de S. Agostinho)

Tipo de Festa: Popular

Ocasião: Festa de S. Pedro

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 23 de Julho de 1887

Data: 23 de Julho de 1887

Local: Estremoz (Rocio)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana, à noite

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 23 de Julho de 1887

Data: 24 de Julho de 1887

Local: Estremoz (Praça de touros de Sta. Catarina)

Tipo de Festa: Tauromáquicas

Ocasião: Corrida de Touros

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 23 de Julho de 1887

Data: 25 de Julho de 1887

Local: Estremoz (Praça de touros de Sta. Catarina)

Tipo de Festa: Tauromáquicas

Ocasião: Corrida de Touros

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 19 de Novembro de 1887

Data: 16 de Novembro de 1887

Local: Estremoz (Paços do Concelho)

Tipo de Festa: Cerimónia Real

Ocasião: Passagem dos Duques de Bragança por Estremoz (Foram passar algum tempo ao Palácio de Vila Viçosa)

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 10 de Dezembro de 1887

Data: 8 de Dezembro de 1887

Local: Estremoz (Capela de N. Sra. da Conceição)

Tipo de Festa: Popular

Ocasião: Festa em honra de N. Sra. da Conceição

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 10 de Dezembro de 1887

Data: 11 de Dezembro de 1887

Local: Estremoz (Igreja da Misericórdia)

Tipo de Festa: Cerimónia Religiosa

Ocasião: Execução de trechos religiosos durante a Missa

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 10 de Dezembro de 1887

Data: 11 de Dezembro de 1887

Local: Estremoz (Praça Luiz de Camões)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de tarde, ao ar livre

Registo de 11 concertos efectuados. A maioria deles parece-nos ter um carácter de animação no local, ou recreativo onde os estremocenses se reuniam ao fim-de-semana.

Ano de 1888

Fonte: «O Estremocense» de Sábado, 24 de Março de 1888

Data: 18 de Março de 1888

Local: Sousel

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de tarde, ao ar livre

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 24 de Março de 1888

Data: 21 de Março de 1888

Local: Estremoz (Paços do Concelho)

Tipo de Festa: Cerimónia Real

Ocasião: «...gala pelo aniversário natalício de Sua Alteza o Príncipe da Beira...»

Fonte: «O Estremocense» de Sábado, 26 de Maio de 1888

Data: 13 de Maio de 1888

Local: Estremoz (Rocio)

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana, ao ar livre

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 26 de Maio de 1888

Data: 28 de Maio de 1888

Local: Estremoz (Igreja de S. Agostinho)

Tipo de Festa: Cerimónia Religiosa

Ocasião: “...em acção de graças pelas melhoras da exma. sra. D. Ignacia Tavares, digna esposa do exmo. sr. João da Silva Tavares, abastado proprietário desta villa...”

Fonte: «O Estremocense» de Sábado, 8 de Dezembro de 1888

Data: 9 de Dezembro de 1888

Local: Estremoz (Igreja da Misericórdia)

Tipo de Festa: Cerimónia Religiosa

Ocasião: Execução de peças religiosas durante a missa

Fonte: «O Estremocense» de Sábado, 8 de Dezembro de 1888

Data: 9 de Dezembro de 1888

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana, ao ar livre

Registo de 6 concertos efectuados, sendo, a sua maioria, de carácter recreativo. Parece que ao fim-de-semana uma das distrações dos estremocenses era juntarem-se no Rocio Marquez de Pombal e no coreto da Avenida, onde a Banda Filarmónica Luzitana executava peças do seu repertório.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910**Ano de 1889**

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 6 de Abril de 1889

Data: 5 de Abril de 1889

Local: Estremoz (Arruada)

Tipo de Festa: Cerimónia Religiosa

Ocasião: Procissão

Fonte: “O Estremocense” de Sábado, 18 de Maio de 1889

Data: 12 de Maio de 1889

Local: Estremoz (Rocio)

Tipo de Festa: Cerimónia Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana, ao ar livre

Fonte: “O Estremocense” de Sábado, 25 de Maio de 1889

Data: 24 de Maio de 1889

Local: Évora

Tipo de Festa: Populares

Ocasião: “...festejos d’Évora...”

Fonte: «O Estremocense» de Sábado, 22 de Junho de 1889

Data: 17 de Junho de 1889

Local: Estremoz

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Tipo de Festa: Arraial popular

Ocasião: Festa ao Santo Cristo

Fonte: “O Estremocense” de Sábado, 22 de Junho de 1889

Data: 20 de Junho de 1889

Local: Estremoz

Tipo de Festa: Arraial popular

Ocasião: Festividade de Santa Rita

Fonte: “O Estremocense” de Sábado, 13 de Julho de 1889

Data: 11 de Julho de 1889

Local: Estremoz (Entrada do «palacete» do Conde da Praia e Monforte)

Tipo de Festa: Cerimónia de boas-vindas

Ocasião: Estadia em Estremoz, na sua residência, do Conde da Praia e Monforte

Fonte: “O Estremocense” de Sábado, 31 de Agosto de 1889

Data: 1 de Setembro de 1889

Local: Estremoz (Freguesia de Arcos)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festividade de N. S. da Conceição

Fonte: «O Estremocense» de Sábado, 14 de Setembro de 1889

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Data: 8 de Setembro de 1889

Local: Azaruja (Concelho de Évora)

Tipo de Festa: Tauromáquica

Ocasião: Corrida de Touros

Fonte: “O Estremocense” de Sábado, 14 de Setembro de 1889

Data: 12 de Setembro de 1889

Local: Estremoz (Rocio)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana, ao ar livre

Fonte: “A voz d’Estremoz “ de Quinta-feira, 7 de Setembro de 1899

Data: 1 de Outubro de 1899

Local: Elvas (Freguesia de Santa Eulália)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festas em honra de Nossa Senhora do Rosário

Foram registados 10 concertos que mais marcaram as festividades em que a Banda actuou. São, sobretudo, arraiais populares de festas religiosas dentro da cidade de Estremoz. Estas festividades são um marco relevante de distração da população, tendo a Banda Filarmónica Luzitana estado sempre presente.

Ano de 1890

Fonte: “O Jornal d’Estremoz” de Sábado, 8 de Fevereiro de 1890

Data: 8 de Fevereiro de 1890

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Local: Estremoz (Antigo Convento de S. Agostinho)

Tipo de Festa: Concerto Apelativo

Ocasião: manifestação sobre a situação financeira do país.

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 8 de Março de 1890

Data: 9 de Março de 1890

Local: Estremoz (Igreja da Misericórdia)

Tipo de Festa: Cerimónia Religiosa

Ocasião: Execução de trechos de carácter Religioso durante a missa.

Fonte: “O Jornal d’Estremoz” de Sábado, 26 de Abril de 1890

Data: 27 de Abril de 1890

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana, ao ar livre

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 26 de Julho de 1890

Data: 27 de Julho de 1890

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana, ao ar livre

Fonte: “O Jornal d’Estremoz” de Sábado, 16 de Agosto de 1890

Data: 15 de Agosto de 1890

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Cerimónia Festiva

Ocasião: Comemoração do feriado nacional

Fonte: “O Jornal d’Estremoz” de Sábado, 16 de Agosto de 1890

Data: 24 de Agosto de 1890

Local: Freguesia dos Arcos, em Estremoz

Tipo de Festa: Festa religiosa

Ocasião: Festa de Santo António

Registo de 6 concertos. A Banda executa os dois tipos de festas: religiosas e recreativas, estas últimas no cortejo da avenida ao fim-de-semana.

Ano de 1891

Fonte: “O Jornal d’Estremoz” de Sábado, 15 de Abril de 1891

Data: 25 de Abril de 1891

Local: Estremoz (Freguesia de Évora Monte)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festa de arraial em honra de S. Marcos

Fonte: “O Jornal d’Estremoz” de Sábado, 23 de Maio de 1891

Data: 24 de Maio de 1891

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana, ao ar livre

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 23 de Maio de 1891

Data: 25 de Maio de 1891

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana, ao ar livre

Fonte: “O Estremocense” de Sábado, 20 de Junho de 1891

Data: 15 de Junho de 1891

Local: Estremoz

Tipo de Festa: Cerimónia de boas-vindas

Ocasião: Chegada do Marquez da Praia e Monforte a Estremoz

Fonte: «O Estremocense» de Sábado, 20 de Junho de 1891

Data: 15 de Junho de 1891

Local: Estremoz (à porta do «palacete» do Marquez da Praia e Monforte)

Tipo de Festa: Concerto de boas-vindas

Ocasião: Estadia do Marquez da Praia e Monforte em Estremoz

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 15 de Agosto de 1891

Data: 15 de Agosto de 1891

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana, ao ar livre

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Fonte: «O Estremocense» de Sábado, 29 de Agosto de 1891

Data: 6 de Setembro de 1891

Local: Estremoz (Freguesia dos Arcos)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festa a Nossa Senhora da Conceição

Fonte: “O Estremocense” de Sábado, 29 de Agosto de 1891

Data: 6 de Setembro de 1891

Local: Estremoz (Freguesia dos Arcos)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festa a Santo António

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 5 de Dezembro de 1891

Data: 7 de Dezembro de 1891

Local: Estremoz (Capela de Nossa Senhora dos Olivais)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Arraial popular

Registo de 9 concertos. Em 1891, as festas religiosas das aldeias circundantes da então vila de Estremoz, principalmente na freguesia de Arcos. Esta localidade era um aspecto emblemático e típico das pequenas povoações da província e, claro, era imprescindível que houvesse uma banda de filarmónica para animar o arraial. Na altura, era a Banda Filarmónica Luzitana que realizava os concertos das «pomposas festas».

A banda Filarmónica Luzitana também gostava de receber na sua própria terra as altas individualidades, como é o caso do Conde Marquez da Praia e Monforte e, não perdia uma oportunidade de tocar cada vez que chegava o burguês a Estremoz para se instalar

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

na sua residência. Penso que o título Conde era comprado, pois no séc. XIX a alta burguesia comprava títulos

A Sociedade Filarmónica Luzitana, entretanto, numa outra ocasião já o tinha nomeado seu sócio honorário, tendo ele aceitado: "...A philarmonica Luzitana nomeou o illustre fidalgo seu sócio honorário, acceitando s.ex^a o cargo..." Fonte: "Estremocense" de Sábado 13 de Julho de 1889.

Ano de 1892

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 20 de Fevereiro de 1892

Data: 21 de Fevereiro de 1892

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana, ao ar livre

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 11 de Junho de 1892

Data: 13 de Junho de 1892

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana, ao ar livre

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 23 de Julho de 1892

Data: 24 de Julho de 1892

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana, ao ar livre

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 19 de Novembro de 1892

Data: 20 de Novembro de 1892

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana, ao ar livre

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 24 de Dezembro de 1892

Data: 21 de Dezembro de 1892

Local: Paço Real em Vila Viçosa

Tipo de Festa: Concerto

Ocasião: Exibição de algumas peças durante um jantar «...de Sua Majestade El-Rei...»

Registo de 5 concertos. A sua maioria continua a ser recreativos.

Ano de 1893

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 9 de Dezembro de 1893

Data: 8 de Dezembro de 1893

Local: Estremoz (Capela de Nossa Senhora da Conceição)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festa da Imaculada Conceição

Regista-se um concerto.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910**Ano de 1894**

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 24 de Fevereiro de 1894

Data: 9 de Março de 1894

Local: Estremoz

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Procissão dos Passos

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 31 de Março de 1894

Data: 9 de Março de 1894

Local: Estremoz (Igreja de Santo André)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festividade da Ressurreição

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 31 de Março de 1894

Data: 8 de Abril de 1894

Local: Estremoz (Igreja de Santo André)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festividade de S. José

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 5 de Maio de 1894

Data: 6 de Maio de 1894

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana, ao ar livre

Registo de 4 concertos. Festividades religiosas, na sua maioria.

Ano de 1897

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 3 de Abril de 1897

Data: 2 de Abril de 1897

Local: Estremoz (Arruada)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Procissão dos Passos

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 10 de Abril de 1897

Data: 11 de Abril de 1897

Local: Estremoz (Arruada)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Procissão do Triumpho

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 22 de Maio de 1897

Data: 23 de Maio de 1897

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Intercâmbio entre 2 Bandas Filarmónicas: Filarmónica Operária Setubalense e Filarmónica Luzitana de Estremoz

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 12 de Junho de 1897

Data: 13 de Junho de 1897

Local: Borba (Freguesia de Rio de Moinhos)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festa da Trindade

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 3 de Julho de 1897

Data: 3 de Julho de 1897

Local: Estremoz (Castelo)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festividade da rainha Santa Isabel

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 3 de Julho de 1897

Data: 8 de Julho de 1897

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Comemoração

Ocasião: Festa nacional pelo 4º centenário da partida de Vasco da Gama para a Índia

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 7 de Agosto de 1897

Data: 4 de Setembro de 1897

Local: Estremoz (Igreja de S. Francisco)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festa “...em homenagem á devotissima imagem do Senhor Jesus dos Passos...”

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 11 de Dezembro de 1897

Data: 1 de Dezembro de 1897

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 11 de Dezembro de 1897

Data: 10 de Dezembro de 1897

Local: Estremoz (Igreja de S. Francisco)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festividade da Conceição

Registo de 9 concertos. As festas são, na sua maioria, religiosas...

Ano de 1898

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 26 de Março de 1898

Data: 25 de Março de 1898

Local: Estremoz (Arruada)

Tipo de Festa: Religiosas

Ocasião: Procissão dos Passos

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 21 de Maio de 1898

Data: 17 de Maio de 1898

Local: Estremoz (Coreto)

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Tipo de Festa: Religiosas

Ocasião: Procissão dos Passos

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 2 de Julho de 1898

Data: 3 de Julho de 1898

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 2 de Julho de 1898

Data: 4 de Julho de 1898

Local: Estremoz (Castelo)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festividade da Rainha Santa Isabel

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 23 de Julho de 1898

Data: 24 de Julho de 1898

Local: Estremoz (Praça de Touros)

Tipo de Festa: Tauromáquica

Ocasião: Corrida de touros

Fonte: "A voz d'Estremoz" de Quinta-feira, 15 de Dezembro de 1898

Data: 11 de Dezembro de 1898

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Homenagem

Ocasião: “...na segunda feira no Corêto da Avenida o valse intitulado *Valor e Brio* devido à inspiração do nosso amigo sr. Joaquim José Nazareth, um disticto amator de musica d’ Elvas”.

Pensamos que este «amigo» que o jornal «A voz d’ Estremoz» refere seja alguém que escrevia peças para a Banda Filarmónica Luzitana e as oferecia à mesma. No arquivo da Banda existem partituras, as quais, na sua folha de rosto, verifica-se a palavra “Elvas”.

Fonte: “A voz d’Estremoz” de Quinta-feira, 15 de Dezembro de 1898

Data: 14 de Dezembro de 1898

Local: Estremoz

Tipo de Festa: Cerimónia Real

Ocasião: Passagem da Rainha D. Amélia por Estremoz.

Registo de 7 concertos efectuados, na sua maioria, festas religiosas.

Ano de 1899

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 31 de Dezembro de 1898

Data: 1 de Janeiro 1899

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana

Fonte: “O Jornal d’ Estremoz” de Sábado, 18 de Fevereiro de 1899

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Data: 20 de Janeiro 1899

Local: Estremoz (Igreja de S. Francisco)

Tipo de Festa: Concerto fúnebre

Ocasião: Primeiro aniversário da morte de umas das Senhoras da família Telles de Estremoz. "...afim de suffragar a alma da exma. sra. D. Maria Rosa d'Assumpção Telles, por ser o primeiro aniversario do passamente d'esta extincta senhora..."

Fonte:"O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 18 de Março de 1899

Data: 17 de Março 1899

Local: Estremoz (Arruada)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Procissão dos Passos

Fonte:"O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 25 de Março de 1899

Data: 26 de Março 1899

Local: Estremoz (Arruada)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Procissão do Triumpho

Fonte:"O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 27 de Maio de 1899

Data: 1de Junho 1899

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 12 de Agosto de 1899

Data: 12 de Agosto 1899

Local: Évora (Sociedade Almeida Garret)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto (...em benefício do cofre da mesma Sociedade...)

Fonte: «A voz d'Estremoz » de Quinta-feira, 7 de Setembro de 1899

Data: 1 de Outubro de 1899

Local: Elvas (Freguesia de Santa Eulália)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festas em honra de Nossa Senhora do Rosário

Fonte: "O Jornal d'Estremoz " de Sábado, 9 de Setembro de 1899

Data: 10 de Setembro 1899

Local: Estremoz (Templo de Nossa Senhora dos Martyres)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festividade de Santa Maria

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 2 de Dezembro de 1899

Data: 3 de Dezembro 1899

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 9 de Dezembro de 1899

Data: 8 de Dezembro 1899

Local: Estremoz (Igreja de S. Francisco)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: "Festividades da Conceição"

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 17 de Dezembro de 1899

Data: 20 de Dezembro 1899

Local: Estremoz (Não diz especificamente o lugar)

Tipo de Festa: Cerimónia festiva

Ocasião: "...passaram por esta villa, em direcção a Villa Viçosa, Suas majestades El-Rei o Sr. D. Carlos e a Rainha D. Maria Amélia, e suas Altezas O Principe Real e o Senhor Infante D. Manoel..."

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 23 de Dezembro de 1899

Data: 25 de Dezembro de 1899

Local: Estremoz (Igreja da Misericórdia)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Execução de peças religiosas durante a missa.

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 23 de Dezembro de 1899

Data: 25 de Dezembro de 1899

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Concerto de Natal

13 concertos registados. A maioria são festas religiosas.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Ano de 1900

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 26 de Maio de 1900

Data: 27 de Maio de 1900

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 3 de Novembro de 1900

Data: 4 de Novembro de 1900

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 22 de Dezembro de 1900

Data: 21 de Dezembro de 1900

Local: Estremoz (Não diz especificamente o lugar)

Tipo de Festa: Cerimónia Festiva

Ocasião: Passagem da família real por Estremoz

Registo de 3 concertos, ao fim-de-semana, em Estremoz, protagonizados pela Banda Filarmónica Luzitana. Continuava a ser um dos principais marcos de distração da sociedade local.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Ano de 1901

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 30 de Março de 1901

Data: 31 de Março de 1901

Local: Estremoz (Arruada)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Procissão do Triumpho

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 6 de Abril de 1901

Data: 8 de Abril de 1901

Local: Estremoz (Arruada)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Procissão do Triumpho

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 20 de Julho de 1901

Data: 21 de Julho de 1901

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 31 de Agosto de 1901

Data: 8 de Setembro de 1901

Local: Estremoz (Freguesia de S. Bento do Ameixial)

Tipo de Festa: Religiosa

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Ocasião: Festividade de Santa Margarida

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 26 de Outubro de 1901

Data: 27 de Outubro de 1901

Local: Estremoz (Bairro de Santiago)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festividade do Senhor da Piedade

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 2 de Novembro de 1901

Data: 1 de Novembro de 1901

Local: Estremoz (Igreja de Santo André)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festividade de Santo André

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 16 de Novembro de 1901

Data: 17 de Novembro de 1901

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 21 de Dezembro de 1901

Data: 21 de Dezembro de 1901

Local: Vila Viçosa (Paço Real)

Tipo de Festa: Cerimónia Real

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Ocasião: Concerto durante o jantar da família Real

Registo de 8 concertos, na sua maioria festas religiosas.

Ano de 1902

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 25 de Janeiro de 1902

Data: 26 de Janeiro de 1902

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 22 de Março de 1902

Data: 23 de Março de 1902

Local: Estremoz (Arruada)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Procissão do Triumpho

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 10 de Maio de 1902

Data: 8 de Maio de 1902

Local: Estremoz (Freguesia de Santa Vitória)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Comemoração do dia d'Ascensão

Registo de 3 concertos, na sua maioria, festas religiosas.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Ano de 1903

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 17 de Maio de 1903

Data: 18 de Maio de 1903

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 31 de Maio de 1903

Data: 31 de Maio de 1903

Local: Estremoz (Convento dos Agostinhos)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festividade do Divino Espírito Santo

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 7 de Junho de 1903

Data: 8 de Junho de 1903

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana

Registo de 3 concertos, na sua maioria, são concertos de fim-de-semana. Não existe qualquer registo de concertos ou festas que a Banda Filarmónica tivesse feito em 1904.

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Ano de 1905

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 22 de Abril de 1905

Data: 24 de Abril de 1905

Local: Estremoz (Capela de Nossa Senhora dos Martyres)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festa da Ressurreição

Registo de um concerto. Festa religiosa.

Ano de 1906

Estas festas religiosas acabavam sempre com arraial pela Banda Filarmónica Luzitana. Considero estes concertos como festas Religiosas pois invocam sempre um santo.

A banda Filarmónica Luzitana parece que já não está no seu auge, pois começa a aparecer, cada vez menos, em todas as festividades. Protagoniza agora os arraiais populares ou as festas religiosas ou então os concertos no coreto ao fim-de-semana, a Banda Filarmónica Artística Estremocense

Um exemplo: "Sábado 9 de Junho de 1906"

Fonte: "Jornal d'Estremoz"

"Musica no passeio (é o título)

Com agrado geral dos circunstantes, tocou no coreto d'Avenida ante-hontem á noute, a reputada Philharmonica Artistica, (...). Muito desejávamos que a philarmonica Luzitana tomasse o exemplo da sua congénere, mostrando-se de vez em quando satisfazendo assim o desejo do publico, e mesmo para que não se ignore a sua existência"

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 9 de Junho de 1906

Data: 17 de Junho de 1906

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Local: Estremoz (Templo de S. Francisco)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: "...offícios religiosos da trezena de Santo Antonio..."

Fonte:"O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 16 de Junho de 1906

Data: 16 de Junho de 1906

Local: Estremoz (Igreja de Santo António)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festa a Santo António

Fonte:"O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 16 de Junho de 1906

Data: 17 de Junho de 1906

Local: Estremoz (Igreja de Santo António)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festa a Santo António (2 dias de festa, com arraial pela Filarmónica Luzitana)

Fonte:"O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 21 de Julho de 1906

Data: 16 de Julho de 1906

Local: Estremoz (Igreja de S. João de Deus)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festividade do Carmo

Fonte:"O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 28 de Julho de 1906

Data: 28 de Julho de 1906

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 25 de Agosto de 1906

Data: 1 de Setembro de 1906

Local: Estremoz (Não diz especificamente o local)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festas à Exaltação de Santa Cruz

7 registos de concertos, na sua maioria, são festas religiosas, as quais terminam com arraial popular e é onde a Banda intervém.

Ano de 1907

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 30 de Março de 1907

Data: Não diz a data da realização da procissão

Local: Estremoz (Arruada)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Procissão da Visitação

Apenas um registo de uma procissão.

Não há qualquer registo de festa onde a Banda tenha actuado, em 1908

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910**Ano de 1909**

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 12 de Junho de 1909

Data: 19 de Junho de 1909

Local: Estremoz (Igreja de Santo André)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festa de S. José

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 12 de Junho de 1909

Data: 20 de Junho de 1909

Local: Estremoz (Igreja de Santo André)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festa de S. José

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 3 de Julho de 1909

Data: 4 de Julho de 1909

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 3 de Julho de 1909

Data: 4 de Julho de 1909

Local: Estremoz (Capela do Castelo)

Tipo de Festa: Religiosa

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Ocasião: Festividade da Rainha Santa Isabel

Fonte: "O Jornal d' Estremoz" de Sábado, 16 de Outubro de 1909

Data: 4 de Julho de 1909

Local: Estremoz (...capelinha que encima o passeio d'Avenida)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festividade do Santo Cristo

Ano de 1910

Fonte: "O Ecco d'Estremoz" de Quinta-feira, 17 de Março de 1910

Data: 20 de Março de 1910

Local: Estremoz (Arruada)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Procissão dos Ramos

Fonte: "O Ecco d'Estremoz" de Quinta-feira, 24 de Março de 1910

Data: 24 de Março de 1910

Local: Estremoz (Arruada)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Procissão da Semana Santa

Fonte: "O Ecco d'Estremoz" de Quinta-feira, 24 de Março de 1910

Data: 27 de Março de 1910

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

Local: Estremoz (Coreto)

Tipo de Festa: Recreativa

Ocasião: Concerto de fim-de-semana

Fonte: “O Ecco d’Estremoz” de Domingo, 22 de Maio de 1910

Data: 22 de Maio de 1910

Local: Estremoz (Freguesia de S. Bento do Ameixial)

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: “...festa annual que consta de cerimonia d’egreja, de manhã, arraial e venda de fogaças á tarde. É abrilhantada pela Real Luzitana...”

Fonte: “O Ecco d’Estremoz” de Domingo, 18 de Setembro de 1910

Data: 19 de Setembro de 1910

Local: Elvas

Tipo de Festa: Popular

Ocasião: Festa anual

Fonte: “O Ecco d’Estremoz” de Quinta-feira, 29 de Setembro de 1910

Data: 2 de Outubro de 1910

Local: S. Lázaro

Tipo de Festa: Religiosa

Ocasião: Festividade em honra de Nossa Senhora da Saúde

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910

A Sociedade Filarmónica Luzitana de Estremoz entre 1880 e 1910